



Fernanda Pacheco Ferreira

**Pulsão e relação de objeto  
no pensamento psicanalítico contemporâneo**

**Tese de doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientador: Octavio Almeida de Souza

Rio de Janeiro  
Março de 2008



**Fernanda Pacheco Ferreira**

**Pulsão e relação de objeto  
no pensamento psicanalítico  
contemporâneo**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>o</sup>. Octavio Almeida de Souza**  
**Orientador**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig**  
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Prof<sup>o</sup>. Guilherme Gutman Corrêa de Araújo**  
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Prof<sup>o</sup>. Nelson Ernesto Coelho Junior**  
Instituto de Psicologia - USP

**Prof<sup>o</sup>. Julio Sergio Verztman**  
Instituto de Psiquiatria - UFRJ

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**  
Coordenador Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de março de 2008

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da autora, do orientador e da universidade.

## FERNANDA PACHECO FERREIRA

Possui graduação em Psicologia (2000), mestrado (2003) e doutorado (2008) em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com estágio doutoral na Université René Descartes - Paris V (2006-2007) e Diplôme d'Université en psychiatrie infantile (2007) pela mesma universidade. Tem experiência na área de psicologia clínica, com ênfase em psicanálise.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Fernanda Pacheco

Pulsão e relação de objeto no pensamento psicanalítico contemporâneo / Fernanda Pacheco Ferreira; orientador: Octavio Almeida de Souza. – 2008.  
149 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Pulsão. 3. Relação de objeto. 4. Intersubjetividade. 5. Trauma. 6. Clivagem. 7. Integração. 8. Compulsão à repetição. 9. Winnicott. 10. Ferenczi. 11. Psicanálise contemporânea. I. Souza, Octavio Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para meus pais

## Agradecimentos

A Octavio Souza por orientar meu percurso acadêmico desde a graduação, levando-me sempre a enxergar novos e instigantes temas e questões na psicanálise.

A meu co-orientador estrangeiro, Bernard Golse, e à equipe da Unité de Jour do Necker Enfants Malades.

Aos queridos amigos de infância, de hoje e sempre: Miguel, Claire, Tati, Cecilia e Ju.

Aos amigos “psi”: Perla, Suzana, Dani, Julio, Adriana, Guilherme, Ciça e Bia pelas discussões, amizade e incentivo em todos os momentos e ao longo da feitura da tese.

A todos que tornaram a estadia na França ainda mais agradável: Suzana, Clarissa, Erwann e Tatiana. Também a Fabienne, Rita, Diane, e aos queridos Michela e Houssain.

A meus pais, irmão e sobrinho, porto seguro de amor e encorajamento desde sempre.

Especialmente a Octavio, pelo amor, companheirismo, apoio e carinho em todas as horas. E às crianças, Helena e Miguel, que também acompanharam esse processo.

Aos colegas, professores e funcionários da PUC-Rio.

Por fim, ao CNPq por ter tornado a feitura dessa tese possível através do apoio concedido pela bolsa de doutorado e também à CAPES pela bolsa sanduíche na França.

## Resumo

Ferreira, Pacheco Fernanda; Souza, Octavio Almeida (orientador). **Pulsão e relação de objeto no pensamento psicanalítico contemporâneo.** Rio de Janeiro, 2008. 149p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A teoria pulsional foi, e continua sendo, constantemente repensada e modificada. É essencialmente em torno da questão pulsional que as diferentes escolas pós-freudianas se posicionam e configuram abordagens teóricas e clínicas por vezes antagônicas. Após contextualizar a origem do conceito de pulsão e apresentar suas modificações na obra de Freud, a tese foca a releitura dos teóricos da relação de objeto, especialmente Winnicott, marcando sua filiação ferencziana. Ao contrário de Freud, para quem a pulsão é a substância mesma da experiência, em Winnicott, a pulsão só vem a ganhar importância na experiência em um segundo momento, após a integração do *self*. A partir da perspectiva winnicottiana, e da leitura mais recente de autores franceses, como André Green, que procuram enriquecer a teoria pulsional com as teorizações e os dados clínicos da perspectiva da relação de objeto, a tese visa mostrar como a oposição entre as duas teorias, a da pulsão e a da relação de objeto, está sendo ultrapassada na psicanálise contemporânea.

## Palavras-chave

Pulsão; relação de objeto; intersubjetividade; trauma; clivagem; integração; compulsão à repetição; Winnicott; Ferenczi; psicanálise contemporânea.

## Resumé

Ferreira, Pacheco Fernanda; Souza, Octavio Almeida (directeur). **Pulsion et relation d'objet dans la pensée psychanalytique contemporaine** Rio de Janeiro, 2008. 149p. Thèse de Doctorat – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La théorie pulsionnelle n'a jamais cessé d'être constamment repensée et modifiée. C'est essentiellement autour de la question du pulsionnel que les différentes écoles post-freudiennes se positionnent, configurant des choix théoriques et cliniques divers et parfois même antagoniques. Après avoir éclairci l'origine du concept de pulsion et présenté les modifications que l'œuvre freudienne y a apportées, la thèse expose la relecture des théoriciens de la relation d'objet, notamment Winnicott, soulignant leur filiation ferenczienne. La pulsion chez Winnicott ne prend de l'importance que dans un deuxième moment, après l'intégration du *self*. De ce point de vue et selon les contributions de quelques auteurs français, comme André Green, qui essayent d'enrichir la théorie pulsionnelle avec les données cliniques issues de la perspective objectale, la thèse vise aussi à démontrer comment l'opposition entre la théorie classique de la pulsion et la théorie de la relation d'objet est dépassée dans la psychanalyse contemporaine.

## Mots clefs

Pulsion; relation d'objet; intersubjectivité; trauma; clivage; intégration; compulsion à répétition; Winnicott; Ferenczi; psychanalyse contemporaine.

## Sumário

1 Introdução	9
2 Contextualizando a pulsão	14
2.1 A origem do termo <i>Trieb</i>	14
2.2 A origem do conceito na filosofia	19
2.3 A primeira teoria pulsional em Freud	24
2.4 A segunda teoria pulsional	35
2.5 Além da pulsão de morte: a compulsão à repetição em Ferenczi	44
3 Um lugar para a pulsão em Winnicott?	54
3.1 O <i>self</i> , a integração e a experiência	63
3.2 A agressividade e criatividade primárias	74
3.3 Os estados tranquilos e excitados	84
3.4 A natureza humana segundo winnicott	93
4 Em direção à ultrapassagem da oposição pulsão / objeto	101
4.1 Intrapsíquico e intersubjetivo	101
4.2 Pulsão e intersubjetividade: a solução de Laplanche	109
4.3 Trauma, clivagem e simbolização: um novo modelo psicanalítico	117
5 Conclusão	130
6 Referências bibliográficas	133



# 1 Introdução<sup>1</sup>

A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica (Freud).

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro (Freud).

A inegável falta de coesão do campo teórico e clínico da psicanálise não cessa de provocar questões importantes. Desde seu nascimento, a psicanálise conviveu com dissidências. Embora Freud sempre tenha insistido no caráter inacabado da teoria e na necessidade de aprofundamento e clarificação futura de seus conceitos, ele não estava disposto a aceitar modificações que comprometessem os principais pressupostos da doutrina<sup>2</sup>. Enquanto vivo, cuidou para que aqueles, como Adler e Jung, em cujas construções não se encaixavam as pedras angulares da teoria, fossem afastados. E tolheu, na medida do possível, os discípulos e colegas, como Rank e Ferenczi, quando desenvolveram idéias muito divergentes. Após sua morte, contudo, garantir a unidade do campo psicanalítico tornou-se tarefa mais complicada. Se, por um lado, a crescente heterogeneidade de orientações complexificou e ampliou a extensão do campo psicanalítico, enriquecendo a teoria e a clínica, por outro, também dificultou o entendimento entre as diferentes correntes.

Na psicanálise contemporânea, portanto, convivem, de forma relativamente independente e protegida, um grande número de teorias que, quando se encontram, parecem mais propícias ao embate do que ao debate. Já em 1975, Green contestava a possibilidade de falar da psicanálise no singular, alertando para o risco de uma possível babelização do campo psicanalítico. De fato, alguns desenvolvimentos e remanejamentos ao longo da história da psicanálise foram tão extensos que o emprego de um termo ou conceito em uma

---

<sup>1</sup> Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pela autora. Os grifos nas citações, exceto quando indicado, obedecem à forma original.

<sup>2</sup> “A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista” (Freud, 1923a, p. 264).

corrente pode adquirir uma significação completamente diferente em outra. O conceito de pulsão é um dos melhores exemplos deste tipo de problema, pois foi em torno dessa noção que se operaram as revisões mais marcantes da teoria e da técnica psicanalítica. A teoria das pulsões foi, ao mesmo tempo, um dos pilares da psicanálise mais criticado, e mais ferozmente defendido, e nunca deixou de ser constantemente remanejada, tanto pelo próprio Freud como por toda psicanálise pós-freudiana.

Pode-se dizer que a controvérsia em torno da idéia de pulsão de morte constituiu um dos principais desencadeadores da pluralização de alternativas e posicionamentos. Em relação à segunda teoria das pulsões, é de se notar que nenhum dos sistemas teóricos pós-freudianos segue à risca o conceito de pulsão de morte<sup>3</sup>. Mesmo Melanie Klein, que o adota abertamente, parece concebê-lo apenas sob o aspecto da agressividade, diferindo da proposta de Freud. Além disso, não é claro se a pulsão de morte que ela concebe é psicológica ou biológica, embora os kleinianos tendam a abordá-la de forma psicológica, enfatizando a fusão das pulsões de vida e de morte em diversos graus, sendo importante perceber na clínica quando cada uma predomina. Ferenczi, por sua vez, reconhece os efeitos mortíferos da pulsão de morte, mas parece atribuir-lhe um papel não constitucional, enquanto Winnicott recusa veementemente o conceito, embora lide, na maior parte do tempo, com casos nos quais há um verdadeiro fator anti-vida operando no sujeito. Um autor como Laplanche propõe um monismo pulsional no plano psicológico, sendo a sexualidade psíquica a única pulsão, dividida em pulsão sexual de vida ligada e pulsão sexual de morte não ligada. Já para Green, a oposição entre pulsão de vida e de morte está em seus representantes, ou seja, em suas manifestações nas relações objetais: enquanto função objetalizante (ligação), e desobjetalizante (desinvestimento).

No que se refere à idéia de pulsão propriamente dita, cabe ressaltar que, na renovação do campo psicanalítico<sup>4</sup>, há objeções que se referem a aspectos pontuais da noção e outras que colocam em causa a validade de sua utilização, enquanto modelo explicativo do funcionamento psíquico<sup>5</sup>. Neste último caso, para citar apenas duas destas objeções, encontram-se a perspectiva hermenêutica e a perspectiva interpersonalista. Ambas abandonam o conceito de pulsão junto com toda a concepção metapsicológica. A primeira, que tem em Ricoeur um de seus representantes, recusa qualquer teoria explicativa

---

<sup>3</sup> Cf. Rechartd e Ikonen, 1998.

<sup>4</sup> Trata-se aqui de um panorama geral que não pretende esgotar a riqueza de posicionamentos das diversas correntes psicanalíticas em relação à teoria pulsional e ao conceito de pulsão.

<sup>5</sup> Cf. Souza, 2000.

naturalista já que, em realidade, a psicanálise só teria acesso ao sentido, isto é, ao conteúdo das representações e sua carga afetiva. A segunda, representada por Schäfer e Spence, entre outros, também defende a psicanálise como disciplina interpretativa e não enquanto uma ciência natural, opondo todo modelo explicativo a uma teoria clínica (Widlöcher, 1996). O posicionamento mais radical em relação à pulsão é justamente o das críticas de inspiração personalista, que ganham cada vez mais hegemonia no movimento analítico americano.

Entre os que apenas restringiram o alcance da teoria pulsional freudiana estão os psicanalistas das teorias da relação de objeto, que propuseram uma dimensão não-pulsional da experiência psíquica como mais primordial para a constituição do psiquismo. A renovação proposta por autores como Fairbairn, Balint e Winnicott partiu da clínica, da necessidade de dar conta de configurações psicopatológicas consideradas por Freud como não passíveis de serem tratadas pelo método psicanalítico, e culminou na valorização do papel do ambiente e no interesse pelo desenvolvimento primitivo do indivíduo.

Nas últimas três décadas, no meio psicanalítico francês, no qual a teoria pulsional e a metapsicologia guardam toda sua força, encontram-se tentativas de articulação da teoria da pulsão com a teoria da relação de objeto<sup>6</sup>. Embora adotando posicionamentos diferentes, autores como Anzieu, Fédida<sup>7</sup>, Widlöcher, Green, Roussillon e Golse, entre outros, assumem um papel importante no desenvolvimento de uma psicanálise contemporânea bastante interessada pelas diversas linhas pós-freudianas. A presente tese segue esta orientação, ou seja, busca examinar as conseqüências da revisão da teoria pulsional operada pelos teóricos da relação de objeto, mais especificamente por Winnicott, articulando-a com a leitura de autores franceses, em especial Green e Roussillon, que procuram enriquecer a perspectiva pulsional com a teoria da relação de objeto.

Dessa forma, o primeiro capítulo contextualiza o conceito de pulsão: a origem popular da palavra e seus usos, apresentando em linhas gerais seu espectro semântico na língua alemã; e também sua gênese enquanto conceito, na filosofia do século XVIII, enfatizando sua anterioridade e independência em relação à psicanálise. Ainda neste mesmo capítulo, a evolução da teoria da pulsão em Freud é abordada, com especial relevo para a reação negativa de parte da comunidade analítica à introdução do conceito de pulsão de morte.

---

<sup>6</sup> Há autores, como Greenberg e Mitchell, que não concordam com essa articulação. Para eles uma tentativa desse tipo apenas acarreta distorções fundamentais no conjunto de conceitos e pressupostos que sustentam cada uma das teorias, a pulsional e a da relação objetal. Cf. Greenberg e Mitchell, 1994.

<sup>7</sup> Fédida e Anzieu, já falecidos.

Além disso, foi importante demonstrar que o discípulo mais criativo de Freud, Sándor Ferenczi, seguindo as pistas da compulsão à repetição na clínica, abriu o caminho para um novo campo possível de trabalho clínico, além das psiconeuroses. Salientou-se também que sua sensibilidade clínica frutificou, anos mais tarde, em um grupo original de psicanalistas na Inglaterra, o chamado Grupo do Meio ou dos Independentes, do qual Winnicott pode ser considerado o principal representante.

No segundo capítulo, a obra de Winnicott é apresentada tendo sempre como referência o lugar que a pulsão ocupa em seu pensamento. Procurou-se clarificar, na medida do possível, o emprego muitas vezes pouco rigoroso que este autor faz de termos como força vital, instintos, necessidades, impulsos, os quais, em realidade, possuem implicações muito diferentes. Além disso, foi necessário mostrar que, em Winnicott, as pulsões não desempenham um papel primário na constituição da experiência do sujeito; elas ganham relevância apenas após um primeiro momento não-pulsional da experiência, cuja principal realização se refere à provisão da continuidade da existência por parte do meio. A primeira parte desse segundo capítulo apresenta e examina este momento, através dos conceitos de integração e da idéia de *self* como emergência. Ainda com o objetivo de delimitar o lugar do pulsional em Winnicott, as temáticas da agressividade e criatividade primárias e a distinção que o autor estabelece entre os estados tranqüilos e excitados foram trabalhadas. O capítulo é concluído com algumas reflexões a respeito do livro *Natureza humana*, no qual Winnicott faz afirmações importantes sobre as pulsões. Sempre que possível, chamou-se atenção para os momentos em que seu pensamento se aproxima do de Ferenczi.

No terceiro e último capítulo, a partir de autores mais recentes, e ainda tomando Winnicott e Ferenczi como referência, as oposições entre teoria da relação de objeto e teoria da pulsão e, na clínica, entre *holding* e interpretação foram questionadas. Através de uma problematização das perspectivas intrapsíquica e intersubjetiva da constituição da subjetividade, procurou-se salientar a riqueza de se pensar a interdependência desses dois campos. A partir dessas constatações e da idéia de que pulsão e intersubjetividade não constituem paradigmas necessariamente opostos, foi apresentada a reformulação da teoria pulsional empreendida por Laplanche. Mas como a revisão proposta por este autor concerne mais especificamente ao campo das neuroses, a última parte deste capítulo dedica-se também a pensar os avanços da psicanálise no estudo e tratamento de estruturas não-neuróticas. Através das

contribuições de autores como Green e Roussillon, procurou-se indicar como, cada vez mais, cabe à psicanálise contemporânea a tarefa de explorar essas dimensões em conjunto, pulsão e objeto, interno e externo, para além do modelo freudiano.

Por fim, é importante notar que o conceito de pulsão funciona como uma espécie de ponto de corte, a partir do qual se pode obter uma amostra das diversas correntes que se constituíram ao longo da história da psicanálise e que compõem o campo psicanalítico contemporâneo. A importância desse debate é que ele não se restringe a um preciosismo teórico; adotar ou não um ponto de vista pulsional implica diferentes concepções acerca do conflito psíquico e, conseqüentemente, influi de forma direta na intervenção psicanalítica, abrindo a possibilidade de abordagens clínicas diversas. É por isso que esta discussão, tão velha como a história da psicanálise, permanece ainda atual. A pulsão sempre foi pivô de debates calorosos e controvertidos; esta tese é um convite à continuidade do debate.

## 2 Contextualizando a pulsão

A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente. (...) Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todas essas pequenas pulsões *ad hoc*, escondia-se algo sério e poderoso, do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela (Freud).

### 2.1 A origem do termo *Trieb*

Nenhuma outra língua é tão concreta e espacial como o alemão, afirma Goldschmidt (1988), “o alemão é precisamente incapaz de qualquer abstração” (p.16). De fato, o alemão é essencialmente popular<sup>8</sup> e a maioria de seus termos abstratos foi tomada de empréstimo de outras línguas, como o francês, por exemplo. Por conta dessa característica, na língua de Freud, diferentemente do francês e do português, nos quais abundam raízes gregas e latinas, o acesso ao que está sendo dito é imediato. Contudo, “o que é particular em uma língua é justamente o que não o é na outra” (Goldschmidt, 1988, p. 55) e, desse modo, as traduções nem sempre logram alcançar a amplitude de significado e de uso originalmente presentes, e *Trieb* é um desses conceitos que sofreu a ‘traição’ da tradução. Mas há males que vêm para o bem e, se muitos mal-entendidos decorreram desses ‘desvios’, também surgiram alternativas que, mesmo não tão fiéis ao sentido original, apontaram para novos caminhos e possibilidades interpretativas. Nesses casos, a tradução é também recriação.

De origem germânica e de uso corrente no alemão, *Trieb* é um termo polissêmico, de sentido muito amplo, referindo-se a todos os tipos de motivação humana. Embora seu primeiro emprego na psicanálise tenha sido em 1905, nos *Três ensaios*, a palavra possui uma história bem mais antiga e seu uso na língua alemã datava de séculos, quando Freud a transformou na base de sua metapsicologia. Muito antes de fazer sua entrada na filosofia e na psicanálise, portanto, o substantivo *Trieb* e o verbo *treiben* eram empregados na linguagem cotidiana e em contextos variados como na botânica, na caça e na física.

No *Deutsches Wörterbuch*, dicionário de Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos mais pelos contos infantis do que pelo trabalho como filólogos, os

---

<sup>8</sup> *Deutsch* é uma palavra antiga que significa popular. Cf. Goldschmidt, 1988, p.30.

irmãos destacam diversos exemplos de uso da palavra *Trieb* no alemão. Hanns resumiu o extenso verbete:

- Designa a ação de Treiben (tocar, tanger) o gado, bem como a atividade de tocar animais que estão sendo caçados.
- Na linguagem literária e filosófica do século XVI, aparece na acepção de propulsor externo, significando “estímulo” (*Reiz*), ou no sentido de “compulsão/coerção” (*Zwang*), ou ainda como um princípio maior (*Instinctus Divinus*), referindo-se em geral a elementos que são internalizados. Também é empregado na acepção de objetivo, motivo, algo que estimula e impele. Uma motivação externa ou interna (espontânea).
- Tem o sentido de processo mecânico transitivo e intransitivo, designando o empurrar, a propulsão (freqüentemente referindo-se à força de propulsão da água); também aparece na técnica de artilharia como sinônimo de tiro, ou ainda como sinônimo de força que impele o tiro. Designa ainda a força motriz da máquina e do vento.
- Em botânica, o termo se refere à força orgânica que faz brotar, remete à imagem de força dos seres vivos em geral, expressa o *Drängen* (pressionar/ansiar) inerente aos seres vivos, o qual promove a saída de dentro para fora.
- Num uso bastante incomum é encontrado também no sentido de forte influência ou tortura (*quälten, plagen, Peinigung*) [DW, 2-c, 438].
- Na acepção de força motriz interna aparece como *Drang* (ânsia, vontade, pressão, necessidade), *Lust* (prazer-vontade) e *Energie* (energia). Pode referir-se a uma força interna indefinida que tem efeito em geral espontâneo. Pode ter o sentido de um *Drang* (ânsia, pressão) com um objetivo definido. Também é empregado como significando temperamento forte ou tenacidade.
- Na filosofia e na psicologia do século XVIII, tem o sentido de *instinct* e designa as moções (*Regungen*) primitivas e naturais. Também é empregado em composição com outros termos para nomear instintos específicos (*ÄußerungsTrieb*, instinto de expressar; *NachahmungsTrieb*, instinto de imitar etc.).
- Na literatura e na poesia aparece em conexão com o amor e a sensualidade (Hanns, 1996, pp.340-41).

Nem todas essas definições se encontram ainda em uso, mas, de todo modo, fica claro que as idéias de movimento, de crescimento, de força impelente e de energia são as mais evocadas. Essas idéias formam um núcleo básico de sentido em torno do qual, de acordo com Hanns (1999), gravitam os significados mais comuns de *Trieb* encontrados atualmente: algo que propulsiona, põe em movimento, toca para frente, e não deixa parar. Assim, ele destaca os seguintes significados ligados a esse núcleo básico:

- 1- Força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene (também utilizado como verbo). *Sentia um ímpeto de viver, de viajar, de conhecer novas terras e pessoas.*
- 2- Tendência, inclinação. Ele segue cegamente suas inclinações, sem respeitar nada e ninguém.
- 3- Instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades. *A criança tem um instinto de mamar.*
- 4- Ânسيا, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa (também utilizado como verbo). *O assassino sentiu um impulso (ânsia) de matar. (...)*
- 5- Broto, rebento (vegetais). Designa na botânica, o broto que nasce do caule (também utilizado como verbo). *Um novo broto apareceu esta semana* (p.29-30).

Hanns (1999) também especifica que, a partir de seu uso no alemão, a

manifestação de *Trieb* pode ser esquematizada em quatro momentos entrelaçados, do geral ao singular, como exemplificado no quadro abaixo: 1) de forma genérica, como uma grande força que impele ou Princípio da Natureza; 2) como uma força que se manifesta biologicamente, pondo em ação os seres de cada espécie; 3) como brotando *no* indivíduo, enquanto fenômeno somático-energético; e 4) algo que se manifesta *para* o indivíduo, percebido como um imperativo pessoal, como fenômeno psíquico que leva à ação.

DIMENSÕES ONDE SE MANIFESTA <sup>9</sup>			
Na Natureza em Geral	Nas Espécies Biológicas	No Indivíduo da Espécie	Para o Indivíduo da Cultura
FORMAS DE MANIFESTAÇÃO			
Grande Força que Impele	Instintos ou Disposições	Estímulos ou Impulsos Nervosos	Imagem Interna, Impulso, Idéia, Representação, Afeto, Tendência, Necessidade, Vontade
CAMPOS DE MANIFESTAÇÃO			
Sentido (metafísica e filosofia da biologia)	Finalidade (paradigma biológico)	Fisiologia (visão neuroanatômica)	Mundo Psíquico (psicologia)

Como acontece com muitos termos em alemão, *Trieb* pode designar dois momentos diferentes de uma mesma ação, o momento em que a fonte externa toca o sujeito e o momento em que o efeito desse contato é percebido internamente. Além disso, *Trieb* pode ser usado tanto para referir-se ao conjunto como para designar um dos elementos isolados. Nesse caso, dependendo da dimensão e da forma de manifestação da força impelente a que o falante alemão esteja se referindo, seu interlocutor atribuirá o significado de *Trieb* a um elemento ou a um conjunto de elementos.

Muitas vezes *Trieb* também é usado como sinônimo de desejo, palavra que, aliás, segundo Goldschmidt (1988, p.78), é intraduzível para o alemão. Embora os dois termos sejam muito mais próximos entre si do que *Trieb* é da palavra instinto, o desejo se insere em um movimento diferente do de *Trieb*. Em relação ao desejo, seria mais correto dizer que ele atrai e não que impele e avança. O desejo também traz consigo, de alguma forma, o objeto, enquanto que o *Trieb* é uma força independente do que encontra em seu caminho. Portanto, é importante precisar:

Enquanto base não-volitiva e categórica, o *Trieb* pode tanto assumir a forma de um 'instinto' quanto de um 'querer'. *Situa-se, pois, anteriormente a ambos*. É algo

<sup>9</sup> Hanns, 1999, p.33.



genérico e impessoal, maior que o sujeito isolado, algo atemporal. *O Trieb simplesmente existe*; tal qual o ‘impulso de respirar’, ele é a ‘base do próprio querer’, a base a partir da qual se gera a necessidade, a ânsia, a vontade, o querer e o desejo. Não é de imediato percebido como torturante ou desagradável, torna-se torturante se não o realizamos (ou não o satisfazemos) – por exemplo, não respirar, não comer etc. (Hanns, 1996, pp.339-40, grifos meus).

Na tentativa de cobrir o sentido de algo que impulsiona o sujeito de dentro e que o faz avançar, *Trieb* foi traduzido em francês por *pulsion*<sup>10</sup>, um termo artificial e pedante, distante da acepção simples e popular que possui no alemão. Enquanto *Trieb* faz parte do vocabulário de qualquer criança alemã, *pulsão* é um termo um tanto abstrato. Apesar disso, trata-se de uma alternativa mais interessante, quando comparada a outras. Como se sabe, uma das grandes polêmicas em torno deste conceito está em sua restrição a somente uma de suas possibilidades semânticas, enquanto sinônimo de instinto, questão que remonta à tradução das obras completas de Freud do alemão para o inglês, feita por Strachey. Para o editor das obras completas, os diversos ataques e críticas feitos à sua opção de tradução de *Trieb* por *instinct*, e não por *drive* (impulso), seriam equivocados por dois motivos: o fato de *drive*, quando usado nesse sentido de impulso, não ser, ao menos na época da tradução, uma palavra inglesa, e também pela dificuldade de se encontrar uma forma adjetiva para este vocábulo.

Esse uso da palavra *drive* não é encontrado no grande dicionário Oxford, nem no seu primeiro suplemento de 1933 (embora este fosse suficientemente atualizado para incluir ‘*cathexis*’). E também não se encontra em nenhum dos compêndios de psicologia de língua inglesa (Strachey, 1966, p.31).

Ainda de acordo com Strachey (1966, p.32), a única complicação residia no fato de o próprio Freud usar, numa meia dúzia de casos, a palavra alemã ‘*Instinkt*’ no sentido de instinto animal e, quando isso ocorreu, Strachey considerou suficiente chamar a atenção para o fato mediante nota de rodapé. Segundo Hanns (1999), em geral, quando *Trieb* é usado “no sentido de ‘instinto’, refere-se a *uma força biológica motivadora que leva os membros da espécie a agir visando sempre à mesma finalidade*” (pp. 34-5). Para Hanns, a diferença entre as duas palavras é mais de natureza conotativa e de amplitude de significação, os dois termos sendo até empregados como sinônimos, não se distinguindo entre aquilo que é biológico-animal e o que é humano. E Freud ocasionalmente utiliza também, seguindo as possibilidades do termo em alemão,

<sup>10</sup> A palavra *pulsion* não estava em uso há mais de um século quando passou a traduzir o *Trieb* freudiano. Segundo Scarfone (2005a, p.14), antes de cair em desuso, o termo significara, no século XVII, em Gassendi (filósofo, astrônomo e matemático francês), o impulso compreendido na *pulsão-atração*, denotando também a propagação do movimento num meio líquido e elástico.

a palavra *Instinkt* como sinônimo de *Trieb*, aplicando-a a seres humanos. Apesar dessa ressalva, o fato é que o *Instinkt* é muito mais limitado do que *Trieb*. Enquanto este último abarca a totalidade de um movimento que se inicia como força impelente geral dos seres vivos e desemboca como impulso ou tendência do indivíduo, *Instinkt* se refere à manifestação dessa força geral na espécie, como uma tendência mais rígida de comportamento, dirigida a atividades e objetos determinados. Ao enfatizar precisamente o fato de que o objeto era o que havia de mais variável na pulsão e ao ampliar a idéia de sexualidade, separando o impulso daquilo que o satisfaz, Freud sugere que uma fundamental diferença entre o homem e os outros animais é justamente a plasticidade das formas de satisfação.

Para os comentadores de Freud é praticamente um consenso o termo instinto referir-se aos instintos inatos dos animais, denotando um comportamento pré-fixado, manifestado de forma relativamente invariável dentro de uma mesma espécie, não se aplicando a seres humanos. No pensamento psicanalítico francês, tal distinção é abertamente aceita e amplamente debatida, desde que Lacan insistiu na divisão radical entre instinto e pulsão. Simplificando e resumindo bastante sua posição central a esse respeito, pode-se dizer que, para Lacan, a pulsão não pode ser confundida com o instinto, pois ela não é tributária do biológico, ela não é um fenômeno natural, trata-se de uma montagem através da qual a sexualidade participa da vida psíquica. É de se notar que no início de seu ensino, Lacan considerava a pulsão pelas suas possíveis transformações gramaticais (passivo, reflexivo e ativo), sendo a pulsão o efeito da linguagem sobre o ser vivo. Mais tarde, a partir do seminário IX, com o desenvolvimento do conceito de objeto *a*, a pulsão passa a ser considerada sob o aspecto de sua vinculação ao registro do real. No Seminário XI, Lacan relê a primeira teoria das pulsões à luz da segunda, separando a pulsão da necessidade. Para ele,

não se trata absolutamente no *Trieb* da pressão de uma necessidade tal como *Hunger*, a fome ou o *Durst*, a sede. De fato, para examinar o que é do *Trieb*, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce ao nível da totalidade? (...) É o vivo que está interessado aqui? Não. (Lacan, 1964, p.184).

Tudo o que concerne à conservação do indivíduo – as pulsões do eu – é relegado a um registro diferente do pulsional. Nas elaborações de Freud, como será examinado a seguir, o que fica patente é a força constante da pulsão, sua busca imperiosa por satisfação. Lacan mostrará a absoluta impossibilidade dessa saciação, enfatizando que, na impossibilidade de satisfação plena, a pulsão terá que se contentar com os objetos parciais que lhe são oferecidos. Em

Lacan, o mecanismo do pulsional é explicado a partir do laço entre corpo e linguagem, ou seja, concedendo um papel decisivo às estruturas lingüísticas, cuja lógica se sobrepõe ao funcionamento biológico.

Já para os autores de língua inglesa, para os quais, em geral, a relação entre animal e humano não é concebida como uma ruptura e sim como uma continuidade, a distinção clara entre instinto e pulsão não parece constituir uma preocupação. No trabalho de um autor como Winnicott, por exemplo, a influência de Darwin contribui decisivamente para a idéia de um processo 'natural' do desenvolvimento, como será abordado no próximo capítulo. Como já foi assinalado, atualmente, há uma tentativa, por parte de alguns autores franceses (Green, Roussillon, Anzieu, Widlöcher, entre outros), de levar em consideração as contribuições de psicanalistas de tradição inglesa num sentido complementar, o que será detalhado no último capítulo.

## 2.2

### A origem do conceito na filosofia

Agora que o léxico do termo *Trieb* já foi minimamente definido e as questões principais a respeito de sua tradução para outras línguas foram apontadas, vale examinar brevemente a origem do *Trieb* enquanto conceito propriamente dito. Primeiramente utilizado em sentidos e contextos muito diversos, o termo adquire, com os filósofos da segunda metade do século XVIII e das primeiras décadas do XIX, um sentido técnico e preciso no quadro de um debate sobre o homem e suas motivações. *Trieb* passa, a partir de então, a fazer parte do vocabulário da psicologia e da antropologia, ganhando, assim, um papel central nas ciências do espírito do século XIX.

Na filosofia, o *Trieb* ficou exageradamente atrelado à ciência da natureza e também a seu uso na antropologia kantiana, numa concepção do homem enquanto ser natural dotado de certos *Triebe* animais e humanos. Contudo, segundo Buchenau (2002), trata-se de um equívoco pensar o *Trieb* como um conceito oriundo das ciências da natureza que teria, posteriormente, sido transposto à esfera moral. Em seu artigo *Trieb, AnTrieb, Triebfeder*, a autora<sup>11</sup> tenta resgatar o sentido original que revestia o conceito antes de Kant.

---

<sup>11</sup> Não é possível entrar aqui na densidade do debate filosófico introduzido pela autora, mas apenas seguir suas indicações a respeito do contexto a partir do qual esse conceito de *Trieb* emerge, no início do século XVIII.

[O] *Trieb* emerge no contexto de uma antropologia, entendida no sentido amplo que revestia o termo antes de Kant; como uma disciplina que procura estabelecer toda a particularidade do homem, aquela do homem *inteiro*, considerado como um ser natural e livre. Dito de outra forma, para os autores da primeira e da segunda geração da *Aufklärung*, a distinção kantiana entre perspectiva antropológica e perspectiva moral ainda não está em questão. Para eles, pode-se pensar o homem como *Triebwesen* e como agente moral e livre, sem que haja aí uma oposição, sem que se trate de duas perspectivas diferentes sobre o homem, de duas esferas, aquela do ser e aquela do dever-ser, e é esta tese que nos interessa aqui (Buchenau, 2002, p. 12).

Buchenau defende a tese de que esse termo não faz simplesmente parte de um esforço de tradução do latim para o alemão de conceitos diversos como *appetitus*, *nisus*, *impetus*, *conatus*, *instinctus*, *prima naturalia*, mas que se trata de um conceito novo que nasce, no século XVIII, da reflexão sobre questões morais, políticas e antropológicas. A autora busca, então, apresentar o *Trieb* no contexto de uma visão holística do homem, presente em três autores iluministas pré-kantianos, e seus respectivos discípulos: Christian Thomasius (1655-1728) e seu discípulo Andreas Rüdiger (1673-1731); Christian Wolff (1679-1754) e seu discípulo Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) e Christian Augustus Crusius (1715-1775) que, por sua vez, faz uma discussão crítica dos predecessores.

Assim, em Thomasius, o *Trieb* seria um estado da vontade traduzido para ações exteriores. Vontade e entendimento são as duas principais forças do homem, irredutíveis uma a outra. O entendimento sozinho não é capaz de explicar por que o homem considera uma coisa como um bem, isto é, por que ele deseja o objeto que vê. A vontade, em contrapartida, pode obter o bem que ela visa. Thomasius associa à vontade quatro movimentos da alma (*Gemünthsbewegungen*) dentre os quais estão os *Triebe*. Assim, a vontade é posta em movimento a partir de uma primeira impulsão de origem corporal e exterior e de uma segunda impulsão, esta interior, no sistema nervoso. O terceiro movimento denomina-se inclinação (*Gemünthsneigung*), sendo o primeiro movimento propriamente da vontade. Consiste numa impulsão corporal interior sofrida pela vontade, marcando um momento passivo. O quarto movimento, chamado de *Trieb*, exprime a atividade da vontade.

Thomasius ressalta que (...) há necessidade de um primeiro momento passivo: 'sem as paixões que antecedem, as ações da alma não são efetivas (*Wircklich*); pois como pensar em alguma coisa que não foi sentida anteriormente? e como escolher alguma coisa quando não se experimentou nenhuma inclinação por esta mesma coisa?' (Buchenau, 2002, p. 14).

Thomasius vai integrar o *Trieb* da vontade na sua definição de homem: "O homem é um ser corporal que se move, que pensa, que se inclina em direção a

alguma coisa e que é ele mesmo motor (*antreiben*) de sua ação” (Thomasius *apud* Buchenau, 2002, p.14). Em suma, a referência à razão não é suficiente para determinar a natureza do homem, que possui outros traços específicos e notadamente certas tendências da vontade. Segundo Buchenau, a contribuição de Thomasius à história do *Trieb* consiste em introduzi-lo como tendência psicossomática, como propriedade especificamente humana e irreduzível à razão. Seu discípulo Rüdiger classificará, em seguida, pela primeira vez, os *GrundTriebe* propriamente humanos de acordo com seu objeto específico.

Wolff, por sua vez, sem comentar diretamente o termo *Trieb*, inicia um novo debate sobre a motivação individual. Para o filósofo, todo agente é atraído ao objeto que considera como o melhor ou o mais perfeito pelo prazer que lhe produz a representação desse objeto. Toda ação livre tem uma causa, causa impulsiva (*Bewegungsgrund*). “Nós chamamos razões/causas motoras (*Bewegungsgründe*) as razões de nossas volições e de nossas nolições, de modo que a representação do bem, o motivo, torne-se a causa motora” (Wolff *apud* Buchenau, 2002, p.18). Em Wolff, a noção de *Bewegungsgrund* possui os dois sentidos: de razão e de causa motora<sup>12</sup>. Seu discípulo, Baumgarten, introduzirá explicitamente *Trieb* ou *Triebfeder* para designar a causa motora. Este autor toma a imagem de *Triebfeder* da mecânica onde ela designa a mola propulsora (o móvel) que coloca a máquina em movimento. Na medida em que, para Wolff, a alma é definida como força, a comparação com a força mecânica é muito apropriada. Além disso, essa comparação conduz à idéia de que, tal como o que move uma máquina pode ser invisível para o exterior, as ações humanas podem ser motivadas por representações obscuras, pulsões cegas, que escapam ao próprio sujeito<sup>13</sup>.

Quando esses impulsos sensíveis atingem uma intensidade suficiente para fazer-nos agir, somos impulsionados pelo que Baumgarten chama pulsão cega, *blinder Trieb*, definida como uma grande quantidade de impulsos sensíveis que nos conduzem em direção a um objeto, sem que haja conhecimento e portanto vontade, isto é racional desse objeto. (...) Entretanto o *Trieb* não se opõe à vontade somente sob a forma de um *blinder Trieb*; ele é também o que torna uma vontade eficaz (Buchenau, 2002, p. 19).

Crusius questiona o determinismo psicológico de Wolff. Para ele o fato de

<sup>12</sup> Scarfone (2005a, p.13), comentando o mesmo artigo de Buchenau, enxerga na definição de Wolff o esboço das concepções freudianas sobre o poder das representações internas nas condutas humanas.

<sup>13</sup> Scarfone (Ibid., p.13) mais uma vez comenta um possível paralelo entre esta idéia e a de motivação inconsciente em seu sentido radical, como “um impulso ainda não posto em forma, ainda não transferido a uma representação capaz de tornar-se consciente, num sujeito não obstante movido constantemente por essa obscura volição”.

o homem agir a partir de certas representações do entendimento não significa considerar que estas determinam todas as suas ações. Ou seja, para Crusius, a vontade não é derivada do entendimento. Assim procedendo, ele faz um retorno à filosofia de Thomasius, associando o *Trieb* à vontade. Para Crusius, os *Triebe* são forças particulares que, juntas, compõem a vontade. Querer significa realizar intenções ou fins no sentido amplo, sem necessariamente implicar o acompanhamento de consciência. Como em Thomasius, o entendimento fornece representações do objeto e assim constitui a condição necessária da ação, enquanto a vontade pode ser considerada a primeira causa física da ação. Tal ação da vontade pressupõe inclinações de origem corporal que permitem a compreensão de sua eficácia e duração. É este aspecto de duração da tendência que ele sublinha em sua definição de *Trieb*: uma volição que persiste na duração, mesmo sem uma intenção. Crusius também afirmará que o homem possui *Triebe* humanas e animais, as humanas sendo aquelas que implicam a faculdade da razão e, mais especificamente, a abstração. Buchenau conclui:

Fundamentalmente, a antropologia que tem lugar de Thomasius a Crusius pretende ser uma resposta a questões morais. A introdução do '*Trieb* da vontade' permite conceber o agente moral como uma entidade de alma e de corpo, motivada por desejos que são ao mesmo tempo sensíveis e racionais, e possuidora de uma vontade que constitui um poder real sobre o corpo, isto é, sobre suas faculdades de execução de máximas de ação (Buchenau, 2002, p.24).

Em seguida, com Kant, os *Triebe* serão relegados ao determinismo natural. Postulando a dualidade do homem como relativa ao fenômeno e ao nômemo<sup>14</sup>, ele rompe com uma das intuições fundamentais de seus predecessores, a de considerar o homem como indivisível. Sua tese sobre a antinomia entre natureza e a liberdade marca o uso que seus sucessores, Fichte, Schiller, Hölderlin, farão do *Trieb*.

Com seu uso do conceito de *Trieb*, Freud permanece bastante fiel à definição presente em qualquer dicionário alemão, como as que foram classificadas no item anterior, apoiando-se, também, na força que o conceito ganhou em sua época, sobretudo através da apropriação feita pelos autores Românticos. Goldschmidt (1988, p. 83), por exemplo, ressalta que o *Trieb*, com seu sentido puramente freudiano, figurava tal qual em um ensaio pouco conhecido de Schiller<sup>15</sup> do ano de 1780, intitulado *A propósito da relação da*

<sup>14</sup> Segundo Kant, o fenômeno é em geral o objeto do conhecimento enquanto condicionado pelas formas da intuição (tempo e espaço e pelas categorias do intelecto). O nômemo indica o objeto do conhecimento intelectual puro, que é a coisa em si. Cf. Abbagnano, 1982, p.415 e p.687.

<sup>15</sup> Segundo Vermorel (1995), a teoria das pulsões de Schiller se situa entre a filosofia idealista de Kant e a de Fichte.

*natureza animal do homem com sua natureza espiritual.* Neste ensaio, Schiller insiste na primazia da atividade corporal e animal sobre a atividade intelectual. Sua principal referência é a natureza, na medida em que, antes de qualquer ação moral, ou consciência de si, o homem dela faz parte. De forma bastante sumária, o filósofo se pergunta como o homem, saído da natureza e limitado por ela, encontra sua liberdade. É através do conceito de pulsão que ele tenta resolver a questão. De acordo com Vermorel (1995, p. 135), em Goethe e Schiller, duas importantes referências para Freud, os *Triebe* serão considerados impulsões naturais primitivas que se opõem à razão. Ainda segundo Vermorel (1995), ao final do século XVIII, a significação mais comum de *Trieb* passa a ser a de uma pressão (*Drang*) ou energia interna ligada não mais ao crescimento, mas ao prazer (*Lust*). Nos poetas, o *Trieb* será a força necessária à atividade amorosa, já que seu significado passa a se superpor ao de amor (*Liebe*). Em Goethe, o sentido de *Trieb* recobre, de forma combinada, as noções de instinto, necessidade, propulsão e impulsão, sendo em sua esteira que o uso moderno de *Trieb* pode ser situado.

De acordo com Vermorel, Freud fica em uma posição intermediária. Em 1905, quando publica os *Três ensaios*, ele busca uma formulação a meio caminho entre a linguagem popular e a ciência. Ele não se limita a enaltecer a pulsão, como os poetas românticos de sua época, pois também sofre influência do pensamento científico do iluminismo. “Freud não glorifica a pulsão, associando a ela o contrapeso das Luzes e aquele do pensamento científico do século XIX. Em Freud, a mística é latente e seu romantismo contido” (Vermorel, 1995, p.148).

A situação de Freud com relação às filosofias de língua alemã de Kant a Schopenhauer poderia se resumir assim: a psicanálise afirma que o que define um ser humano na sua especificidade humana – e não como animal ou como ser natural –, e o que o singulariza na sua humanidade, é a maneira determinada como ele enfrenta, na sua vida e no seu pensamento, o excesso constitutivo do prazer e do desprazer, e sua relação paradoxal. O pensamento deste excesso, indomável, mas não irracional, é o que caracteriza melhor a elaboração do conceito de pulsão em Freud, de um lado, em relação ao apoio espontâneo deste último sobre o uso corrente desse termo em alemão, de outro lado, no confronto com as ciências da vida, e com a filosofia da língua alemã de Kant a Nietzsche. (David-Ménard, 2002, p. 202).

Como foi visto, embora Freud não tenha criado o conceito de *Trieb*, sua originalidade foi, como afirma Hanns (1999), tê-lo inserido “num constructo psicanalítico no qual as pulsões sexuais e destrutivas ocupam um lugar central, bem como propor um tratamento possível dos conflitos pulsionais” (p.36). Freud

sempre pensou a neurose e o conflito a partir de um dualismo pulsional subjacente e, embora tenha sofrido significativas reformulações ao longo dos anos, a teoria pulsional nunca perdeu um lugar central em seu pensamento. Dessa forma, é importante compreender o conceito dentro do quadro teórico freudiano, no qual a teoria pulsional é comumente classificada em duas grandes épocas: a primeira teoria pulsional que, mesmo tendo seus germes antes, inicia-se em 1905 com a primeira versão dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e culmina em 1915, com os artigos metapsicológicos e, mais precisamente, com *Pulsões e destinos da pulsão*. E a segunda teoria pulsional, iniciada em 1920, marcando uma virada no pensamento de Freud com o ensaio *Além do princípio do prazer* e a introdução da pulsão de morte. Assim, a partir de alguns textos centrais, a evolução do pensamento de Freud a respeito da pulsão será situada, destacando-se as principais questões necessárias para a discussão subsequente com a teoria da relação de objeto.

### **2.3**

#### **A primeira teoria pulsional em Freud**

Como é sabido, os *Três ensaios* e a *Interpretação dos sonhos* são os dois trabalhos de Freud que mais sofreram acréscimos e transformações ao longo dos anos. Embora a idéia que o termo “pulsão” expressa já estivesse, de alguma forma, presente em seus primeiros escritos, é apenas nos *Três ensaios*, em 1905, que Freud emprega a palavra e apresenta de modo explícito o conceito de pulsão, detalhando, ao mesmo tempo, sua composição por três elementos: fonte, objeto e finalidade.

Antes de chegar a essa formulação, Freud havia, de 1895 a 1904, investigado o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Sua teoria da etiologia das neuroses expressa a idéia que a neurose é desencadeada pela sedução de um adulto: toda neurose teria como base um trauma sexual infantil real. De início, Freud exigia uma comprovação factual, procurando descobrir, através da rememoração induzida pela hipnose, a sedução concreta, da parte de parentes e serviçais, para entender o fator traumático, gerador das neuroses. Mas sua experiência clínica e sua própria auto-análise, que o levava à descoberta do Complexo de Édipo, acabariam por forçá-lo a aceitar os limites da teoria da sedução, abrindo caminho para o reconhecimento da sexualidade infantil e do papel da fantasia e da realidade psíquica. Anos mais tarde, ele



resume os efeitos dessa transição em *A história do movimento psicanalítico*:

Quando essa etiologia [do trauma] se desmoronou sob o peso de sua própria improbabilidade e contradição em circunstâncias definitivamente verificáveis, ficamos, de início, desorientados. A análise nos tinha levado até esses traumas sexuais infantis pelo caminho certo e, no entanto, eles não eram verdadeiros. (...) Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas a traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na *fantasia*, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, de detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz (Freud, 1914b, p.27).

Se Freud não foi pioneiro na exploração da sexualidade infantil, foi o primeiro a conceber uma abordagem psíquica do sexual que englobava a totalidade da vida do indivíduo e não apenas aspectos considerados desviantes e patológicos. Os caminhos que o levaram à plena descoberta da sexualidade infantil são marcados por sua troca intelectual e afetiva com o médico alemão Wilhelm Fliess. Como se sabe, é a seu amigo que Freud confia, em uma célebre carta de 1897, não acreditar mais em sua *neurotica*, ou seja, em sua teoria da sedução (Freud, 1892-1899, p.309). Através da correspondência dos dois, podem-se acompanhar as idéias de Freud à medida que iam se desenvolvendo, como as primeiras hipóteses e formulações sobre a histeria, sua auto-análise, a importância da teoria dos sonhos, o abandono da teoria da sedução e a descoberta do Édipo. De acordo com Green (1997), o trabalho de Freud na época anterior aos *Três ensaios* sofreu a influência do contato com Fliess, cujas hipóteses Freud tinha em alta conta, como uma pesquisa sobre as relações entre o nariz e os órgãos genitais, uma teoria dos biorritmos e a noção de bissexualidade, esta última sendo, posteriormente, motivo de uma disputa autoral entre os dois. Segundo Green (1997), Freud pretendia fundar uma teoria do funcionamento psíquico que desse conta tanto do campo biológico quanto do campo psicológico, só que, nessa empreitada, ele, de certa forma, contava com Fliess para ocupar-se da biologia, enquanto ele mesmo se encarregaria da psicologia.

Mas este projeto, no início, ele nunca pensou poder realizar sozinho. É esta a razão de ele ter buscado a ajuda de Fliess. Constantemente, de uma maneira que beirava a obsessão, ele relembra a divisão de tarefas: a Fliess caberá o papel de descobrir os aspectos biológicos, esclarecendo os fundamentos orgânicos do humano, enquanto que ele, Freud, terá como objetivo colocar em dia as descobertas da investigação psicológica (Green, 1997, pp.106-7).

Quando a relação entre os dois caminhou para o rompimento tanto da amizade como da colaboração, Freud apropriou-se a seu modo da parte

originalmente designada a Fliess, renunciando à idéia desenvolvida por este de uma ligação direta entre o funcionamento dos órgãos e a anatomia e a psicologia. Contudo, juntamente com a investigação psicanalítica extraída da experiência médica cotidiana, Freud nunca deixará de insistir na dependência da investigação biológica, mesmo que esta ganhe em sua obra outra dimensão, no quadro do que será definido pelo nome de metapsicologia<sup>16</sup>.

Em suma, ele defenderá o lugar do biológico, não como tal, mas como horizonte insuperável dos fenômenos psicológicos porque estes dali emergem. Pois o biológico não pode permitir nenhuma apreensão direta de seus efeitos ao nível das organizações psíquicas sobre as quais influi; entretanto, a análise dos fatos obriga o psíquico a remontar em direção a ele, obrigando-nos a pensar o modo sob o qual essa conjunção é concebível. O sexual, deste ponto de vista, toma a função de uma experiência crucial (Green, 1997, p. 109).

Neste contexto, a noção de sexualidade infantil surge, em 1905, nos *Três ensaios*, como a fundamentação teórica que estava faltando desde o abandono da sedução enquanto fator causal das neuroses. Cabe lembrar que no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud já havia esboçado uma distinção entre excitações de origem interna e externa, bem como um princípio regulador das excitações, o princípio de inércia neural<sup>17</sup>, e também outras importantes noções que seriam retomadas na elaboração posterior da teoria pulsional, como a idéia de que uma quantidade de excitação endógena atuaria como mola propulsora, movimentando o sistema Psi. Contudo, é apenas com a introdução do conceito de pulsão, nos *Três ensaios*, que será abandonada a necessidade de imaginar um elemento externo, como a sedução concreta de um adulto perverso, exclusivamente responsável por colocar em movimento o aparelho psíquico e explicar a neurose.

De fato, o sexual da sedução era trazido do exterior pelo adulto perverso, espécie de 'primeiro motor' que lançava o psiquismo da criança seduzida na trajetória complexa, que ia levá-la até a neurose. Quando esse motor externo mostrou seus limites, a maquinaria psíquica, que, no *Esboço* (Projeto) parecera por um momento prestes a 'funcionar sozinha', passou a ter necessidade de uma força motriz interna. O conceito de pulsão, com sua idéia intrínseca de força motriz, foi

<sup>16</sup> Segundo Scarfone (2005, p.27), para Freud, nessa época, o termo metapsicologia se refere à necessidade da junção entre psicologia e biologia, como deixa entender a carta a Fliess, de 10 de março de 1898: "Parece-me que a teoria da realização do desejo trouxe apenas a solução psicológica e não a solução biológica – ou, melhor, metapsíquica. (Aliás, quero te pedir seriamente se posso utilizar o nome de metapsicologia para a minha psicologia que conduz à parte traseira da consciência)".

<sup>17</sup> No *Projeto*, Freud associa a tendência a evitar o desprazer com a tendência primária à inércia: os neurônios tenderiam a se desfazer da quantidade, do aumento de pressão, para eliminar o desconforto o que, conseqüentemente, provocaria prazer. Este princípio, mais tarde denominado princípio de constância, aparece nos primeiros escritos de Freud em termos neurológicos. É retomado e trabalhado posteriormente, em 1915, em *Pulsões e destinos da pulsão* e, em 1920, em *Além do princípio de prazer* e, em 1924, em *O problema econômico do masoquismo*. Nestes últimos textos, assume uma nova denominação, a de Princípio de Nirvana.

destinado a desempenhar este papel (Scarfone, 2005, p.21).

Embora Freud nunca tenha negado totalmente o fator patogênico de uma possível sedução real, sua reformulação relativizava consideravelmente o papel do fator externo, deslocando, desse modo, a questão da etiologia da neurose para o interior do aparelho psíquico<sup>18</sup>. Desde então, as pulsões assumem o papel primordial que nunca perderão em Freud, a despeito das contínuas alterações e desenvolvimentos teóricos subseqüentes.

A palavra pulsão figura logo na abertura da primeira parte dos *Três ensaios*, dedicada às aberrações sexuais: “O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma ‘pulsão sexual’” (Freud, 1905, p.128). Nesse primeiro ensaio, Freud se propõe rever as opiniões populares correntes sobre a homossexualidade, a pedofilia, a zoofilia e outras práticas então consideradas perversões. Ele examinará essas manifestações a partir de desvios em relação a dois componentes da pulsão sexual, o *objeto sexual* (a pessoa de quem provém a atração sexual), e o *alvo sexual* (a ação para a qual a pulsão impele). Além de colocar as ditas aberrações em continuidade com a normalidade, Freud também afrouxa o vínculo estreito que se imaginava existir entre a pulsão sexual e seu objeto. Diferentemente, portanto, da pulsão de nutrição (fome) que é “energicamente agarrada” ao objeto, a pulsão sexual admite ampla variação e rebaixamento de seu objeto, sendo inclusive provável a hipótese de uma total independência entre ambos, pulsão sexual e objeto, no início. Assim, a primeira dualidade pulsional já está claramente esboçada aqui, através da distinção entre uma pulsão de autoconservação, ligada à satisfação de necessidades primárias e vitais, e uma pulsão sexual.

No segundo ensaio, Freud explora a sexualidade infantil, questionando a idéia, dominante em seu tempo, segundo a qual a sexualidade apareceria ‘naturalmente’ somente na puberdade. Ao contrário, ele afirma que a excitação sexual da criança provém de uma multiplicidade de fontes, sendo uma marca universal da pulsão sexual humana a disposição para as perversões. A própria pulsão sexual seria composta por diversos aspectos parciais e sua satisfação estaria ligada a zonas erógenas, marcadas pela incidência no corpo da criança dos cuidados maternos comuns e, portanto, facilmente associadas às partes conectadas às necessidades vitais (como a boca e o ânus). Ao longo do

---

<sup>18</sup> É bem verdade que, mesmo no caso da sedução, são as lembranças que, re-significadas num período posterior de maturação sexual, possuem efeito patogênico. A ameaça, portanto, também vinha do interior do aparelho psíquico, mas em um segundo tempo.

desenvolvimento psicosexual que conduz ao primado do genital, as diversas moções da vida infantil caminham no sentido de uma conjugação em uma unidade, numa aspiração a um único alvo. Neste percurso, contudo, o desenvolvimento libidinal pode sofrer inibições, regressões e fixações. A contingência do objeto e a plasticidade das formas de realização da pulsão marcam a distinção entre o homem e os outros animais e, ao mesmo tempo, anulam as diferenças de natureza entre o normal e o patológico.

Em 1910, cinco anos após a primeira publicação dos *Três ensaios*, no pequeno texto intitulado *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, Freud introduz explicitamente o primeiro dualismo pulsional: as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Este artigo marca o primeiro emprego do termo pulsão do Eu, identificado às pulsões de autoconservação e oposto às pulsões parciais a serviço do prazer sexual.

Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego.

Como disse o poeta<sup>19</sup>, todos os instintos orgânicos que atuam em nossa mente podem ser classificados como ‘fome’ ou ‘amor’ (Freud, 1910, pp. 223-4).

Pela primeira vez, portanto, é atribuído um “suporte pulsional ao ego, que desde 1896 era reconhecido como um dos pólos do conflito defensivo, mas que só agora se vê relacionado a um grupo específico de pulsões” (Mezan, 1982, p.156). Já no *Projeto* e na *Interpretação dos sonhos*, a fome havia sido escolhida como modelo paradigmático do que viria a ser posteriormente a noção de pulsão, tendo Freud aplicado à pulsão sexual, em 1905, o mesmo esquema de desenvolvimento. Em resumo, a primeira teoria pulsional de Freud contém a idéia de que a pulsão sexual se apóia primeiramente sobre a pulsão do eu, a serviço da autoconservação, até que elas se autonomizem, se desvinculem, e entrem em conflito de interesse. A idéia aqui delineada é que a livre satisfação das pulsões sexuais poderia colocar a existência do indivíduo em perigo pela sanção social.

Em 1911, Freud especifica que o funcionamento mental é regido por dois

---

<sup>19</sup> Trata-se de um poema de Schiller, cujas idéias, como se viu mais acima, certamente influenciaram o pensamento de Freud em relação à teoria das pulsões como também toda a primeira parte de sua obra, visto as inúmeras citações de seu nome em *A Interpretação dos Sonhos*.

princípios: o de prazer e o de realidade. Até então, sabia-se que os processos mentais inconscientes funcionavam de acordo com o princípio de prazer, que consiste em afastar da atividade psíquica qualquer elemento que possa provocar desprazer. O termo princípio de realidade, embora a idéia já estivesse presente em trabalhos anteriores, é introduzido pela primeira vez em 1911, no artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. A busca de prazer, ou seja, a descarga imediata da excitação, mantém-se como a tendência fundamental do aparelho psíquico mas, através do princípio de realidade, o prazer será adiado para uma resolução mais segura. Segundo Mezan (1982), o que fica mais claro, a partir desse texto de 1911, é o problema da origem e estrutura do ego e de sua relação com a sexualidade.

De início, as pulsões sexuais comportam-se auto-eroticamente e encontram sua satisfação no próprio corpo. Elas não chegam a encontrar uma situação em que ocorram impedimentos à satisfação e que obriguem à instauração do princípio de realidade. Quando mais tarde o processo de busca de objeto se inicia também para as pulsões sexuais, este logo sofre uma longa interrupção em virtude do período de latência, o qual posterga o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores – auto-erotismo e período de latência – fazem com que a pulsão sexual fique retida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça por muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer. Aliás, no caso de muitas pessoas, a pulsão sexual jamais consegue escapar desse domínio.

Em decorrência dessas circunstâncias, estabelece-se uma relação mais próxima entre a pulsão sexual e a fantasia, por um lado, e as pulsões do Eu e as atividades da consciência, por outro (Freud, 1911, p.67-8).

Com a posterior introdução do conceito de narcisismo, a teoria das pulsões sofre um remanejamento importante. Em *À guisa de introdução ao narcisismo*, de 1914, Freud abordará mais profundamente as relações entre o Eu e os objetos externos, traçando uma distinção entre duas faces da libido: a 'libido do eu' envia seus pseudópodos para os objetos, convertendo-se em 'libido objetal' e, inversamente, pode retirar-se deles retornando ao Eu quando a realidade assim o exigir.

Assim chegamos à concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu. Poderíamos dizer que ela se relaciona com os investimentos realizados nos objetos de modo análogo àquele com que o corpo de um protozoário se relaciona com os pseudópodes que projeta em direção aos objetos (Freud, 1914, p.99).

A necessidade do conceito de narcisismo surgiu para Freud da observação clínica, mais precisamente da dificuldade no trabalho com alguns pacientes. Nessa concepção, o narcisismo não seria uma perversão, mas “o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de auto-conservação, egoísmo que, em certa medida, corretamente pressupomos estar presente em todos os seres

vivos” (p.97). Foi basicamente a partir da análise dos delírios de grandeza e do desligamento do mundo exterior na esquizofrenia que Freud inferiu um narcisismo primário e normal em todo e qualquer indivíduo. Enquanto o neurótico mantém um vínculo erótico com o mundo, conservando os objetos na fantasia, na esquizofrenia, a libido retirada dos objetos é redirecionada ao Eu. Este seria um narcisismo secundário, superposto a um primário (inferido a partir da relação dos pais com seus filhos – manifestação de seu próprio narcisismo primário abandonado e em cujo lugar surge seu ideal do eu).

Assim, Freud é levado a considerar a existência contínua e simultânea de uma oposição entre libido do eu e libido do objeto, e a formular uma hipótese de um movimento de oscilação simétrica entre as duas, de forma que, se uma enriquece, a outra empobrece, e vice-versa (quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia). Nessa perspectiva, a libido de objeto, em seu ponto máximo, caracteriza o estado de apaixonamento no qual o Eu esvazia-se em prol do investimento no objeto, ao passo que, inversamente, em seu desenvolvimento máximo, a libido de eu caracteriza a fantasia paranóica do fim do mundo. Ainda neste texto de 1914, o Eu é definido como o grande reservatório de libido. Mas, se pergunta Freud, se a libido inicialmente encontra-se represada no Eu, se ele é o grande reservatório da libido, o que força a vida psíquica a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e investir libido nos objetos? Sua resposta será, mais uma vez, no sentido da manutenção da homeostase do aparelho psíquico. Um represamento como esse no Eu seria desprazeroso. O desprazer é sempre a expressão de maior tensão, quando a libido no Eu excede certa quantidade se transforma em qualidade psíquica do desprazer, exigindo seu escoamento.

Embora Freud nunca tenha abandonado o dualismo pulsional, com o texto sobre o narcisismo, o dualismo fica ameaçado e a teoria da pulsão aproxima-se de um monismo<sup>20</sup>. Ao estabelecer um investimento duradouro da libido no ego, ele retira das pulsões sexuais seu caráter de oposição às de autoconservação que, de certo modo, são assumidas pelo eu. O eu deve ser o pólo de resistência às pulsões (o que, em realidade, sempre foi seu papel), mas a novidade está no fato de que agora ele agirá com as armas das próprias pulsões. “É como se o impulso pulsional fosse absorvido e estabilizado no ego, agora concebido como o grande reservatório de libido. O que resta de ‘premente’ no impulso deverá

---

<sup>20</sup> Como observa Masotta, “[n]a medida em que o narcisismo o obrigava a reconhecer que também o Eu, núcleo até então dos impulsos não sexuais, era de modo fundamental presa da *libido*, Freud se via arrastado a um monismo que não somente o punha em contradição com seu próprio modelo das pulsões, como também, além do mais, o obrigava a uma polêmica, um tanto engraçada é verdade, contra o monismo de seu discípulo Jung” (Masotta, 1986, p.57).

manifestar-se noutra parte” (Scarfone, 2005, p.79).

Um ano após o artigo sobre o narcisismo, em *Pulsões e destinos da pulsão*, de 1915, Freud apresenta uma definição mais acabada do conceito de pulsão. Em um acréscimo aos *Três ensaios*, feito no mesmo ano de 1915, encontra-se a célebre definição da pulsão como um conceito limite entre o psíquico e o somático, concepção que, de alguma forma, esteve sempre presente ao longo da obra de Freud:

Por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão é, portanto, um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (Freud, 1905, p.159).

Em *Pulsões e destinos da pulsão* Freud repetirá, portanto, o que já havia dito nos *Três ensaios* e no *Caso Schreber*, ou seja, a pulsão é um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico – mas, agora, em 1915, ele apresenta um novo dado, o de uma medida de exigência feita à mente em consequência de sua conexão com o corpo. Freud introduz de forma mais explícita um quarto componente da pulsão, além dos outros (fonte, finalidade, objeto) já enunciados em 1905, nos *Três ensaios*. Trata-se da pressão (*Drang*), que indica o fator motor da pulsão, a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. Por pressão compreende-se a qualidade de excitação contínua e constante da pulsão. Os outros três componentes da pulsão são descritos da seguinte forma: a finalidade ou meta da pulsão (*Ziel*) é o apaziguamento de certa tensão provocada pela pressão da estimulação na fonte. O objeto (*Objekt*) é o meio pelo qual a meta pode ser atingida, sendo, portanto, relativamente contingente. É o elemento mais variável e não está originalmente vinculado a ela, podendo ser externo ou parte do próprio corpo. E a fonte (*Quelle*) é um processo somático localizado em um órgão ou parte do corpo, cuja excitação é representada na vida psíquica pela pulsão. A fonte só se pode fazer conhecer pela via psíquica através de suas metas. Embora reconheça a fonte como o elemento mais decisivo da pulsão, Freud considera seu estudo como fora do âmbito da psicologia.

Freud inicia *Pulsão e destinos da pulsão* tomando o cuidado de precisar que a pulsão é ainda um conceito convencional, provém da descrição de

fenômenos, de algumas idéias abstratas e da experiência empírica. Por isso, mantém um grau de indefinição que não permite uma elaboração clara e precisa como se poderia idealmente esperar de um conceito científico. “Um conceito convencional desse gênero, no momento ainda bastante obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia, é o de *pulsão*. Tentemos dar-lhe um conteúdo a partir de diversos ângulos” (Freud, 1915, p.145). Neste artigo Freud irá, então, apresentar aspectos da pulsão, começando pelo fisiológico. Do ângulo da fisiologia, a pulsão deve ser compreendida segundo o modelo do arco reflexo. Freud distingue o estímulo pulsional do estímulo fisiológico que atua sobre o psíquico. Enquanto o estímulo fisiológico age como um impacto único, que pode também ser eliminado por uma ação única, como a fuga motora, o estímulo pulsional, como já foi afirmado, não provém do mundo externo, mas do interior do organismo.

A pulsão, ao contrário, nunca age como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma força *constante*. Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo ‘necessidade’, e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos ‘satisfação’. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora dos estímulos (Freud, 1915, p.146).

A possibilidade de fuga do estímulo servirá como parâmetro para a distinção entre mundo interno e externo. “A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia de sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar um ‘externo’ e um ‘interno’” (Freud, 1915, p.147). A essência da pulsão é, portanto, sua proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo e sua manifestação como força constante. Não se pode fugir dela. A isso se soma a premissa de natureza biológica da homeostase, já elaborada anteriormente, a partir da qual o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se do excesso de excitação que lhe chega, de reduzi-lo a um nível tão baixo quanto possível, ou mesmo, se pudesse, de manter-se absolutamente livre de estímulos. Nesse sentido, as pulsões complicam o esquema do arco reflexo fisiológico, porque impõem ao sistema nervoso exigências muito mais complexas para se livrar dos estímulos. Freud parte então para a análise de outro ângulo da pulsão, além do fisiológico. Na descrição biológica, Freud apresenta os quatro termos utilizados em conexão com o conceito de pulsão (pressão, meta, objeto e fonte), já citados mais acima, e enuncia a mesma célebre definição apresentada no acréscimo de 1915 aos *Três ensaios*.



Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a 'pulsão' nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (Freud, 1915, p.148).

Laplanche (1985) enfatiza que o modelo mais utilizado por Freud para expressar a relação entre o somático e o psíquico é o da metáfora da delegação, no sentido de que uma excitação local, de cunho biológico, encontra sua representatividade na vida psíquica como pulsão. Esse princípio axiomático da pulsão, enquanto conceito limite entre o somático e o psíquico, provocou e provoca muito debate no meio psicanalítico pós-Freud. Ora os psicanalistas se apegam excessivamente à idéia da origem da pulsão no somático, ora se concentram no caráter puramente psíquico da pulsão, esforçando-se por desvinculá-la ao máximo do biológico, temendo que a descrição fisiológica do arco reflexo equipare a pulsão à idéia de instinto. De todo modo, há uma grande controvérsia quanto à definição da natureza da pulsão: força orgânica endógena excitante, elemento fundamental de ligação entre o corpo e o psiquismo, ou poder do ato psíquico.

Para Freud, contudo, não se trata de definir o que é mais importante, o fisiológico ou o psíquico, o que importa é reconhecer que todas as diferentes pulsões sexuais são qualitativamente da mesma espécie e que as diferenças entre seus efeitos no psíquico se devem à magnitude da excitação da pulsão. Ele reconhece que se poderia distinguir um grande número de pulsões como a gregária, a destrutiva, a lúdica etc., mas lhe parece mais desejável chegar a um número mínimo de pulsões, não mais divisível. Freud insiste em dois grupos de pulsões originárias: o grupo das pulsões do Eu, ou de autoconservação, e o das pulsões sexuais. O essencial é que se trata de duas pulsões, que mantêm entre si uma relação antagonista<sup>21</sup>. Essa classificação é oriunda da constatação de que nas neuroses de transferência sempre há um conflito entre as reivindicações da sexualidade e as do Eu. Até aquele momento, afirma Freud, a psicanálise só pôde oferecer informações satisfatórias a respeito das pulsões sexuais, as únicas observáveis nas psiconeuroses, mas ele não exclui a possibilidade de que a ampliação da psicanálise ao estudo mais exaustivo das outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas) obrigue a uma modificação dessa fórmula, levando assim a um maior conhecimento das pulsões do Eu ou a

---

<sup>21</sup> Esta é, afinal, a condição necessária para que a tendência biológica do aparelho psíquico à regulação homeostática seja mantida.

outro modo de agrupamento das pulsões originais, como, de fato, ocorrerá, a partir de 1920, com a segunda teoria pulsional:

Mas essa classificação não é uma premissa necessária, como, por exemplo, a hipótese a respeito da tendência biológica do aparelho psíquico. Ela é uma simples construção auxiliar que apenas será mantida enquanto se mostrar útil; sua substituição por outra fará pouca diferença nos resultados de nosso trabalho de descrição e categorização (Freud, 1915, p.150).

Cabe lembrar, porém, que Freud intitula este artigo *Pulsões e destinos de pulsão*, dando a entender que seu propósito não é apenas definir o conceito de pulsão, mas também seus 'destinos'. Freud já havia sinalizado que a pulsão, sendo uma força interna e constante, obrigaria o indivíduo a buscar a satisfação por meios muito mais complexos do que o do esquema do arco reflexo. O que caracteriza as pulsões sexuais é o fato de serem numerosas, de terem sua origem em várias fontes orgânicas, serem independentes e só mais tarde caminharem para uma síntese. A meta de cada uma é obter o prazer do órgão.

Freud enumera quatro destinos das pulsões e propõe também compreendê-los em relação às forças motivacionais que se opõem a elas. Em realidade, para ele, os destinos da pulsão são os diferentes modos de defesa contra as pulsões. São eles: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o recalque e a sublimação. Neste artigo Freud só tratará dos dois primeiros. A transformação em seu contrário se refere às metas e se divide em dois processos: o redirecionamento da atividade para a passividade e a inversão do conteúdo. No caso da atividade e da passividade, o exemplo usado é o do par de opostos sadismo e masoquismo (e o voyeurismo e exibicionismo), no qual a meta ativa que seria bater (ver) é substituída pela passiva, ser batido (ser visto).

Quanto ao sadismo e ao masoquismo trata-se de dois 'destinos' vizinhos que entram em jogo: 'a transposição ao contrário' e 'o retorno sobre a própria pessoa'. A transposição ao contrário é, por exemplo, a passagem de uma pulsão da atividade à passividade ou vice-versa, o que leva a pensar numa espécie de complementaridade entre as duas posições, assim como, do ponto de vista gramatical, passamos de uma a outra proposição, ativa e passiva, por uma simples 'transformação' reversível. O retorno sobre a própria pessoa refere-se ao 'objeto' da pulsão, objeto que pode ser trocado, e de objeto externo tornar-se objeto interno: o próprio ego (Laplanche, 1985, p.92).

Já a inversão de conteúdo é apenas encontrada na transformação do amor em ódio na relação com objetos totais. Segundo Freud, a transformação do conteúdo de amor em ódio, não se encaixa na explanação anterior das pulsões, pois o amor costuma ser encarado como a expressão da vertente sexual inteira.

Quando Freud falava do objeto enquanto ligado às zonas erógenas, o que estava em questão eram objetos parciais e não o objeto total, a pessoa como um todo. As pulsões sexuais parciais não necessitam do mundo externo para a satisfação, sendo capazes de se satisfazerem auto-eroticamente. Freud dirá que enquanto se usa, em referência aos objetos de autoconservação, o termo necessidade e não amor, em relação à pulsão seria até possível dizer que ela “ama” o objeto por meio do qual aspira obter satisfação. Mas como, em contrapartida, o mesmo não pode ser dito a respeito do ódio, Freud daí conclui que as relações de amor e ódio devem apenas ser utilizadas para se referir à relação do Eu-total com seus objetos.

O fato de que não se diz que uma pulsão isolada ama seu objeto, e o fato de que só utilizamos a palavra ‘amar’ na relação do Eu com seu objeto, nos mostra que a palavra ‘amar’ só é utilizável para se referir à relação entre o Eu e seu objeto depois de já ter ocorrido a síntese – sob o primado dos órgãos genitais e a serviço da função de reprodução – de todas as pulsões parciais da sexualidade (Freud, 1915, p. 160).

Nas elaborações de Freud a respeito da primeira teoria pulsional, como foi exposto até agora, prevalecem as idéias de força e quantidade, o que fez com que muitas vezes Freud fosse criticado por conceber o aparelho psíquico nos moldes de uma máquina. Em contrapartida, na segunda teoria pulsional, que será apresentada a seguir, ele atribuirá qualidades à pulsão. Embora distinta da primeira, a segunda teoria não a substitui por completo, englobando e transformando muitos de seus elementos. É importante lembrar que elas são o resultado de experiências e interrogações diferentes: a primeira foi construída a partir da experiência clínica de Freud com as neuroses de transferência e a segunda baseou-se nas experiências e hipóteses a respeito das neuroses narcísicas. Assim, os conceitos que, na primeira teoria pulsional, definem a pulsão (pressão, meta, fonte e objeto) não são facilmente aplicáveis ao par de opostos introduzidos na segunda teoria, pulsão de vida e pulsão de morte. A descrição esmiuçada da fisiologia pulsional, por exemplo, e de sua transformação em afetos e representações não é possível no segundo modelo. Neste último, Freud tende a empregar a pulsão no sentido de ‘princípio’ ou ‘tendência’, pouco detalhando seus mecanismos de transformação. Mas a base da noção de pulsão permanece a mesma em ambas as teorias, ou seja, a idéia de uma força impelente interna que assume intensidade e pressiona a busca de meios de apaziguamento da tensão.

## 2.4 A segunda teoria pulsional

A segunda teoria pulsional de Freud se insere no contexto da chamada Virada de 1920 que, como se sabe, representa um amplo remanejamento das hipóteses fundamentais de Freud, a partir da introdução da pulsão de morte e da nova topografia do aparelho psíquico estruturada em Id, Ego e Superego. Em *Além do princípio de prazer* (1920), com as reflexões a respeito da compulsão à repetição, e, mais ainda, depois de *O Ego e o Id* (1923), com a segunda tópica, a preocupação de Freud se desloca das neuroses para a comparação entre neurose e psicose. Ou seja, o foco antes centrado nas vicissitudes da libido se volta para o estudo das relações entre pulsões eróticas e destrutivas e para um estudo mais aprofundado do ego, o que automaticamente remete a suas relações com os objetos.

Green, em seu artigo *Le tournant des années folles*, analisa as motivações que levaram Freud às mudanças apresentadas nesse período. De seu ponto de vista, mais do que qualquer outro fator que se possa evocar, são os efeitos da experiência dos tempos de Guerra que melhor explicam essa virada. Como um dos primeiros resultados das reflexões do pós-Primeira Guerra, a noção de pulsão de morte chocou os demais psicanalistas, que receberam o conceito com bastante cautela e reserva. Considerado como um elemento completamente novo no arcabouço teórico da Psicanálise, a pulsão de morte inaugura uma nova fase “em relação à concepção do homem que subjaz à clínica e à teoria que a sustenta” (Mezan, 1982, p.252).

A virada de 1920 pode ser resumida por uma tripla afirmação: primeiro a insistência, com a compulsão à repetição, sobre a força demoníaca da pulsão; em seguida, a duplicidade do Eu cuja estrutura revela que uma grande parte é inconsciente, o desdobramento das defesas estando, eles próprios, submetidos à mesma cegueira que afeta o desejo; enfim, o desmascaramento da força principal que faz obstáculo ao potencial criador da libido: as pulsões de destruição (Green, 1990, p. 28).

Desde o *Projeto*, como se sabe, Freud concebia o funcionamento psíquico como regulado por uma tendência a eliminar ou reduzir as tensões ao mínimo possível, havendo uma relação direta entre, de um lado, a elevação de quantidade de estímulos e o aumento do desprazer e, de outro, a diminuição de excitação e o aumento do prazer. Diante das novas descobertas clínicas e teóricas da psicanálise, como o fenômeno do masoquismo e a compulsão à repetição, contudo, Freud questiona o postulado do domínio do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Em realidade, ele dirá que há

uma forte tendência a esse princípio, mas admite a existência de forças que impedem seu funcionamento, sendo o resultado final nem sempre a tendência ao prazer. Como foi visto mais acima, o princípio de realidade por si só não pode ser responsável por esse fracasso, já que nele a tendência ao prazer é apenas adiada para uma resolução mais segura.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud recorre a alguns exemplos que, aparentemente, vão contra o princípio de prazer, pois o que se repete insistentemente nesses casos não são experiências agradáveis e bem sucedidas: os pacientes que apresentam uma neurose traumática e reproduzem continuamente em seus pesadelos o traumatismo gerador de desprazer, a criança que encena através do jogo com o carretel a angustiante separação da mãe, e os pacientes que repetem as dolorosas experiências infantis na transferência. Freud está preocupado com a persistência da neurose na clínica e a resistência aos esforços terapêuticos, com o fato de o paciente reiterar na transferência um grande número de situações dolorosas, ao invés de simplesmente rememorar-las.

[O]ra, se o paciente repete apesar das resistências, a repetição se encontra evidentemente numa posição oposta à do Princípio do Prazer. Mais precisamente, ele repete *por causa* das resistências: elas bloqueiam o acesso à linguagem, e portanto à consciência, do material reprimido (Mezan, 1982, p.254).

O Eu resiste porque, funcionando sob a influência do princípio do prazer, busca evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do recalado. Até aquele momento, com a primeira teoria pulsional, Freud não havia imaginado que a sexualidade pudesse ser contrariada por nada além do recalque. Ao bloquear a rememoração durante o processo analítico, obedecendo ao princípio de prazer, o Eu torna necessária a repetição, forçando o recalado a expressar-se por essa via. Não há como contornar essa repetição, não há defesa contra ela, visto que ela própria é uma defesa. O analista então será obrigado a deixar o analisando reviver os fragmentos que emergem (no caso, sempre um fragmento da vida sexual infantil), permitindo assim, através da análise da transferência, que o paciente distinga, no material que está sendo revivido, o reflexo do passado esquecido. Mas o desprazer deste tipo de repetição, como afirma Freud, também não responde à questão da força que estaria além do princípio de prazer já que, neste caso, o que é desprazer para um sistema é prazer para o outro. Isso fica claro no exemplo dos sonhos de medo e angústia e dos sonhos de punição, nos quais o princípio de prazer não é contrariado já que, ao invés de realizar o desejo proibido, realizam o castigo correspondente ao

desejo da consciência de culpa. Além disso, a repetição também tem a função de dotar o sujeito de maior controle sobre a situação que lhe provocara desprazer, preparando-o para lidar melhor com futuros traumas. Mas o que é verdadeiramente surpreendente para Freud é quando o sujeito parece vivenciar de forma passiva a repetição da fatalidade, esse eterno retorno do mesmo, sem qualquer influência de controle. Assim, Freud reafirma que, enquanto a resistência dos pacientes provém do Eu e está a serviço do princípio de prazer, a “compulsão à repetição, por sua vez, deve ser atribuída ao recalcado inconsciente” (Freud, 1920, p.145). Para melhor compreender essa compulsão à repetição que opera independentemente daquele princípio, Freud se volta para a análise de experiências que *não incluem qualquer possibilidade de prazer*.

O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (Freud, 1920, p.146).

Na tentativa de responder essas questões, Freud apela para uma elaborada e audaciosa análise especulativa<sup>22</sup>, baseada na biologia da época, na qual ele fará uma comparação entre o aparelho psíquico e um organismo vivo, uma vesícula indiferenciada cuja parte exterior faz função de pára-excitação, ou seja, de escudo protetor contra os estímulos.

O escudo protetor se forma quando a superfície mais externa da vesícula perde a estrutura característica da matéria viva, isto é, quando, até certo ponto, ela se torna inorgânica e passa a funcionar como um envoltório especial ou como uma membrana destinada a amortecer os estímulos (Freud, 1920, p.150).

Assim, a vesícula está dotada de proteção contra as excitações vindas do exterior e a camada mais interna e sensível deve lidar com as excitações que passam do exterior e também com as excitações vindas do interior, as pulsões, contra as quais não há proteção. O organismo passa a lidar com as excitações do interior usando os mesmos mecanismos de defesa empregados pela camada protetora externa, o que explicaria, por exemplo, o mecanismo da projeção. Neste ponto, Freud introduz uma nova perspectiva sobre o trauma que, neste texto de 1920, é descrito como uma vasta e inesperada ruptura no escudo

---

<sup>22</sup> “O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua suposição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma idéia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar” (Freud, 1920, p.149).

protetor contra os estímulos<sup>23</sup>.

Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundem o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o [*binden*] psiquicamente para poder então processá-lo (Freud, 1920, p.154).

Freud retoma a discussão de Breuer sobre a diferença estabelecida pela física de Helmholtz, Brücke e outros autores do século XIX, entre energias mecânicas, cuja soma se mantém constante num sistema isolado, e a oposição introduzida entre energia cinética e energia quiescente, mas, segundo Laplanche (1994), ele inverte seu sentido ao caracterizar a energia cinética como livre e a quiescente como ligada:

Mas gostaríamos de considerar como elemento novo a tese de Breuer que admite duas formas distintas de preenchimento de energia nos sistemas psíquicos (ou nos seus elementos): cargas de investimento que fluem livremente e que pressionam para a descarga e cargas de investimento em repouso. Talvez possamos supor que o que chamamos de 'enlaçamento' ou 'captura' da energia que flui para o aparelho psíquico consista em uma passagem do estado de fluxo livre para o estado de repouso (Freud, 1920, p.155).

Tal definição sempre será mantida como expressão econômica da distinção fundamental entre processo primário e secundário. Como se sabe, enquanto o processo psíquico do inconsciente é o primário e representa a circulação de energia livre (catexia livremente móvel), o do consciente é o secundário e deve ligar e canalizar a energia livre para objetos e finalidades adequadas ao ego (catexia vinculada). Assim, um sistema altamente investido energeticamente é capaz de receber um influxo adicional de energia nova e de convertê-lo em carga de investimento quiescente, em repouso, isto é, de capturá-lo e vinculá-lo psiquicamente. Quanto mais alta for a carga de investimento do sistema disponível em estado quiescente, maior parece ser a sua força vinculadora; inversamente, entretanto, quanto mais baixa a catexia, menos capacidade terá para receber o influxo de energia e mais violentas serão as conseqüências de tal ruptura no escudo protetor contra os estímulos. O trauma só ocorre caso o aparelho psíquico não esteja preparado pela angústia, isto é, se as partes do sistema destinadas a receber o excesso de estimulação não forem suficientemente sobreinvestidas (hipercatexizadas) e, por isso, não estiverem aptas a ligar a quantidade de energia que aflui (Freud, 1920, p.155). A

---

<sup>23</sup> "Chamemos de traumáticas as excitações externas que possuírem força suficiente para romper o escudo protetor. Acredito que não podemos compreender o conceito de trauma sem vinculá-lo a uma ruptura na camada protetora contra os estímulos, a qual sabemos sob circunstâncias normais operar de modo eficaz" (Freud, 1920, p.153-4).

última linha de defesa contra o trauma consiste, então, na “preparação pelo medo [*Angstbereitschaft*] e o sobreinvestimento dos sistemas receptores” (p.155). A partir de certa intensidade do trauma, contudo, essa capacidade pode ser anulada. Os sonhos nas neuroses traumáticas nada mais são do que a tentativa do aparelho psíquico de processar os estímulos que surgem quando a angústia é desencadeada – o que justamente não ocorreu no passado, provocando a neurose traumática.

Dessa maneira, eles [sonhos nas neuroses traumáticas] nos mostram uma função do aparelho psíquico que, sem estar em contradição com o princípio de prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer (Freud, 1920, p.156).

Freud conclui então que, tanto os sonhos nas neuroses traumáticas, como os sonhos que durante a análise trazem de volta traumas psíquicos da infância, obedecem à compulsão à repetição, não estando a serviço da realização de desejo. A teoria do trauma e a teoria das pulsões, que a substituiu desde que a teoria da sedução fora abandonada em 1897, são agora conciliadas sob uma nova perspectiva, dentro de um novo quadro conceitual. As pulsões não pertencem ao tipo dos processos nervosos vinculados, mas sim ao de processos livremente móveis, que pressionam no sentido da descarga. “Portanto, a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar e atar a excitação das pulsões que chegam ao processo primário” (Freud, 1920, p. 158). Caso a tarefa de ligação fracasse, ocorre algo semelhante à neurose traumática. As observações baseadas nas histórias de vida de seus pacientes, em seu comportamento e na transferência, levam Freud a supor que as manifestações da compulsão à repetição “não só exibem um caráter altamente pulsional, como também – quando se opõem ao princípio de prazer – apresentam até mesmo um caráter ‘demoníaco’” (p.159). Perguntando-se sobre a relação do pulsional com a compulsão à repetição, Freud chega a uma formulação que subverte totalmente o conceito anterior apresentado em *Pulsões e destinos de pulsão*, pois a pulsão é agora expressão da natureza conservadora dos seres vivos e não mais o fator que pressiona rumo à mudança e ao desenvolvimento.

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral – a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. *Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica* (Freud, 1920, p.160).



Além disso, como assinala Loewald (*apud* Scarfone, 2005, p.86), no artigo metapsicológico de 1915, era o aparelho psíquico que deveria livrar-se das pulsões, obedecendo aos princípios reguladores (de prazer, de constância ou de inércia), enquanto que no ensaio de 1920, as próprias pulsões manifestam o princípio de constância ao invés de desencadeá-lo. Pode-se dizer, portanto, que não é tanto o princípio de prazer que preocupa Freud quando ele trata da compulsão à repetição, e sim a busca de uma nova definição geral da pulsão e a introdução da noção de pulsão de morte. Na compulsão à repetição, ele vê a manifestação da força do recalcado, considerada mais original e elementar, mais pulsional, do que o princípio de prazer que ela afasta.

Com a noção de pulsão de morte, a meta da pulsão é pensada de maneira ampliada, ou seja, não apenas como procura imediatista de um momento de suspensão dos estímulos, da pressão, mas assumindo a forma plena de desejo de morte, de total cancelamento da tensão.

Se não se pode afirmar que a Pulsão de Morte foi uma concepção sempre presente em Freud, a idéia que lhe está por trás sempre esteve colocada, ainda que de forma restrita, pela noção de *Befriedigung* (entendida como um estado de cancelamento das necessidades orgânicas). Entretanto, nas formulações após 1920, a *Befriedigung* corresponderá ao estado propiciado pelo Princípio de Nirvana (estado de quietude absoluta, extinção de todas as pulsões de vida). Amalgamada a Eros, a Pulsão de Morte atua então no sentido de 'conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico' (Hanns, 1999, p.149).

Ao introduzir o novo par de opostos, pulsão de vida/pulsão de morte, Freud se depara, portanto, com a dificuldade de conciliá-lo à teoria pulsional anterior. Em um primeiro momento, as pulsões de autoconservação, que na primeira teoria das pulsões opunham-se às sexuais, são integradas à pulsão de morte e passam a caracterizar a maneira própria de morrer que define cada espécie viva.

À luz de nossa nova hipótese sobre a pulsão de morte, veremos que o papel dessas pulsões causará certo estranhamento. Afinal, ao postularmos para todo o ser vivo a existência das pulsões de autoconservação, colocamo-nos em flagrante oposição ao pressuposto de que o conjunto da vida pulsional visa a conduzir à morte. À luz dessa hipótese sobre a morte, desaparece a importância teórica tanto das pulsões de autoconservação como das pulsões de apoderamento e de autoafirmação. Diremos então que todas elas são apenas pulsões parciais, cuja função é assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e afastá-lo de qualquer possibilidade – que não seja imanente a ele mesmo – de retornar ao inorgânico. (...) Deriva-se também daí que o organismo não queira morrer por outras causas que suas próprias leis internas. Ele quer morrer à sua maneira, e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviços da morte (Freud, 1920, p.162).

Para ilustrar o grupo das pulsões sexuais Freud toma de empréstimo da

biologia o exemplo do comportamento da célula germinal que se funde a outra célula germinal de um ser do sexo oposto, garantindo uma imortalidade potencial. Freud afirma que, dessa forma, elas são conservadoras no mesmo sentido que as pulsões de morte, já que

visam à volta a estados arcaicos da substância viva; mas, de outro ponto de vista, elas são ainda mais conservadoras, já que se mostram particularmente resistentes às forças externas. Além disso, também são conservadoras em um sentido bem mais amplo, na medida em que preservam a vida por períodos mais longos. São elas as verdadeiras pulsões de vida, elas trabalham contra as outras pulsões que têm por função conduzir à morte, o que mostra que entre esses dois grupos há uma oposição que, aliás, a teoria das neuroses já há muito tempo reconheceu como sendo muito significativa (Freud, 1920, p.163).

Um pouco mais adiante no texto, contudo, Freud (1920, p.173-4) retifica-se para ver na conservação do indivíduo um caso particular das pulsões de vida. Cabe lembrar que entre a primeira e a segunda teoria pulsional, Freud introduziu a teoria do narcisismo, cuja novidade é conceber o Eu como parte do “rol de objetos sexuais” e como “o principal desses objetos”. Freud acentua assim o caráter libidinal das pulsões de autoconservação e identifica a pulsão sexual com Eros. Portanto, se as pulsões sexuais são as continuadoras da vida, as de autoconservação também devem ser postas a seu lado sob a égide de Eros, cuja função é criar cada vez mais vínculos, unificar, lutar contra a tendência de desvinculação dos laços libidinais empreendida pela pulsão de morte, à qual Freud postulou o princípio de nirvana<sup>24</sup>. A pulsão sexual passa por uma importante mudança em relação ao modelo anterior, ou seja, agora ela passa a ser a manifestação fenomênica de um princípio mais profundo, a tendência à ligação.

[O] sexual é modificado. Sendo uma parte do ‘grande princípio unificador’ sob a égide de Eros, ele parece ter perdido seu lado ‘demoníaco’: por meio do investimento libidinal de si (narcisismo), é responsável pela autoconservação, embora desse mesmo reservatório libidinal partam os investimentos eróticos de objeto. Daí em diante, portanto, a libido apresenta-se muito mais como um ‘instinto de vida’ do que como a ‘pulsão’ subversiva da antiga teoria. É verdade que, nesse meio tempo, o demoníaco deslocou-se para o lado da compulsão à repetição e seu substrato, a pulsão de morte (Scarfone, 2005, p.91).

Neste sentido, as pulsões de vida e de morte passam a refletir os movimentos essenciais de ligação e desligamento evidenciados pela teoria do narcisismo. Pulsão de vida e pulsão de morte assumem, assim, um caráter não

<sup>24</sup> Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud distingue dois princípios de natureza reguladora: a tendência à descarga e à redução de estimulações a um nível zero – Princípio de Nirvana, expressão da pulsão de morte – e a tendência de manter a estimulação no nível mais baixo possível – Princípio de Prazer, expressão da libido. Cf. Freud, 1924, p.106.

empírico, mas transcendental, manifestando, respectivamente, a tendência à ligação e ao desligamento. A partir de 1920, a pulsão também é generalizada a todo ser vivo, enquadrando-se em um princípio universal. Mas Freud alerta que esses processos nunca operam de forma pura, mas misturados em várias proporções. Enquanto a energia da pulsão de vida é a libido, a pulsão de morte não possui um termo análogo que defina uma energia específica. Ela opera em silêncio, só chamando a atenção quando é desviada para fora, enquanto pulsão de destruição<sup>25</sup>. Como a pulsão de morte opera em silêncio e não possui energia própria, Freud introduz a idéia de fusão das pulsões, indicando que a pulsão de morte só se pode fazer conhecer através de sua fusão com Eros.

É verdade que nos falta toda e qualquer compreensão fisiológica em relação aos caminhos e aos meios que permitem à libido amansar e domar a pulsão de morte, mas, no âmbito psicanalítico, temos de supor que, de algum modo, os dois tipos de pulsão sempre são amplamente misturados e amalgamados em variadas proporções. Assim, não teríamos pulsões de morte ou de vida puras, mas apenas combinações de diversas magnitudes (Freud, 1924, p.110).

Segundo Laplanche (1986) fusão e des fusão<sup>26</sup> são termos usados por Freud para descrever as relações entre as pulsões de vida e de morte tal como se traduzem de forma concreta. A fusão consiste em uma mistura das duas pulsões em proporções variadas e sua contrapartida é dada pela des fusão, que consiste na separação das pulsões anteriormente combinadas. Depois de 1920, os processos psíquicos são pensados como movimentos pulsionais fusionados. Na clínica, não se trata da satisfação dirigida à morte, mas da satisfação possível, obtida pela ação combinada das pulsões em conflito. Além disso, as pulsões de vida e morte não são restritas a uma região específica da mente, são encontrados em toda parte. Enquanto na primeira teoria pulsional a relação entre pulsão e representação não é problematizada, já que toda pulsão se representa no psiquismo por afeto e representação, na segunda teoria pulsional, o id é formado por pulsões desprovidas de representação e todo o processo de fusão entre pulsão de vida e de morte (como uma pulsão se vincula a uma representação) se dá em termos de um processo que pode ser bem ou mal sucedido, conforme as pulsões vão ou não ligar-se e desligar-se.

A revisão imposta à teoria das pulsões é, como vemos, radical. Onde antes se de frontavam uma sexualidade de base orgânica e sediada no inconsciente, e uma

<sup>25</sup> Essa é, aliás, uma necessidade, pois conter a agressividade provoca um represamento da pulsão agressiva no ego, que uma vez ali fixada opera autodestrutivamente.

<sup>26</sup> O sadismo e o masoquismo são exemplos da fusão de Eros e agressividade, enquanto a ambivalência da neurose obsessiva é um exemplo de des fusão pulsional.

perseveração na existência também de base orgânica mas localizada no ego, surgem agora dois princípios transcendentais, a Repetição e a Ligação, fundando respectivamente as pulsões de morte e as pulsões de vida. A postulação destes princípios obedece apenas longinquamente a considerações de origem empírica, mas sua aceitação, ainda hesitante em *Além do Princípio de Prazer*, não será mais discutida a partir das obras seguintes. A fundação da Psicanálise sobre eles impõe uma revisão ampla do esquema teórico mobilizado para dar conta dos fenômenos clínicos, verificando-se o seu impacto sobre a metapsicologia, sobre a teoria sexual, sobre a concepção da neurose e por fim sobre a própria compreensão dos limites colocados à eficácia da terapia (Mezan, 1982, p.268).

O conceito de pulsão de morte, como já foi dito, foi recebido pela comunidade analítica com muitas ressalvas. A grande maioria da psicanálise pós-freudiana não adota o conceito, ao menos tal como Freud o concebeu, enquanto uma tendência inata e universal. Entretanto, os efeitos patológicos atribuídos à pulsão de morte nunca deixaram de intrigar os analistas, e muito da reflexão clínica atual diz respeito justamente ao papel da destrutividade, sobretudo nos pacientes não-neuróticos. Um dos primeiros analistas a abordar as manifestações da pulsão de morte na clínica, oferecendo uma alternativa à idéia original do conceito, foi Sándor Ferenczi, cuja influência para a psicanálise contemporânea é, hoje, incontestavelmente reconhecida.

## 2.5

### **Além da pulsão de morte: a compulsão à repetição em Ferenczi**

Até o presente momento, a exposição se ateve às transformações da teoria das pulsões no plano teórico interno à conceitualização freudiana, mas, levando-se em conta o objetivo inicial de pensar as articulações possíveis entre teoria pulsional e teoria da relação objetal, cabe agora examinar a repercussão da virada de 1920 sobre os discípulos de Freud e sobre a clínica. O momento da virada é também o momento em que se pode localizar o germe das discussões que, décadas depois, provocariam verdadeiras cisões no campo psicanalítico.

Em 1920, a psicanálise enquanto movimento institucional já adquirira uma maior autonomia, não dependendo exclusivamente de seu fundador, permitindo que Freud, em seus últimos anos de vida, se dedicasse à atividade especulativa que tanto lhe era cara. Naquela época, pouco escreveu sobre técnica. Em realidade, como lembra Green (1990, p.21), Freud não produzia trabalhos voltados para o manejo da clínica desde 1914 e, quando retomou a questão em *Análise terminável e interminável*, em 1937, só fez coro à decepção de sua *entourage* ao identificar na combinação da repetição com a destrutividade um oponente praticamente invencível para o êxito clínico.

As mais novas descobertas de Freud causaram, portanto, um grande mal-estar em relação às perspectivas terapêuticas e a comunidade analítica reagiu como se estivesse diante de uma sentença de morte, pois para eles, muito mais do que para Freud, o sucesso da teoria estava intrinsecamente ligado à terapêutica. Assim, a partir dos remanejamentos articulados por Freud em 1920, questões mais técnicas ocuparam os analistas que se perguntavam como ultrapassar a compulsão à repetição e dar continuidade ao trabalho analítico. Na busca de respostas, os discípulos de Freud, sobretudo Ferenczi, deslocaram o predomínio do ponto de vista tópico-estrutural para uma visão histórico-genética da origem da patologia.

Ferenczi lutava menos contra idéias do que contra analisandos siderados em seu sofrimento. A maneira como ele compreendeu a compulsão à repetição o conduziu a interpretar a transferência como 'pura' repetição, a saber, como reprodução de traumas da infância, traumas bem diferentes daqueles que Freud havia descoberto, pois para ele não se tratava de sedução, mas de violação (psíquica); ou pela confusão de línguas, de subordinação por excesso de demandas parentais, ou ainda de privação de amor, por desconhecimento das necessidades da criança, ou enfim de paralisia psíquica por sideração devida ao desespero. *Em suma, o que está em jogo aqui não é mais o destino da libido, mas simplesmente a asfixia da vida psíquica* (Green, 1990, p.28, grifos meus).

O que interessa nesse momento é examinar, tanto nos textos de Ferenczi publicados em vida, como nas notas póstumas, os indícios de seu distanciamento das orientações de Freud em relação à pulsão. É meu objetivo mostrar que com Ferenczi se inaugura uma clínica centrada nas relações precoces do Eu com seus objetos primários, abrindo caminho para a teoria da relação de objeto.

Em 1913, Ferenczi havia introduzido a idéia de uma tendência à inércia em seu artigo sobre o desenvolvimento do princípio de realidade e seus estados (sem dúvida o primeiro artigo que se escreveu sobre o desenvolvimento do Eu, dirá Balint<sup>27</sup>). A tendência para a inércia ou para a regressão dominaria a vida orgânica, contrapondo-se à tendência para a evolução e para a adaptação que, por sua vez, dependeria de estímulos externos. Neste artigo, Ferenczi afirma que o princípio de prazer atuaria já na vida intra-uterina, através da experiência de onipotência do feto, decorrente de "ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar", o sentido de realidade, por sua vez, seria imposto no momento em que o recém-nascido é 'expulso' ao mundo. Segundo Ferenczi, a situação de onipotência não é forçosamente de imediato abandonada caso o meio cumpra

---

<sup>27</sup> Cf. Balint, 1992, p. XI.

uma função conciliadora.

Se a criança é tratada com amor, não será obrigada, mesmo nesse estágio de sua existência, a abandonar sua ilusão de onipotência. Ainda lhe basta figurar simbolicamente um objeto para que a coisa (considerada como animada) ‘venha’ até ele, de fato, num grande número de casos; sem dúvida, é essa a impressão que a criança tem nessa fase de pensamento animista, quando seus desejos são satisfeitos. Entretanto, a incerteza quanto ao aparecimento da satisfação faz com que pressinta, pouco a pouco, que também existem forças superiores, ‘divinas’ (mãe ou ama-de-leite), cujas boas graças é preciso conquistar para que a satisfação se siga prontamente ao gesto mágico. Entretanto, a satisfação obtém-se com facilidade, sobretudo com um meio particularmente conciliador (Ferenczi, 1913, p.47).

A criança continua apegada ao sentimento de onipotência até que as condições para a realização de suas vontades crescem em número e grau, obrigando-a a reconhecer a realidade. O processo de renúncia à satisfação e de acomodação ao mundo exterior foi tornado possível pela criação de uma rede de conexões simbólicas entre a vida pulsional e o mundo exterior, passando por uma apreensão animista da realidade.

No entanto, a forma como Ferenczi e Freud trataram da tendência à inércia em seus respectivos trabalhos não foi exatamente a mesma. Nota-se que Ferenczi concede, já nessa época, um papel importante ao meio ambiente, fazendo com que a tônica de suas reflexões recaia sobre a relação do sujeito com o objeto. Em 1924, após *Além do princípio de prazer*, portanto, Ferenczi publica sua ficção bioanalítica, *Thalassa*, trabalho que tem como idéia central as propostas de Freud a respeito da natureza conservadora e regressiva das pulsões. Sabe-se pela correspondência entre os dois homens que ambos pretendiam empenhar-se em um projeto sobre Lamarck<sup>28</sup>, ao qual Freud acaba por renunciar em 1917<sup>29</sup>. Ferenczi, no entanto, parece ter dado prosseguimento à empreitada, sendo *Thalassa* o resultado das trocas de ambos a respeito da relação entre a ontogênese e a filogênese na transmissão da memória da espécie. Neste ensaio de 1924, embora Ferenczi não se oponha às hipóteses de Freud em *Além do princípio de prazer*, já se pode perceber um desacordo em

<sup>28</sup> “[O] psicanalista sente-se mais atraído pelo modo de pensar de Lamarck, mais centrado na psicologia na medida em que reconhece igualmente um papel para as tendências e os movimentos pulsionais na filogenia, ao passo que o grande naturalista britânico [Darwin] coloca tudo na dependência da mutação, logo, em última análise, do acaso. A concepção darwiniana também pouco explica essa repetição das formas e dos modos de funcionamento antigos nos novos produtos da evolução, repetição que se reencontra por toda a parte na natureza. Com toda probabilidade, essa concepção rejeitaria a noção de regressão, que não pode ser dispensada pela psicanálise” (Ferenczi, 1924, p.292).

<sup>29</sup> Em 27 de dezembro de 1917, Freud escreve a Ferenczi: “Mas eu não consigo me decidir pelo [trabalho sobre] Lamarck. É talvez como para os nobres poloneses no momento de pagar: ‘nenhum dos dois aceitando que o outro pagasse por ele, nenhum dos dois pagou’” (Brabant et al (ed), 1996, p. 283).

relação ao postulado freudiano da hegemonia da pulsão de morte no psiquismo.

[D]everíamos abandonar definitivamente o problema do começo e do fim da vida e imaginar todo o universo orgânico e inorgânico como uma oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte, em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiria estabelecer sua hegemonia (Ferenczi, 1924, p.325).

Em uma primeira análise, Ferenczi pode ser considerado um autor que trabalha com o conceito de pulsão de morte, diferente de seus herdeiros (Winnicott e Balint, por exemplo) que o aboliram de sua teoria e prática. Mesmo em Ferenczi, no entanto, o uso do conceito de pulsão de morte parece sofrer uma modificação significativa. Assim, quando Freud deu o passo definitivo rumo à dualidade pulsional entre vida e morte, Ferenczi parecia recuar não apenas diante da hegemonia da última em relação à primeira, como queria Freud, mas, sobretudo diante da hipótese constitucional da pulsão de morte. Além da retomada da teoria do trauma em seus trabalhos dos anos trinta, percebe-se também, através de suas notas póstumas, como pouco a pouco ele chega a eliminar a pulsão de morte da dinâmica psíquica, substituindo-a por tendências de vida não completamente opostas. Só existiriam pulsões de vida<sup>30</sup>.

Em *O problema da afirmação do desprazer*, de 1926, Ferenczi retoma as idéias introduzidas no trabalho sobre o desenvolvimento do princípio de realidade e seus estados, à luz das descobertas de Freud sobre a negação. Neste artigo, Ferenczi afirma que a distinção entre as coisas boas e más, entre o ego e o meio ambiente, o interior e o exterior, só se estabelecerá mais tarde; estranho e hostil seriam idênticos nessa primeira etapa. Assim, quando uma criança que sempre foi apaziguada no momento certo sofre o desprazer da fome e da sede, ocorreria uma espécie de desinترicamento pulsional na vida psíquica, manifestado por descarga motora descoordenada e choro. O próximo reencontro com o seio será marcado por esse desprazer, modificando a relação.

[O] seio materno passa agora a ser um *objeto de amor e de ódio*; de ódio porque se foi obrigado a passar sem ele durante um certo tempo, de amor porque depois dessa privação ele lhe propiciou uma satisfação ainda mais intensa; mas, de toda maneira, torna-se a matéria de uma *representação de objeto*, ainda muito vaga, sem dúvida (Ferenczi, 1926, p.397).

A percepção do objeto e, concomitantemente, a gênese do Eu estão, portanto, em relação direta com o desinترicamento pulsional face ao objeto primordial. Mais adiante, no mesmo artigo, ele afirma:

Certos organismos primitivos parecem ter permanecido no estágio narcísico;

<sup>30</sup> "Nothing but life instincts. Death-instinct, a mistake (Pessimistic)" (Ferenczi *apud* Dupont, 1998).

aguardam passivamente a satisfação de seus desejos e se esta lhes for constantemente recusada, eles morrem – pura e simplesmente; encontram-se ainda tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz. Num estágio mais evoluído, o organismo é capaz de rejeitar partes de si mesmo que constituem para ele fontes de desprazer e de salvar assim sua própria vida (autotomia<sup>31</sup>); essa espécie de ‘seqüestro’ pareceu-me ser outrora o protótipo fisiológico do processo de recalçamento. É preciso esperar uma outra etapa do desenvolvimento para ver surgir a faculdade de adaptação à realidade, espécie de reconhecimento orgânico do mundo exterior que é manifesto no modo de vida dos seres que vivem em simbiose, mas igualmente em todo ato de adaptação (Ferenczi, 1926, p.400).

Na passagem citada duas idéias necessitam menção: a primeira é a afirmação de que o frágil organismo sucumbe ao estado inorgânico do qual recém emergiu, caso o ambiente não satisfaça suas necessidades básicas. A segunda diz respeito ao mecanismo de defesa, passível de se desenvolver num momento posterior, que consiste em expelir, cindir partes de si mesmo, como estratégia de sobrevivência face a uma ameaça de perigo iminente. Ambas as afirmações estão interligadas e serão amplamente desenvolvidas nos trabalhos subseqüentes de Ferenczi. A primeira está relacionada à sua compreensão da pulsão de morte e a segunda se insere em suas reflexões sobre o trauma.

Proponho adotar essas duas linhas de desenvolvimento, a da pulsão de morte e a do trauma, em conjunto para compreender a contribuição de Ferenczi à teoria das pulsões e mostrar como sua posição abre caminho para a teoria das relações de objeto. Assim, no artigo intitulado *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), Ferenczi dá seguimento à reflexão sobre a força da pulsão de destruição no início da vida, questionando a concepção freudiana de um funcionamento autônomo e inexorável dos fenômenos vitais, como um emaranhado de manifestações de duas pulsões básicas, a de vida e a de morte, não subordinado às relações intersubjetivas que constituem a história de vida de cada um. Para tanto, parte da observação de pacientes com tendências suicidas e, mais especificamente, da análise retrospectiva de dois casos de espasmo da glote infantil, interpretando-os como tentativas de suicídio por auto-estrangulamento. Para ele, crianças mal-acolhidas, ou seja, recebidas com rudeza e sem carinho, captam de forma consciente e inconsciente os sinais de aversão do meio e sua vontade de viver se quebra. “Morrem facilmente e de bom grado”, mas, se sobrevivem, são acompanhadas por um desprazer e

---

<sup>31</sup> A autotomia é um modo de reação através do qual o animal desprende de seu corpo, ou seja, ‘deixa cair’, os órgãos que estiverem submetidos a uma irritação excessiva. Este seria o modelo biológico do recalçamento; a fuga psíquica diante dos sentimentos demasiado intensos de desprazer.



pessimismo em relação à vida. Ferenczi notou em muitos desses casos manifestações de impotência sexual, disposição para resfriados e até mesmo uma queda noturna de temperatura muito acentuada e sem explicação orgânica. Tais casos, nos quais o gosto pela vida é tão precocemente perdido, seriam semelhantes aos daqueles pacientes que, segundo Freud, “sofrem de uma fraqueza congênita de sua capacidade para viver, com a diferença, porém, de que *nos* nossos casos o caráter congênito da tendência mórbida é simulado, em virtude da precocidade do trauma” (Ferenczi, 1929, p.50, grifos meus).

[N]o início da vida, intra e extra-uterina, os órgãos e suas funções desenvolvem-se com uma abundância e uma rapidez surpreendentes – mas só em condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança. (...) A ‘força vital’ que resiste às dificuldades da vida não é, portanto, muito forte no nascimento; segundo parece, ela só se reforça após a *imunização progressiva* contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e uma educação conduzidos com tato (Ferenczi, 1929, p.50, grifos meus).

Segundo Ferenczi, o pequeno sujeito que acaba de vir ao mundo encontra-se muito próximo do “não-ser individual” e, deslizar novamente para tal estado, poderia, no caso da ausência da “imunização” do meio, acontecer de modo muito mais fácil do que com um adulto. O ponto chave aqui é o termo imunização que mostra como Ferenczi se distancia de uma hipótese constitucional para valorizar o ‘tato’ do meio ambiente. É em 1928, no artigo *Elasticidade da técnica psicanalítica*, que o conceito de tato é mais bem trabalhado. “O tato é a faculdade de ‘sentir com’ (*Einfühlung*)” (Ferenczi, 1928b, p.27). Ferenczi desvincula essa noção de um caráter místico ou puramente intuitivo, trata-se simplesmente de uma capacidade psicológica, empática, de se colocar no mesmo diapasão da criança (ou do paciente) e sentir com ele todos os seus caprichos e humores. No tratamento de tais casos, o analista permite ao paciente “desfrutar pela primeira vez a irresponsabilidade da infância, o que equivale a introduzir impulsos *positivos* de vida e razões para se continuar existindo” (Ferenczi, 1929, p.51). Daí pode-se tirar uma primeira conclusão, ou seja, a pulsão de vida, enquanto tendência erótica e força vital, embora parte integrante do ser humano, só cumpre sua função caso o ambiente favoreça sua dinamização. Pode-se pensar que o mesmo se aplica à pulsão de morte, a falha na imunização corresponderia a um recrudescimento da tendência ao inorgânico. Ambas as tendências dependeriam das primeiras relações do indivíduo com o meio circundante e não estariam ligadas à constituição<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> “A criança recém-nascida utiliza toda a sua libido para o seu próprio crescimento, e é necessário até dar-lhe libido para que possa crescer normalmente. A vida normal começa,

Como já foi salientado, Ferenczi fazia parte dos analistas que reagiram em contra-ataque ao pessimismo terapêutico que passou a dominar cada vez mais a psicanálise a partir da virada de 1920. Foi ele, em realidade, seu maior combatente, sendo a preocupação com a clínica e com os resultados terapêuticos um tema onipresente em seus escritos. Foi um obstinado em acreditar poder o psicanalista oferecer-se como capaz de entender a dor do paciente. De fato, no exercício da psicanálise, afirmava que, se um paciente comparecesse regularmente às sessões, o analista deveria encontrar técnicas para ajudá-lo. Esse princípio levou-o a procurar satisfazer, ao máximo, as expectativas de seus pacientes, através de inovações técnicas, muitas vezes discutíveis<sup>33</sup>. Concebeu a 'técnica ativa' para solucionar a estagnação do processo analítico, criticou-a, insistiu em uma 'elasticidade da técnica', engendrou o que chamou 'princípio de relaxamento e neocatarse', tentou uma 'análise mútua' e aceitou em sua clínica pacientes considerados não-analisáveis por outros analistas. Não é, portanto, sem fundamento o que os contemporâneos dele diziam: salvador dos fracassos dos outros e especialista dos casos limites. A preocupação do analista húngaro com a cura é realçada por Granoff (*apud* Pinheiro, 1995) que afirma: “[s]eu desejo de curar condicionou sua experiência prática. A prática levou-o a descobertas técnicas. Sua teoria é a justificação destas” (p.117). Portanto, na medida em que Ferenczi ia desenvolvendo suas conhecidas inovações técnicas, munido do *furor sanandi* que lhe era peculiar, sua teorização também se modificava, distanciando-se da de Freud.

Ainda que Ferenczi não tenha tido consciência, seu ponto de vista implicava uma modificação importante da metapsicologia freudiana: segundo Freud, o princípio do prazer procurava *um equilíbrio no seio do aparelho psíquico*, ao passo que Ferenczi interessava-se principalmente pelo *equilíbrio entre o indivíduo e seu meio cambiante*. Tal deslocamento tinha conseqüências sobre a maneira de interpretar a tendência fundamental da vida. Parafraseando Fairbairn, que substituiu a visão freudiana da *libido em busca do prazer* pela fórmula da *libido em busca do objeto* (Fairbairn, 1941, 1944), poderíamos resumir o ponto de vista de Ferenczi dizendo que a *libido está à procura de símbolo* (Bonomi, 2003, p.174).

O desenvolvimento de sua teoria do trauma, e a conseqüente revalorização do objeto, levaram-no a questionar o ponto de vista econômico tal qual pensado por Freud, o equilíbrio energético entre as pulsões de vida e de morte, acabando por conduzi-lo a uma nova concepção global do psiquismo.

---

portanto, por um amor de objeto passivo, exclusivo. Os bebês não amam, é preciso que sejam amados” (Ferenczi, 1932, p. 236).

<sup>33</sup> “Ferenczi, tanto como analista quanto como analisando, teve a experiência da insuficiência das técnicas chamadas clássicas em face de um certo tipo de problema. (...) Para os seus pacientes, esforça-se por inventar o que teria desejado que Freud inventasse para ele. Procura oferecer-lhes a compreensão e o crédito que não pôde obter de Freud” (Dupont, 1985, p.26).

Nesse sentido, Ferenczi não estaria apenas chamando atenção para um caso particular que escapa à psicanálise clássica. Ao reavaliar o fator traumático de casos graves, ele também está reavaliando, à sua maneira, a constituição do psiquismo. Ao generalizar a existência dos efeitos do trauma, propondo ao mesmo tempo uma forma relativamente nova de compreensão do aparelho psíquico, ele reformula em parte a metapsicologia de Freud. O conceito de trauma ganha relevo, pouco a pouco, ao longo da obra de Ferenczi, embora seja melhor elaborado na fase final de sua vida, nos anos de 1930. Pode-se dizer que uma soma de fatores, tais como seu estado crítico de saúde, o excesso de preocupação com o cotidiano da clínica e a desaprovação de Freud impediram Ferenczi de formalizar e desenvolver plenamente suas idéias e intuições.

Sabe-se que as idéias desenvolvidas por Ferenczi no final de sua vida não foram bem aceitas por Freud que, chocado, pediu inclusive a não publicação do artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, apresentado no congresso de Wiesbaden, em 1932. De fato, Freud mostrou-se profundamente decepcionado com o amigo, colega e discípulo, pedindo que ele reconsiderasse suas posições e que evitasse mesmo editar artigos por certo tempo<sup>34</sup>. Neste artigo de 1932, Ferenczi dá especial relevo à questão do trauma indo contra “explicações apressadas, invocando a predisposição e a constituição” (Ferenczi, 1933, p.97).

[N]unca será demais insistir sobre a importância do traumatismo e, em especial, do traumatismo sexual como fator patogênico. (...) A objeção, a saber, que se trataria de fantasias da própria criança, ou seja, mentiras históricas, perde lamentavelmente sua força, em consequência do número considerável de pacientes, em análise, que confessam ter mantido relações sexuais com crianças (Ferenczi, 1933, p.101).

O discípulo e colega de Freud via no trauma um fator exógeno, modificando o psiquismo. Para ele, a cena traumática é, na verdade, uma confusão de línguas, ou seja, refere-se à má compreensão de manifestações eróticas da criança, tomando-as como análogas às manifestações da sexualidade adulta. E afirmava que, enquanto as primeiras permanecem sempre no nível da ternura, as manifestações adultas encontram-se no nível genital, da paixão.

---

<sup>34</sup> “Não acredito mais que você se corrija, como eu me corriji uma geração mais cedo... Nos últimos dois anos, você se distanciou sistematicamente de mim... Acredito estar objetivamente em condições de lhe mostrar o erro teórico em sua construção, mas de que adianta? Estou convencido de que você se tornou inacessível a qualquer reconsideração” (Freud *apud* Dupont, 1985, p.17).

[U]m adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com adultos que tiveram tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou seu autodomínio foram perturbados por qualquer infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou de substâncias tóxicas. Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas conseqüências (Ferenczi, 1933, pp.101-2).

A interpretação confusa desses dois níveis eróticos provoca a confusão na criança. Para Ferenczi, essa confusão é traumática e patológica porque põe em risco o projeto identificatório do sujeito. O adulto, enquanto suporte mediador entre a criança e o mundo, deve ser depositário de uma confiança absoluta. Ao confundir a ternura da criança com o erotismo genital adulto, o adulto trai essa confiança. Mas o que é realmente traumático para Ferenczi é a negação, o desmentido do fato. Desse modo, compromete-se o processo da introjeção, pois no lugar da introjeção do objeto idealizado situa-se a incorporação do adulto enquanto o que violenta e invade, e não enquanto o que ama e acolhe. A esse processo Ferenczi chamou de *desmentido*, a *paixão* desmentindo a *ternura*.

Para Ferenczi não se tratava apenas de sedução, mas de violação (psíquica) pelo excesso de demanda ou privação de amor parental. O total desconhecimento das necessidades da criança provocaria, assim, “paralisia psíquica por sideração devida ao desespero” (Green, 1990, p.28). O efeito do trauma será análogo a um golpe devastador no psiquismo. A culpa experimentada pelo adulto é assumida pela criança, pela via da identificação ao agressor, na busca de preservar o adulto enquanto modelo.

As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar (...). Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor. Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico (...). Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada, e, no decorrer do transe traumático, a criança consegue manter a situação de ternura anterior (Ferenczi, 1933, p.102).

Ferenczi refere-se, portanto, a uma clivagem que vem associada ao trauma<sup>35</sup>. O trauma passa a ocupar o lugar do não-representável, do que não

<sup>35</sup> Fairbairn (1943) desenvolve uma posição similar a respeito da clivagem. Para este autor, excessos precoces de ausência ou intrusão emocional do meio ambiente provocam uma série de cisões que são, em realidade, mecanismos de defesa objetivando preservar a ilusão da bondade dos pais enquanto figuras reais no mundo externo. A criança separa e internaliza os maus aspectos dos pais e tais traços tornam-se os maus objetos com os quais o ego se identifica (id. primária). Assim, a maldade é transferida para dentro dela; é ela a responsável pela falta de amor. O cerne deste mecanismo é adquirir segurança externa pagando um alto preço, com o sacrifício

pôde ser inscrito e, portanto, impedido de recalçamento, pois, através do desmentido, o adulto força a criança à não simbolização. É dessa agonia da vida psíquica que fala Ferenczi, na qual impera a imposição do sentido pelo agressor, conturbando a construção do Eu. O trauma não se limita, portanto, à imposição excessiva e violenta de uma excitação sexual prematura, ele se constitui na ausência de resposta do objeto a uma situação de mutilação do eu. Ferenczi retrata uma criança traumatizada, narcisicamente atingida na unidade de sua personalidade, que se tornou um adulto clivado. Nunca é demais insistir sobre o fato de que a parte clivada sobreviveria em segredo, privada da possibilidade de representação num modo neurótico, ou seja, simbólico. Em seu Diário Clínico, afirma que essa clivagem provoca “um estado de mimetismo que, tal como um reflexo condicionado, incita apenas a repetições” (Ferenczi, 1932, p. 259). Para Ferenczi, os adultos forçam na criança a entrada de seus conteúdos psíquicos de caráter desagradável e “esses estranhos transplantes clivados vegetam ao longo da vida na outra pessoa” (Ferenczi, 1932, p. 118).

Com Ferenczi, a teoria do trauma passa de considerações puramente quantitativas<sup>36</sup> – baseadas no campo da psicologia unipessoal – à consideração de eventos em uma relação de objeto – baseadas no campo da psicologia bipessoal. Assim, Ferenczi chega a uma constituição totalmente nova do psiquismo infantil e do campo clínico, abrindo caminho para o pensamento de Winnicott. Ferenczi, mais do que nenhum outro analista na época, soube reconhecer os efeitos mortíferos da pulsão de morte sublinhados por Freud, mas relutou em considerá-los uma tendência universal ligada à constituição. A causa era exógena, tais efeitos deveriam ser atribuídos ao conflito com o outro, à ausência de tato do meio ambiente.

É significativo que com Ferenczi se abra uma alternativa à teoria pulsional, onde é possível supor, em germe, uma teoria relacional que não cessará de se ampliar. A dimensão intersubjetiva supera a intrapsíquica. As mudanças do intrapsíquico são sempre consequência de efeitos intersubjetivos. Mas o que há entre dois sujeitos? O fracasso de Ferenczi é a revanche do intrapsíquico e a confirmação de que o ponto de vista de Freud não foi ultrapassado. Sem dúvida, é preciso chegar a uma nova concepção de sua articulação, para dar ao tratamento alguma chance de sucesso (Green, 2007, p.95).

---

da segurança interna, e, ao mesmo tempo, conservar a esperança de controle onipotente sobre a maldade. Estas relações objetais internas são, para Fairbairn, o centro do reprimido.

<sup>36</sup> Os últimos adendos de Freud à teoria do trauma encontram-se em *Além do princípio de prazer* (1920) texto no qual, como já foi comentado, os excessos traumáticos são sempre libidinais e relativos ao desejo inconsciente e nunca falhas do ambiente. Seria injusto dizer que Freud não leva em conta o ambiente, ou o papel real dos primeiros objetos para a constituição da subjetividade e para a etiologia patológica, o que se quer ressaltar é que suas formulações acabam sempre privilegiando uma perspectiva que foca as mudanças internas ao aparelho psíquico.

### 3 Um lugar para a pulsão em Winnicott?

É um alívio que a psicanálise tenha atravessado a fase, que durou meio século, na qual quando os analistas se referiam a bebês, só podiam falar em termos das pulsões eróticas e agressivas. Era tudo questão de instinto pré-genital, de erotismo oral e anal e reações à frustração, com alguns acréscimos bastante bravios, feitos em termos de comportamento natural agressivo e idéias destrutivas, *agressivité*. O trabalho deste tipo teve o seu valor e continua a tê-lo, mas hoje é necessário que os analistas que se referem à natureza do bebê vejam o que mais se acha lá para ser visto. Para o analista ortodoxo, se ele examinar melhor, há alguns choques a sua espera (Winnicott).

Os ecos e desdobramentos do polêmico debate travado nos anos de 1940 entre Anna Freud e Melanie Klein<sup>37</sup> em torno da herança freudiana são, ainda hoje, fonte de muitas discussões para a Psicanálise. Do meio das Controvérsias, cuja publicação, aliás, Green<sup>38</sup> considera o documento mais importante da história da psicanálise, emergiu um terceiro grupo, composto pelos membros da Sociedade Britânica de Psicanálise não engajados com uma das duas teorias em particular, que se tornou uma das maiores referências para se pensar a clínica contemporânea. Frequentemente, é revisitando os autores deste grupo<sup>39</sup>, de vocação explicitamente mais clínica do que especulativa, que os analistas encontram, hoje, as ferramentas para lidar com os impasses da prática terapêutica e pensar as dificuldades teóricas que daí decorrem. Neste terceiro grupo, chamado Grupo do Meio, ou dos Independentes Ingleses, do qual Winnicott faz parte, é inegável a influência (mesmo que nem sempre direta) da sensibilidade clínica de Ferenczi<sup>40</sup>.

Como foi visto no capítulo anterior, ao considerar as falhas do meio ambiente na etiologia das patologias e na origem do sofrimento psíquico,

---

<sup>37</sup> “Publicamente, a controvérsia era principalmente expressa em termos de diferenças científicas de opinião sobre o que era considerado aceitável como teoria e técnica psicanalíticas tal como formuladas por Freud, e que pontos de vista deveriam ser ensinados aos estudantes de psicanálise ou incluídos em conferências públicas por analistas que representavam a Sociedade” (King & Steiner, 1998, p.37). Winnicott se manteve à margem das discussões, em suas próprias palavras: “Fiquei completamente perdido na longa controvérsia que prosseguiu durante a guerra e arruinou todos nossos encontros científicos, quando as pessoas estavam lutando pelos direitos da Sra. Klein. Tinha de ser feito, mas me deixou completamente frio; eu não sabia nada a respeito dela (controvérsia) e mantive-me inteiramente fora do caminho. Achei difícil, e ainda acho hoje, entendê-la. Mas o que me aconteceu foi que comecei a ficar interessado pelo meio ambiente, e isto conduziu a algo em mim” (Winnicott, 1967b, p. 438).

<sup>38</sup> Cf. Green, 1995, p.245.

<sup>39</sup> Dentre os membros deste terceiro grupo podemos citar: M. Balint, D. Winnicott, R. Fairbairn, E. Jones, E. Sharpe, J. Strachey, J. Flugel, M. Brierly, S. Payne, J. Rickman, P. Heimann, M. Khan, J. Bowlby. Hoje em dia poderíamos citar C. Bollas e C. Rycroft.

<sup>40</sup> Cf. Pacheco-Ferreira, F. “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?” Balint e Winnicott, herdeiros da clínica ferencziana. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2003.

Ferenczi, através de suas inovações técnicas e de seu esforço para tratar pacientes antes considerados inanalizáveis pela teoria clássica do recalçamento, redimensionou o papel da fantasia, cuja excessiva valorização deu origem a uma visão exageradamente intrapsíquica da gênese da subjetividade. Nesse sentido, ao privilegiar a relação médico-paciente, apostando mais na relação dual mãe-filho do que na trama triangular do Édipo, Ferenczi foi responsável, em sua retomada da teoria do trauma, por deslocar o interesse da linguagem econômica para a interpessoal. O que significa, em outras palavras, abandonar a ênfase de Freud em pulsões operando de modo mecânico no interior do indivíduo, tomado de forma isolada, para favorecer o pleno reconhecimento do papel desempenhado pela alteridade no início da vida psíquica.

No entanto, para investigar o lugar da pulsão no pensamento de Winnicott, além de considerar a influência indireta da sensibilidade clínica de Ferenczi, é necessário também ter em mente o pano de fundo das Controvérsias, em especial, o posicionamento de Winnicott frente a Melanie Klein e aos kleinianos. Isso porque, independente da originalidade de seu percurso individual enquanto pediatra e psicanalista, é a Klein, e ao grupo hegemônico formado ao redor dela na Sociedade Britânica de Psicanálise, que ele responde e reage para, pouco a pouco, distanciar-se e solidificar seu pensamento pessoal. Por isso, ao coletar e reunir em seus escritos os parcos posicionamentos explícitos em relação à questão pulsional, não se pode esquecer que é quase sempre a ela e a sua escola, mais do que a Freud ou a sua filha, que Winnicott se dirige<sup>41</sup>.

Winnicott preocupou-se em defender uma linguagem viva na sociedade, combatendo doutrinas, como a kleiniana, mas não as idéias de Klein em si, que ele considerava muito criativa, além de excelente analista. A questão, como ele mesmo dizia, era que "...sempre que há um grande pensador realmente original, surge um 'ismo' que se torna um incômodo" (Winnicott, 1952c, p.37). Preocupado com o que seria um uso errôneo da psicanálise, como uma espécie de quebra-cabeça, no qual o trabalho consistiria em simplesmente juntar peças já existentes e disponíveis, ele alerta Klein, em uma famosa carta de 17 de novembro de 1952, sobre os perigos do doutrinamento de suas idéias.

Estou preocupado com esta organização que pode ser chamada de Kleiniana, que eu creio ser o verdadeiro perigo para a difusão de seu trabalho. Suas idéias apenas subsistirão porquanto forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais dentro do movimento psicanalítico e fora dele. (...) Você é a única que

---

<sup>41</sup> "Seu [Winnicott] trabalho, em realidade, não pode ser compreendido sem referência a Klein. Trata-se de um contínuo, e às vezes implícito, comentário e crítica do trabalho dela" (Phillips, 1988, p.9).

pode destruir esta linguagem chamada doutrina Kleiniana e Kleinismo e tudo isto com um objetivo construtivo. Se você não destruir isso, esse fenômeno artificialmente integrado deverá ser atacado destrutivamente (Winnicott, 1952c, p.35).

Além de levar em conta quem são seus interlocutores, outra questão a que se deve estar atento é o notório emprego idiossincrático por parte de Winnicott de conceitos psicanalíticos consagrados, o que dificulta uma discussão de natureza comparativa. Quando Winnicott, por exemplo, fala de pulsão ou instinto<sup>42</sup>, pode-se considerar que se trata do mesmo espectro semântico encontrado habitualmente no emprego desses termos por outros psicanalistas? Ou ainda, quando ele próprio em um texto usa esse termo, é certo que sua repetição em outro artigo indique exatamente a mesma coisa? Creio que a resposta a estas perguntas é negativa<sup>43</sup>; não é sempre da mesma coisa que se trata, embora daí não se deva concluir que seu pensamento seja ininteligível ou não passível de ser comparado a outras leituras psicanalíticas. Aliás, este estilo pessoal pouco ortodoxo de Winnicott já foi sinalizado e qualificado por numerosos autores tanto de forma negativa como positiva. Phillips (1988, p.14), por exemplo, chama atenção para o fato de Winnicott usar termos chave do léxico psicanalítico como se eles não tivessem história no pensamento da psicanálise; Green (1977, p.4) já afirmou que sua obra forma uma rede de fios entrecruzados difícil de se desemaranhar; Alby (1999, pp.158-9) associou essa ausência de sistematização à tradição tipicamente inglesa, ancorada na pragmática (Locke), e, ao mesmo tempo, com um toque de fantasia (Carroll); enquanto Pontalis (1999, p.198) chegou a considerar que tal característica era seu maior trunfo, o chamado efeito Winnicott, atentando mesmo para um risco de empobrecimento de sua obra, produzido pela busca rígida de coerência em seus conceitos. O estilo escrito de Winnicott, mais informal, dirigido muitas vezes a uma platéia composta por mães e pais ou colegas pediatras, é por vezes poético, mas não rigoroso conceitualmente. Em todo caso, é interessante notar que em Winnicott há um deslocamento das formulações metapsicológicas, expressas em uma terminologia mais clássica, para formulações criadas a partir da linguagem comum dos pacientes e, portanto, voltadas para a qualidade da

<sup>42</sup> Na maior parte do tempo Winnicott emprega o termo *instinct* (instinto) ao invés de *drive* (pulsão). Pode-se atribuir isso à tradução das obras de Freud para o Inglês, feita por Strachey que, como já foi dito, preferiu traduzir *trieb* (pulsão) por *instinct* (instinto). Contudo, cabe ressaltar que tal diferença não é uma questão importante para Winnicott, na medida em que Natureza e Cultura são mais complementares do que opostos em seu pensamento, não exigindo, portanto, que a clara distinção entre instinto e pulsão se tornasse seu cavalo de batalha.

<sup>43</sup> No que concerne ao conceito de pulsão, acredito que a resposta a essas perguntas é negativa não só para Winnicott, mas para a comunidade psicanalítica em geral, estando aí um dos interesses de ainda abordar essa já antiga temática.



experiência, o que, se não trouxe rigor conceitual, resultou em uma clínica muito rica. Como o próprio autor explica:

O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez este seja um método tão bom quanto qualquer outro (Winnicott, 1945, p.218).

O fato de Winnicott não utilizar os jargões e mesmo a grade teórica habitual da psicanálise, estruturada em conceitos sobre os quais há ao menos um consenso, não impede a tentativa de estabelecer um diálogo. A tarefa fica, ao contrário, mais interessante, pois se trata de entender que outro tipo de elaboração o autor apresenta para ocupar o lugar do conceito ao qual ele não se refere, ou ao qual se refere de forma idiossincrática. Para isso, não é interessante se ater somente a tal ou qual frase, tomada isoladamente, mas sim considerar seu pensamento em conjunto.

Uma leitura global de seus escritos aponta de imediato para o fato de que, em contraposição à perspectiva pulsional e metapsicológica da chamada psicanálise clássica<sup>44</sup>, centrada na interpretação, no Édipo e na neurose, Winnicott apresenta um ponto de vista alternativo - ou talvez complementar -, no qual o *holding*, a constituição do *self*, e os casos ditos limite são o eixo reflexivo central. Winnicott considerava seu trabalho em continuidade com o projeto científico de Freud, mesmo que isso o levasse a caminhos que poderiam subverter o sentido original das primeiras formulações psicanalíticas. Aliás, ele reconhecia no próprio Freud esse mesmo movimento evolutivo do pensamento, que pode ser qualificado como mais próximo da teoria, que é aberta, do que da doutrina que, por sua vez, é fechada e se realimenta todo o tempo pela referência ao pensamento de seus fundadores<sup>45</sup>. Em suas próprias palavras:

Eu sou um produto da escola psicanalítica freudiana. Isto não significa que eu tome por certo tudo que Freud disse ou escreveu, e em todo caso isso seria absurdo, uma vez que Freud estava desenvolvendo, ou seja, modificando suas visões (de uma maneira ordenada, como qualquer outro cientista) o tempo todo, até sua morte em 1939. De fato, há algumas coisas em que Freud chegou a acreditar, que me parecem, assim como a outros analistas, estar verdadeiramente erradas, mas isso simplesmente não importa. (...) ele nos deu um método para ser

<sup>44</sup> Chamo aqui de psicanálise clássica ou tradicional a psicanálise Freudiana centrada na neurose, no paradigma edípico e na interpretação do desejo inconsciente recalcado. Winnicott se referia tanto à psicanálise de Freud como à de Melanie Klein pelos termos "clássica", "tradicional" ou mesmo "ortodoxa". Para Winnicott, diferentemente desses autores, a psicanálise "não é apenas uma questão de interpretação do inconsciente reprimido; é mais precisamente a provisão de um enquadre profissional para a confiança, no qual tal trabalho pode acontecer" (Winnicott, 1970a, pp.114-115).

<sup>45</sup> Cf. Cyrulnik e Morin, 2000.

usado e desenvolvido, que podíamos aprender, e por meio do qual era possível checar as observações de outros e contribuir com nossas próprias (Winnicott, 1950, p.29).

Embora o próprio Winnicott nunca tenha concordado que suas elaborações constituíssem uma real oposição às idéias freudianas, o autor não negava sua dificuldade em ler e adotar a parte mais metapsicológica da obra de Freud, da qual toda a teoria pulsional faz parte. Essa dificuldade fica clara em sua correspondência<sup>46</sup>, como na carta em que Winnicott diz a Strachey que este ficará aliviado em saber que ele fez “um bocado de leitura psicanalítica, graças ao fato de ter estado doente duas vezes” (Winnicott, 1951, p.24). Ou ainda na carta a Anna Freud, de 1954, na qual tenta compreender o porquê de não adotar a linguagem metapsicológica e preferir dizer as coisas à sua própria maneira.

Tenho um jeito irritante de dizer coisas na minha própria linguagem ao invés de aprender como usar os termos da metapsicologia psicanalítica. Estou tentando descobrir por que desconfio tanto desses termos. Será que é porque eles aparentam uma compreensão comum quando tal compreensão não existe? Ou é por causa de algo em mim mesmo? É possível, é claro, que sejam ambos (Winnicott, 1954, p.58).

Como afirma o editor de suas cartas, Robert Rodman (1999, p.xxvii), tal desconfiança provavelmente se deve ao fato de Winnicott se interessar mais por Freud, enquanto “o criador de um método para sondar a alma humana” do que por Freud como “o grande construtor de sistema”. Outra explicação para tal dificuldade em adotar plenamente o aparelho psíquico freudiano, e todo o sistema metapsicológico que o torna inteligível, fica clara em mais uma carta, dessa vez a Clifford Scott, de abril de 1954, na qual ele afirma ser muito difícil “fazer com que os analistas olhem para a infância precoce, a não ser em termos de impulsos e desejos” (Winnicott, 1954b, p.61).

Winnicott era consciente de que, embora não tivesse feito contribuições importantes no campo princeps da psicanálise<sup>47</sup>, o das psiconeuroses, lançara luz sobre uma área até então ignorada ou passada despercebida, a das condições necessárias para a construção do *self*. Mesmo considerando seu ponto de vista como plenamente de acordo com o projeto científico de Freud, ele contribuiu para um novo olhar sobre várias questões, abrindo caminho para uma reformulação do campo psicanalítico, para além das explicações em torno do

<sup>46</sup> Reunida no livro *The spontaneous Gesture: selected letters of D.W.Winnicott*, editado por Rodman, 1999.

<sup>47</sup> “Agora, com referência às psiconeuroses, senti que a teoria de Freud e o seu esquema em desenvolvimento para as coisas, à medida que pude vir gradualmente a aprendê-las, abrangia o tema, e, até onde sei, não fiz contribuição alguma nessa área” (Winnicott, 1967b, p. 438).

complexo de Édipo e de sua regressão. Winnicott voltou-se, assim, para o estudo dos fenômenos da experiência pré-reflexiva e não-discursiva dos distúrbios emocionais muito precoces. “Pensei comigo: vou demonstrar que bebês ficam enfermos muito cedo, e, se a teoria não se ajustar a isso, ela terá de se ajustar a si própria. E foi assim” (1967b, p.438).

Esse novo olhar fica ainda mais evidente quando ele se desprende das idéias de Klein, muitas vezes no esforço de revisá-las, e se consolida como um autor independente, o que pode ser localizado em torno da década de 1950. Ao longo dessa época, Winnicott foi construindo uma teoria sobre os estágios mais primitivos do desenvolvimento que privilegiou a idéia de “forças integrativas silenciosas da natureza”, afastando-se das teorias pulsionais então em voga. Como bem afirma Phillips:

Por um lado, no trabalho de Winnicott deste período [50-62], ele expressa uma acentuada preferência – o que é freqüentemente uma idealização – pelas ‘forças integrativas silenciosas’ da natureza e pelo conhecimento tácito ou pela ‘atitude intuitiva’ do que ele chama de ‘mãe devotada comum’. Por outro lado, ele chega a formulações, cada vez mais complexas, e freqüentemente obscuras, a respeito dos estágios ‘naturais’ mais precoces do desenvolvimento do bebê [*infant*] que o envolvem em uma revisão radical dos tipos de teoria instintual sobre os quais a psicanálise havia tradicionalmente se baseado (Phillips, 1988, p.99).

Estou, portanto, trabalhando com a idéia de que Winnicott não adota a teoria pulsional tal como Freud a concebeu e, que tampouco adere às formulações de Klein relativas à pulsão de morte. Em seu lugar, ele oferece outra concepção que compreende idéias estranhas ao vocabulário psicanalítico corrente, como as de processos ‘naturais’ do desenvolvimento, de vivacidade corporal (*bodily aliveness*), de gesto espontâneo, de verdadeiro *self*, de experiência do vivido, entre outras. Sua maior preocupação era a de salientar que havia algo precioso e vital, fonte do viver transformador e criativo, que dependia de inúmeras tarefas e capacidades a serem desenvolvidas, as quais não haviam sido, até então, exploradas pela psicanálise<sup>48</sup>. Pensar em termos de capacidade é muito importante para Winnicott, pois permite abrir espaço para o que é da ordem do singular a cada um, rompendo com a dicotomia atividade/passividade<sup>49</sup>. É nesse sentido que a idéia de processos em

<sup>48</sup> É interessante notar que embora Winnicott não provoque em seu leitor a impressão de auto-posicionar-se como pioneiro e portador de idéias inéditas, em sua correspondência, em contrapartida, fica claro como ele defende seus posicionamentos assertiva e agressivamente, para usar a sua própria definição positiva de agressividade, ao mesmo tempo em que se mostra aberto e disposto a discutir idéias com seus colegas. Esta faceta mais agressiva de sua personalidade muitas vezes foi subestimada.

<sup>49</sup> “Capacidade, com sua implicação de possibilidade armazenada, e sua combinação do receptivo e do generativo, borra o limite entre atividade e passividade” (Phillips, 1988, p.58).

desdobramento é mais adequada ao pensamento de Winnicott do que a idéia de forças em conflito, como sublinha Costa em sua justa comparação entre Freud e Winnicott, e, pode-se acrescentar, entre a clínica dita ortodoxa e a contemporânea.

Na leitura de origem freudiana a função do poder é a repressão dos excessos pulsionais, donde a importância da interdição; na de origem winnicottiana, o poder se revela na capacidade de o ambiente tolerar, sem revide, o ímpeto das pulsões, dirigindo-o para a expressão da criatividade. A cada um, diríamos, sua Holanda. A metáfora preferida de Freud é o dique holandês edificado para conter o avanço do mar e a inundação iminente; a de Winnicott é o moinho de água ou vento, que aproveita a força da natureza para a realização de trabalhos úteis (Costa, 2000, p.26).

A idéia de forças em conflito leva Freud a conceber um homem que, dividido pelas contradições de seu desejo, é conduzido a relações frustradas com os outros. A idéia winnicottiana de processos em desdobramento, por sua vez, implica uma jornada da dependência à independência, na qual a etapa de relação com o mundo e, concomitantemente, o estado de independência, só pode ser atingido através do reconhecimento da dependência absoluta inicial do meio. Como bem resume Phillips, se, para Freud, o homem era o animal ambivalente, para Winnicott, ele era o homem dependente (Phillips, 1988, p.7). Pode-se dizer que ambos, Freud e Winnicott, iluminaram facetas relativas a momentos diferentes na vida de um ser humano. A restrição do alcance da força heurística do conceito de pulsão em Winnicott é, portanto, acompanhada de outro olhar sobre a compreensão das forças em jogo, a saber, um desenvolvimento alternativo do início da vida psíquica, através de sua teoria dos processos maturacionais, na qual a dependência do meio ambiente original e a possibilidade de uma existência autêntica e criativa ganham o primeiro plano.

Loparic<sup>50</sup> há muitos anos defende uma tese interessante, embora polêmica, na qual atribui o estatuto de revolução científica à obra de Winnicott. Em sua leitura, há em Winnicott uma verdadeira mudança de paradigma, que fica cada vez mais explícita na última década de sua vida (1960-71).

Desde aproximadamente 1965, Winnicott passou a interpretar todos os momentos

<sup>50</sup> Nas palavras de Loparic: “Creio que se possa dizer, do ponto de vista da teoria da ciência, que a teoria de Winnicott constitui uma *revolução científica* que substitui o paradigma da psicanálise tradicional por um novo. Em primeiro lugar, o antigo problema central, o do *andarilho na cama da mãe*, cede o lugar a um novo: *o do bebê no colo da mãe*. E, em segundo lugar, o papel de solução exemplar, paradigmática, passa a ser desempenhado pela teoria do amadurecimento pessoal, e não mais pela teoria da história natural da função sexual” (Loparic, 1996, p. 11). Não pretendo apresentar ou aderir a esta tese em sua totalidade, mas aproveitar o rigor e clareza com os quais, a meu ver, Loparic, e outros autores que seguem seu ponto de vista, abordam alguns conceitos de Winnicott.

urgenciais no quadro de um processo desconhecido por Freud e pela psicanálise tradicional: o processo de amadurecimento pessoal. Esse processo é gerado, segundo Winnicott, pela 'tendência integrativa' que caracteriza a própria 'natureza humana' (Loparic, 1999, p.134).

Segundo Loparic (1999), como alternativa à tese freudiana de forças em conflito, Winnicott oferece uma teoria do amadurecimento pessoal, em cuja base está a concepção de que o ser humano possui necessidades (*needs*) e urgências (*urges*) básicas que não são necessariamente derivadas das exigências instintuais biológicas ou libidinal-pulsionais. Haveria uma tendência inata para o crescimento e evolução pessoais, tendência que seria desdobrada em múltiplas tarefas e adquiriria espessura e complexificação de acordo com momentos diferentes. A tarefa principal dessa tendência no início da vida se reduz à constituição e manutenção da mera continuidade do ser. Pode-se dizer que este é o germe da idéia, que será retomada mais adiante, de necessidade do ego, que se transforma em desejo, com o tempo e a ajuda do ambiente<sup>51</sup>.

A tendência à integração de Winnicott não é nem uma pulsão, nem um mero resultado da fusão de diferentes pulsões. Não se trata de uma força de modo algum, mas de uma urgencialidade originária de outro tipo: a que busca a unidade articulada do si-mesmo, do mundo e da convivência com outro no trato com as coisas, e, à luz dessa múltipla meta originariamente articulada, governa toda a acontecência do ser humano. (...) A vida humana não resulta de uma constelação inicial de pulsões localizadas numa máquina humana e submetidas ao princípio de causalidade universal (chamado de princípio de prazer ou de nirvana), mas da urgência primordial de se constituir ('criar', diz Winnicott) a si-mesmo e ao mundo como uma unidade e de ir ao encontro de outros e de coisas acessíveis nesse tipo de abertura (Loparic, 1999, p.137).

Através da apreciação do conjunto de seus escritos, fica evidente que o vocabulário pulsional, ao menos tal como vinha sendo empregado no meio psicanalítico da época, não se apresentava para Winnicott como uma ferramenta interessante para abordar os fenômenos do início da vida subjetiva, pois este momento não deveria ser compreendido a partir das idéias de descarga e satisfação, das metáforas físico-químicas de Freud, comumente indissociáveis do conceito de pulsão (e nem tampouco em termos de desejos e fantasias inconscientes, como em Klein). Apesar de concordar com a posição de Loparic exposta mais acima, considero importante lembrar que Winnicott reserva sim à pulsão um papel no psiquismo, como será demonstrado ao longo deste capítulo, mas não um papel primário. Isso se deve, além da ênfase dada ao ambiente, ao fato de Winnicott se esforçar para valorizar o plano do vivido experiencial desde

---

<sup>51</sup> Ou seja, é interessante notar como a idéia de desejo resulta de um processo de transformação das necessidades e que envolve em grande medida uma resposta do ambiente.

o início da vida subjetiva, e não somente o ponto de vista de um observador externo preocupado em mapear o aparelho psíquico.

Uma diferença inequívoca, portanto, que se pode delinear entre Freud e Winnicott a respeito das origens da constituição subjetiva é a idéia de que Freud privilegia relações estabelecidas em um aparelho psíquico, ou seja, relações entre instâncias intrapsíquicas em conflito. O id, em grande parte herdado, encontra-se presente desde a origem, sendo o ego e o superego resultados de diferenciações diretas ou indiretas desse núcleo primitivo (Green, 2005). Em contrapartida, Winnicott, ao descrever os estágios iniciais da vida, raramente se serve do conceito de pulsão. O bebê winnicottiano não é movido por forças pulsionais em conflito, e sim por uma tendência inata para o crescimento. Esta tendência está presente pelo simples fato de ele estar vivo e, sobretudo, por haver um ambiente sustentando e facilitando a realização das tarefas maturacionais que se lhe apresentam (e, na sua fórmula paradoxal, as quais ele deve descobrir). As pulsões ganham importância em um segundo momento, na medida em que o processo de integração se desdobra. Desse modo, pensar a pulsão em Winnicott, exige compreendê-la, de um lado, como uma pressão biológica mais ou menos indiferenciada e próxima do instinto, e, de outro, como produto de outras operações mais fundamentais, de seu ponto de vista, para a constituição da subjetividade.

A questão central é que na teoria e trabalho clínico winnicottianos não é interessante falar de experiência pulsional até que exista alguém ali para vivenciá-la, ou seja, até que um *self* seja estabelecido. Desse modo, pode-se dizer que Winnicott privilegia a concepção de um *self* em vias de integração e personalização, a partir do qual as pulsões vão precisar ser organizadas. De seu ponto de vista, as pulsões vão servir o *self* mais do que constituí-lo. Tal concepção poderia dar a entender que as pulsões existem independentemente do *self* e que o precedem, mas, é importante salientar, para Winnicott, o fundamental não é definir se a pulsão existe independentemente do *self* ou do objeto, já que, para ele, a ênfase sempre será na capacidade de conter a experiência e não no impulso em si mesmo. Para este autor, a teoria do impulso perde sua importância diante da teoria do continente para o impulso<sup>52</sup>.

Percebemos agora que não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a

---

<sup>52</sup> Seria contraditório, contudo, dar a entender que Winnicott não valoriza a idéia de impulsos primários. Onde incluir sua concepção de gesto espontâneo e agressividade primária, por exemplo? O importante a se ressaltar é que Winnicott não oferece uma teoria dos impulsos, mas uma teoria do amadurecimento pessoal que em sua base é essencialmente não pulsional.

ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. Na verdade, as gratificações instintuais começam como funções parciais e tornam-se *seduções*, a menos que estejam baseadas numa capacidade bem estabelecida, na pessoa individualmente, para a experiência total, e para a experiência na área dos fenômenos transicionais. *É o eu (self) que tem que preceder o uso do instinto pelo eu (self); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar*<sup>53</sup> (Winnicott, 1967c, p.137, grifos meus).

Após essa breve introdução, na qual se tentou deixar claro que a teoria pulsional, embora não seja explicitamente recusada por Winnicott (a não ser no caso da hipótese da pulsão de morte, como será demonstrado mais adiante), ocupa um lugar pouco privilegiado em sua teorização, o objetivo é apresentar o que ele oferece (mesmo que de forma implícita) como alternativa ao enfoque pulsional, bem como os deslocamentos que daí decorrem.

### 3.1 O *self*, a integração e a experiência

No trabalho de Freud e Klein era difícil encontrar um uso para a idéia de *Self*, os termos essenciais eram as idéias de inconsciente e de instintos, e o inconsciente parecia impedir a validade de qualquer *self* unitário. Para Winnicott, o corpo estava na raiz do desenvolvimento, do qual evoluía uma 'parceria psicossomática'. O *self* era primeiramente e sobretudo um *self* corporal e a 'psique' da parceria 'significa a elaboração imaginativa de partes somáticas, sensações e funções, isto é, vivacidade física' (Phillips).

Pode-se dizer que uma das maiores motivações de Winnicott era o estudo da emergência do *self*, ou melhor dizendo, era o exame das condições de possibilidade para que a experiência pessoal, o verdadeiro *self*, tivesse possibilidade de manifestar-se. No entanto, com o emprego do termo *self*, mais uma vez ele lançava mão, de forma idiossincrática e nebulosa, de um conceito inexistente na teoria psicanalítica tradicional. Além disso, Winnicott freqüentemente empregou as palavras ego, eu e *self* de forma indiscriminada, dificultando uma aplicação uniforme dos termos. De todo modo, para a presente discussão, a clara distinção entre essas palavras não é o que importa, mais interessante é pensar como as concepções em torno do ego e do *self*

<sup>53</sup> Vale notar que Freud usa a mesma analogia ao abordar a relação entre o Ego e o Id no artigo homônimo, de 1923. Diz ele: "A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada além. Com freqüência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo aonde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar a vontade do id, como se fosse sua própria" (Freud, 1923, p.39).

contribuem para a idéia, muito cara a Winnicott, de experiência pessoal<sup>54</sup>. Segundo Winnicott (1962), a primeira pergunta que se pode formular a respeito do ego é se ele existe desde o início<sup>55</sup>. Sua resposta é que o início é quando o ego começa, acrescida de uma ressalva, em nota de rodapé, de que o começo é uma soma de começos. Essa resposta reforça o que foi dito mais acima a respeito da importância do plano da experiência pessoal, isto é, embora seja evidente que muita coisa nos primórdios da vida precede e prepara a experiência, não interessa falar de um ego desde o início, pois, para Winnicott, o ego e a experiência começam juntos. Afirmar, portanto, que “o início é quando o ego começa” significa dizer que o ‘início’ é o início da experiência pessoal.

Segundo Abram (2000), a função do ego é a de organizar e integrar a experiência. O ego seria um aspecto do *self* que, por sua vez, refere-se à descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente, mais precisamente, o *self* está ligado à experiência de sentir-se real. O *self* no começo da vida pode ser descrito como o “potencial herdado que está experimentando continuidade do ser e adquirindo, à sua própria maneira e velocidade, uma realidade psíquica pessoal e um esquema corporal pessoal” (Winnicott, 1960, p. 46). Sabe-se que, para Winnicott, o ego (e, mais ainda, o *self*) é uma emergência, resultado de um processo de integração que depende em grande parte da inter-relação com o meio ambiente. As diferenças que eventualmente delineou entre os dois termos, sugerem que o ego seria anterior ao *self*, referindo-se à “parte da personalidade humana em crescimento que tende, em condições apropriadas, a tornar-se integrada em uma unidade” (1962, p.56). O *self*, mais especificamente, dependeria do desenvolvimento posterior do intelecto, no sentido de uma consciência de si reflexiva. Em 1970, no artigo *Sobre as bases para o self no corpo*, ele ensaia uma síntese a respeito de seu emprego dos termos.

Para mim o *self*, que não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o *self* tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para o exterior no curso do funcionamento do processo maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo meio ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita. O *self* se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas

<sup>54</sup> “[D]isse que juntamente com a capacidade para relações interpessoais e de sua elaboração na fantasia e com o mundo pessoal interno da realidade psíquica, há uma terceira coisa, igualmente importante, que é a experiência. A experiência é um constante trânsito na ilusão [*trafficking in illusion*], um repetido alcance do interjogo entre a criatividade e o que o mundo tem a oferecer. A experiência é uma conquista da maturidade do ego para a qual o ambiente fornece um ingrediente essencial. Ela não é, de modo algum, sempre alcançada” (Winnicott, 1952d, p.43, grifos meus).

<sup>55</sup> Cf. Winnicott, 1962, p.56.



circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O *self* se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe. O *self* acaba por chegar a um relacionamento significativo entre a criança e a soma das identificações que (após suficiente incorporação e introjeção de representações mentais) se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva (Winnicott, 1970b, p.210).

O processo de integração e emergência do *self* consiste em uma lenta junção, para o bebê, dos pedaços que, do ponto de vista do observador externo, fazem parte dele mesmo, como seus dedos das mãos e pés, por exemplo. Por trás desse processo, haveria algo como uma pulsão biológica, uma tendência herdada para o crescimento, integração e amadurecimento. Tal tendência, contudo, é uma potencialidade, ou seja, precisa de algo a mais para se fazer operante posto que, no começo da vida<sup>56</sup>, o bebê é absolutamente dependente do meio ambiente de forma que a potencialidade do primeiro deve incluir a potencialidade do último<sup>57</sup>. Como se sabe, Winnicott parte de uma indiferenciação primária, um estado fusional, no qual somente um observador externo poderia distinguir entre o indivíduo e o ambiente, sendo mais adequado falar, portanto, de um conjunto indivíduo-ambiente, ao invés de tratar o indivíduo isoladamente.

A integração está intimamente ligada à função de *holding* do ambiente. A conquista da integração é a unidade. Primeiro vem o 'eu', que inclui 'tudo o que não é eu'. Em seguida vem 'eu sou, eu existo, eu reúno experiências e me enriqueço e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o NÃO-EU, o verdadeiro mundo da realidade compartilhada'. Acrescente-se a isso: 'alguém vê ou entende que eu existo'; e, mais adiante, acrescente-se a isso: eu recebo de volta (como um rosto em um espelho) a evidência de que preciso de que fui reconhecido como um ser (Winnicott, 1962, p.61).

A partir dessas considerações, talvez seja possível afirmar que este primeiro 'EU' corresponderia ao ego, enquanto o subsequente somatório de experiências e a evidência do reconhecimento (a consciência de si reflexiva) corresponderiam à emergência do *self*. Com a ajuda adequada do meio, o desenvolvimento do *self* seria um processo natural constituído por três realizações principais, inter-relacionadas, mas não necessariamente consecutivas, que são a integração, personalização e realização (1962). No início da vida, ele postula uma não-integração<sup>58</sup> da personalidade em uma

<sup>56</sup> Entende-se que Winnicott, ao mencionar o começo da vida, não está falando da vida extra-uterina exclusivamente. "O começo certamente está em alguma data anterior ao nascimento a termo" (1988, p. 116).

<sup>57</sup> O bebê "é um fenômeno complexo que inclui o seu potencial e *mais* o seu meio ambiente" (Winnicott, 1969, p.196).

<sup>58</sup> Cf. Winnicott, 1988, pp.116-121 e Winnicott, 1962, p.61.

unidade, não-integração da qual, pelo estado de dependência absoluta do meio, o bebê não pode ainda se conscientizar.

O bebê que conhecemos como uma unidade humana, seguro dentro do útero, ainda não é uma unidade em termos do desenvolvimento emocional. Se examinarmos [isto] do ponto de vista do bebê (embora o bebê, como tal, não esteja lá para ter um ponto de vista), a não-integração é acompanhada por uma não-consciência (Winnicott, 1988, p. 116).

Winnicott insiste na importância de se diferenciar a desintegração da não-integração. A primeira já pressupõe uma integração mínima, enquanto a segunda refere-se a um ambiente no qual é possível estar não integrado sem o sentimento de despedaçamento<sup>59</sup>. Enquanto a não-integração representa o oposto da integração, a desintegração representa o seu negativo, designando um processo de defesa sofisticado contra as angústias decorrentes da integração, produzindo caos na ausência do ambiente inicial de *holding*. O importante é lembrar que toda idéia de despedaçamento interno é uma visada retroativa, só pode ser percebida depois do estabelecimento do ego como uma unidade. O mesmo poderia ser dito a respeito de um sentimento positivo de plenitude, pois Winnicott sugere uma não-consciência a respeito deste estado inicial que, portanto, não pode ser qualificado pelo sujeito nem como bom nem como mau, nem organizado, nem caótico<sup>60</sup>. Como afirma Green (2000), em Winnicott, o caos não é o estado que precede a ordem, ele já é o resultado da perda de uma ordem mínima.

O caos se torna significativo exatamente no momento em que já é possível discernir algum tipo de ordem. Ele representa uma alternativa para a ordem, e quando o caos em si pode ser percebido pelo indivíduo, ele já se transformou numa espécie de ordem, um estado que se pode tornar organizado como defesa contra ansiedades associadas à ordem (Winnicott, 1988, p.135).

Em relação às três etapas do desenvolvimento do *self*, pode-se dizer sucintamente que a integração corresponde à necessidade de o ego se integrar no tempo e no espaço, diferenciando eu e não-eu. Esse processo leva progressivamente à personalização, momento no qual a pessoa do bebê pode habitar o corpo e suas funções, criando uma membrana limitadora e iniciando

<sup>59</sup> A experiência de não-integração é a precursora da capacidade de apreciar ficar a sós (*Capacidade de estar só*), podendo ser inclusive encontrada em momentos de relaxamento nas pessoas ditas saudáveis ou na regressão empreendida na análise, onde o analista pode se encarregar das defesas como a mãe outrora fez ou deveria ter feito como ego-auxiliar do bebê.

<sup>60</sup> “A idéia de um tempo maravilhoso no útero (o sentimento oceânico etc.) é uma organização complexa de negação da dependência. Qualquer prazer que decorra da regressão faz parte da idéia de um ambiente perfeito, e contra esta idéia pesa sempre uma outra, tão real para a criança ou o adulto regredidos quanto a primeira, de um ambiente tão ruim, que não pode haver qualquer esperança de uma existência pessoal” (Winnicott, 1988, p.159).

uma vida psicossomática. Por fim, ele atinge a etapa da realização, ingressando no mundo da relação objetal. A despeito de uma tendência biológica em direção à integração, ele “se desmancha em pedaços” caso o ambiente não faça sua função de continente, de *holding*<sup>61</sup>, o qual se caracteriza por “um cuidado psicológico” que, no início, é também um cuidado físico (Winnicott, 1988, p.117).

[O] bebê que não teve uma única pessoa que lhe juntasse os pedaços começa com desvantagem a sua tarefa de auto-integrar-se, e talvez nunca o consiga, ou talvez não possa manter a integração de maneira confiante (Winnicott, 1945, p.224).

O bebê precisa de uma adaptação extrema<sup>62</sup> do ambiente às suas necessidades nesse início hipotético para que depois haja uma desadaptação gradativa, de acordo com a capacidade que a criança tem de fazer uso do fracasso ou da adaptação. A idéia é que, se tudo corre bem, uma organização mental e ideacional do que pertence ao bebê vai sendo gradualmente organizada de forma pessoal (identidade pessoal, personalização) e, no desenrolar desse processo, há momentos em que ele pode sentir algo como um “eu sou” (Davis, 1985)<sup>63</sup>. A expressão “se tudo corre bem”, muito empregada por Winnicott, refere-se à provisão ambiental e, mais especificamente, ao conceito de mãe *suficientemente boa*, ou seja, aquela capaz de juntar os pedaços do bebê, integrando-o<sup>64</sup>. Winnicott usa o termo *suficientemente boa* para descrever uma mãe que desempenha suas funções de forma comum, uma mãe que está em um estado de sintonia com seu bebê, que lhe apresenta o mundo em pequenas doses de realidade, e cujos cuidados dispensados atendem não só às necessidades corporais, mas também ao que Winnicott chama de *necessidades*

<sup>61</sup> O termo designa o continente físico fornecido à criança, mas também engloba tudo o que o ambiente fornece anteriormente à idéia de uma vida em comum. Trata-se de uma relação espacial em três dimensões à qual o tempo é adicionado progressivamente. O *holding* materno é o que possibilita manter a continuidade da existência. A expressão utilizada por Winnicott ‘*going on being*’ é propositadamente sem sujeito, para marcar “o sentimento de estar vivo antes do momento em que o bebê se torna sujeito” (Ogden, 2006, p.861).

<sup>62</sup> “Há dois pontos de vista, e, quando eu digo que o ambiente deve ter um início teórico de adaptação absoluta, estou apenas falando de um ponto de vista: aquele do observador. O bebê ainda não emergiu da identificação primária. (Estamos nos referindo a processos que pertencem bem ao começo – i.e. até mesmo a antes do nascimento)” (Winnicott, 1955, p.88).

<sup>63</sup> Em muitos sentidos, a idéia de um *self* em vias de integração está associada a sua proposição a respeito das raízes da agressividade, que será abordada mais adiante, já que uma das implicações deste conceito em Winnicott se refere ao estabelecimento de uma distinção clara entre o *self* e o mundo externo, entre eu e não eu.

<sup>64</sup> Uma mãe não *suficientemente boa* é aquela que é inconstante, que não oferece a seu bebê os meios de prever, de antecipar certo padrão nas suas respostas “...uma mãe que tentaliza sendo alternadamente adaptativa e não adaptativa. É também uma mãe que está em pedaços, como se várias pessoas estivessem cuidando de um bebê, de modo que ele experimenta uma complexidade ao invés de uma simplicidade nos seus cuidados físicos. Na realidade, o que se poderia dizer é que uma mãe ruim é um nome que não se dá a uma pessoa, mas à ausência de alguém que simplesmente goste muito do bebê. *Se a mãe não é suficientemente boa, o bebê falha em integrar ou falha em estabelecer a base para experiências em relação ao que chamaríamos de mundo externo ao bebê*” (Winnicott, 1952d, p.41, grifos meus).

do ego. Ao empregar o termo necessidade, Winnicott enfatiza que os fenômenos do início da vida não podem se restringir às idéias de satisfação ou frustração. De seu ponto de vista, uma necessidade ou é resolvida ou não é. Necessidade do ego é um conceito muito importante em Winnicott, pois representa o que deve ser atendido para que o ego faça o trabalho de apropriação subjetiva das experiências que tecem a sua história (Roussillon, 1999, pp.20-21). As necessidades do ego variam, então, em função da idade do indivíduo e em função do que o ego deve metabolizar<sup>65</sup>. É possível que parte das críticas à obra de Winnicott se deva a essa terminologia, pois, para muitos psicanalistas, ela vai contra as formulações freudianas, rebaixando a pulsão ao nível da necessidade e aproximando-a do instinto. Mas, para Winnicott, não há problema algum em uma aproximação deste tipo, já que a constituição da subjetividade é pensada como um processo, no qual a própria noção de necessidade se insere no contexto de um percurso de amadurecimento que será continuamente ampliado e complexificado. Para Winnicott, portanto, tratava-se de reconhecer que o ego no início é essencialmente corporal e que toda a estrutura da personalidade é construída sobre o funcionamento do corpo, em termos sensoriais e motores, e da fantasia que acompanha esse funcionamento. Para descrever a crescente consciência, o acúmulo de experiências pessoais decorrentes da integração gradual desses elementos sensoriais, ele usa o termo “elaboração imaginativa do puro funcionamento corporal”. Para Winnicott, toda experiência é física e não-física, pois a função corporal será acompanhada e enriquecida por idéias ao mesmo tempo em que o funcionamento do corpo acompanha e realiza a ideação (Winnicott 1950-55, p.289).

Winnicott sugeriu que para o bebê o que há em primeiro lugar são necessidades corporais, e elas se tornam gradualmente necessidades do ego à medida que uma psicologia emerge a partir da imaginação elaborativa da experiência física. *Winnicott não está propondo aqui um conflito entre diferentes tipos de instinto, mas uma metamorfose de um tipo de 'necessidade' em outro* (Phillips, 1988, p.123, grifos meus).

Em *Ego distortions in terms of true and false self* (1960b), ao distinguir entre necessidades do ego e do id, Winnicott sublinha que as necessidades da criança pequena não devem ser reduzidas à satisfação dos instintos, às

---

<sup>65</sup> Segundo Roussillon (1999), a idéia winnicottiana de necessidade do ego é acompanhada de um trabalho terapêutico centrado em torno da otimização das capacidades de simbolização do paciente, modificando profundamente o sentido do trabalho interpretativo.

exigências do id<sup>66</sup>. Estas, no início, são sentidas como externas, como vindas de fora, e só com a construção do ego (ou na terminologia que ficou mais clara no fim de sua obra, do verdadeiro *self*), elas podem ser sentidas como pessoais. As exigências do id podem, ao longo desse desenvolvimento, contribuir para o sentimento de realidade (“aglutinando a personalidade de dentro”), mas podem ser traumáticas quando o ego não consegue incluí-las e conter os riscos envolvidos e as frustrações experienciadas até o ponto em que a satisfação se torna um fato. Ou seja, as demandas instintuais passam despercebidas, em silêncio, caso tudo corra bem, mas se, em contrapartida, houver algum problema na função continente do conjunto ego-ambiente, elas são percebidas ruidosamente. Neste último caso, já se poderia supor um possível quadro psicopatológico. Aliás, algumas descrições de Freud e Klein a respeito da criança em desenvolvimento já pareciam a Winnicott configurar algo da ordem de um falso *self*<sup>67</sup>.

Ao reconstruirmos o desenvolvimento inicial de um bebê, não há razão alguma para falarmos de instintos, exceto em termos de desenvolvimento do ego.

Aí existe um divisor de águas:

Maturidade egóica – experiências instintivas fortalecem o ego.

Imaturidade egóica – experiências instintivas estraçalham o ego.

Aqui, ‘ego’ equivale a um somatório de experiências. O eu individual tem como início um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações; aniquilações resultantes das reações contra as intrusões do ambiente. Por esta razão, é necessário que o indivíduo tenha o seu início nesse ambiente especializado ao qual me referi com o título: *A Preocupação Materna Primária* (Winnicott, 1956a, p.405).

No artigo de 1963, *From dependence toward independence in the development of the Individual*, Winnicott mantém esta mesma linha de raciocínio, afirmando que, nos primórdios da psicanálise, adaptação e satisfação das necessidades instintuais eram sinônimos, e seria interessante alargar essa noção. Sua preocupação era a de acentuar outros aspectos a respeito da vida subjetiva. A mudança de ponto de vista fica clara, é o ambiente que ganha ênfase enquanto agenciador do *self*, e não as pulsões enquanto agenciadoras da satisfação do impulso.

<sup>66</sup> Winnicott parece compreender a satisfação das necessidades do Id como restrita a um registro orgástico, associado à descarga. Ao se referir ao clímax do orgasmo do eu, em seu artigo sobre a capacidade de estar só, ele transporta o registro dinâmico e econômico da metapsicologia freudiana do campo da sexualidade para o campo das experiências do Eu, sem confundi-los, como fica claro com essa diferença entre necessidades do id e necessidades do ego. Cf. Winnicott, 1958b e Khan, 1981.

<sup>67</sup> A definição de falso *self* é dada mais abaixo, neste mesmo sub-capítulo.

As necessidades de uma criança pequena [*infant*] não estão confinadas às tensões instintuais, ainda que estas sejam importantes. Há todo o desenvolvimento do ego com suas próprias necessidades. A linguagem aqui é que a mãe 'não decepcione a sua criança', embora ela possa e deva frustrá-la no sentido de satisfazer as necessidades instintuais (Winnicott, 1963b, p.86).

Não é claro por que, para Winnicott, a mãe deve frustrar a satisfação das necessidades instintuais, mas a mensagem principal contida nessa afirmação é que a habilidade da mãe não pode se restringir a satisfazer as pulsões orais de seu bebê com uma boa mamada, por exemplo. É possível ser competente na satisfação alimentar e violar o ego ao mesmo tempo. Winnicott pensa que esse tipo de satisfação pode ser uma sedução traumática caso o bebê não tenha uma "proteção pelo funcionamento do ego" (1962, p.57). Para Winnicott, "[é] tudo uma questão de imposição [*impingement*] ou não imposição na existência do bebê" (1963b, p.86). O *self* individual estaria a perigo especialmente por uma adaptação ao ambiente precoce e forçada.

No estágio que está sendo discutido é necessário não pensar no bebê como uma pessoa que fica com fome e cujos impulsos instintuais podem ser satisfeitos ou frustrados, mas pensar no bebê como um ser imaturo que está o tempo todo *na iminência da ansiedade impensável*. A ansiedade impensável é mantida à distância por esta função de importância vital da mãe neste estágio, sua capacidade de colocar-se no lugar do bebê e de saber de que o bebê precisa no manejo geral do corpo, e conseqüentemente da pessoa (Winnicott, 1962, p.57).

O cuidado materno tornaria possível a integração pessoal, juntamente com a assimilação e o enriquecimento gradual do mundo. Desde cedo o bebê está em busca de contato com uma pessoa, não apenas de satisfação instintual de um objeto<sup>68</sup>. Não se trata apenas de alívio de tensão, mas de busca de relação. Para Winnicott, aliás, a satisfação só é possível na presença real do objeto, não cabendo considerá-la de forma separada do contexto relacional mãe-bebê, cujo papel essencial é proteger o *self* em formação da criança, sua experiência de continuidade, contra interrupções do ambiente. O ego será forte ou fraco, dependendo de como a mãe real e sua habilidade de atender a dependência da criança real funcionam. A insistência nesse tipo de formulação era uma tentativa de chamar atenção para algo que Winnicott acreditava estar sendo negligenciado pela hegemonia da teoria kleiniana e sua ênfase na realidade psíquica e no mundo fantasístico, povoado, desde o início da vida, por processos

<sup>68</sup> Esta idéia, presente em muitos dos membros do Grupo dos Independentes foi levada ao extremo por Fairbairn que postulou a primazia da busca pelo objeto. Este, e não a gratificação, e não o princípio do prazer, seria o objetivo último da libido - o ser humano estaria "em busca de objeto" e não "em busca de prazer". Segundo Winnicott, Fairbairn tinha algo fundamental a dizer, "algo que tinha a ver com ir mais além das satisfações e frustrações instintuais, até chegar à idéia da busca objetiva" (Winnicott, 1967b, p.441).

muito complexos, como os de projeção.

Estou esperando pelo dia em que alguém do grupo kleiniano será capaz de dizer que a dependência da mãe interna tem uma história na dependência real que existiu no começo, mas Melanie Klein não permitiria isso. Ela diria apenas: 'É claro que eu sempre disse que o ambiente é importante' – sugerindo assim que ela estaria cedendo algo vital, se tivesse que dizer o que eu acabei de colocar em palavras (Winnicott, 1966b, p.159).

A preocupação de Winnicott com a realidade externa e com o sentir-se real o leva a modificar a teoria pulsional, pois, de seu ponto de vista, não é a satisfação instintual que faz o bebê começar a ser, mas o cuidado ambiental. Como foi visto, pode-se dizer que Winnicott considerava a pulsão no início da vida como um impulso global para o amadurecimento, uma espécie de instinto vital, que só adquire significância na experiência do sujeito a partir de um segundo momento, no qual os estímulos podem ser contidos pelo *self*, já que seu excesso poderia ser traumático. De qualquer forma, ele estava preocupado em como a pulsão poderia ser integrada à experiência e descreveu essas manifestações sentidas pelo *self* imaturo como vindas de fora, como um trovão. Ou seja, o que é importante sublinhar aqui é o fato de Winnicott questionar a origem interna da pulsão.

Deve-se enfatizar que no que diz respeito à satisfação das necessidades do bebê eu não estou me referindo à satisfação dos instintos. Na área que estou examinando os *instintos ainda não estão claramente definidos para o bebê como internos. Os instintos podem ser tão externos quanto o barulho de um trovão ou de uma batida*. O ego do bebê está criando força e conseqüentemente chegando a um estado no qual as demandas do id serão sentidas como parte do *self*, e não como ambientais. Quando este desenvolvimento ocorre, a satisfação do id torna-se então um importante fortalecedor do ego, ou do Verdadeiro *Self*, mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incluí-las e ainda não é capaz de conter os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que as satisfações do id se tornam um fato (Winnicott, 1960b, p.141, grifos meus).

A citação acima confirma que, para Winnicott, o que vem de fora deve ser apropriado pelo sujeito para ser usado. Progressivamente, portanto, à medida que o eu se consolida, os instintos passam a ser sentidos como internos, como partes do *self* e não do ambiente. As condições facilitadoras do ambiente serão fundamentais nesse processo. Como afirma Reid (2002), “[e]sta concepção da pulsão se inscreve em um novo quadro epistemológico, em ruptura/continuidade com aquele de Freud, um quadro no qual originalmente o psiquismo individual não existe” (p.1158). Em Winnicott, não se pode falar em um psiquismo individual estanque, enquanto estrutura, com uma localização tópica definida. O principal é a idéia de movimento que está implicada em suas definições, a idéia

de um equilíbrio sempre a se ajustar. Assim, o *self* inclui não só a idéia de pessoa total, de indivíduo, mas o contexto no qual está inserido e a partir do qual age. Winnicott afirma que “[a] unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo<sup>69</sup>. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo, ele se encontra na situação global”. É apenas através do cuidado suficientemente bom e do *holding* e manejo gerais que “a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo” (Winnicott, 1952a, p.166).

Como foi visto, caso o ambiente desempenhe de forma suficientemente boa suas funções, ele permitirá que o crescimento pessoal tenha lugar, mantendo os processos do eu em atividade para seguir uma linha de crescimento sem interrupções graves. Nesse sentido, paradoxalmente, o ego do bebê existe de forma poderosa, pois seu potencial e organização são garantidos pela mãe ou figura materna, através do apoio que fornece ao ego. Nas palavras de Winnicott, esse apoio possibilita às crianças médias a construção de “uma estrutura sobre a acumulação de confiabilidade introjetada” (Winnicott, 1967a, p.153). Em contrapartida, caso o ambiente não se comporte de modo suficientemente bom, só resta ao indivíduo reagir à intrusão, interrompendo os processos do eu. Se este estado de coisas atinge certo limite quantitativo, o núcleo do eu passa a ser protegido, o que implica em um mecanismo muito organizado de defesa do ego sob a forma de um *self* auto-maternante, o falso *self*<sup>70</sup>. Para Winnicott, o falso *self* protege a integridade do *verdadeiro self*, ou melhor dizendo, ele esconde a realidade interna, a vitalidade do bebê. Este mecanismo de defesa pode atingir vários níveis, desde uma adaptação social normal e saudável até um nível mais patológico, o qual corresponderia a uma verdadeira clivagem do *self* entre verdadeiro e falso, este último, totalmente submisso às imposições do ambiente, podendo dominar a personalidade e ser tomado como a única realidade existente.

Em *Ego distortions in terms of true and false self*, de 1960, Winnicott afirma que sua divisão em verdadeiro e falso pode ser associada à divisão de Freud do *self* “em uma parte que é central e movida pelos instintos (ou pelo que Freud chamou sexualidade, pré-genital e genital), e uma parte que está voltada para

<sup>69</sup> Vale lembrar que esta é a definição de narcisismo primário para Winnicott: o estado no qual o que se percebe como sendo o ambiente do bebê e o que se percebe como sendo o bebê constituem, de fato, uma unidade. Para Winnicott, portanto, o narcisismo primário não é um estado de isolamento intrapsíquico (Winnicott, 1988, p.158).

<sup>70</sup> A terminologia ‘falso’ refere-se à ausência da “impulsividade pessoal”. O verdadeiro *self* é o depositário das experiências de vivacidade [*aliveness*], enquanto o falso *self* é um mecanismo de defesa precoce em resposta à interrupção da continuidade de existência do indivíduo.



fora e relacionada ao mundo” (Winnicott, 1960b, p.140). Mas, em realidade, sua classificação difere enormemente da de Freud, pois se trata de algo que ocorre no contexto da interação mãe-bebê e não de uma organização defensiva contra os impulsos do id. Embora certamente se possa dizer que a sexualidade estaria incluída no verdadeiro *self*, para Winnicott, tratar-se-ia de um fenômeno posterior. O verdadeiro *self* não emerge da sexualidade, mas da relação inicial de mutualidade, ou seja, de uma sustentação na qual a “coisa principal é uma comunicação entre bebê e mãe em termos da anatomia e fisiologia de corpos vivos” (Winnicott, 1969, p.200). O que conta aí são os ritmos da respiração, os batimentos cardíacos, a temperatura do corpo. Como diz Winnicott, é justamente dessas “provas cruas de vida” que é feito o *verdadeiro self*. “O verdadeiro *self* deriva do vigor dos tecidos corporais e do andamento das funções corporais” (Winnicott, 1960b, p.148). Como o próprio Winnicott define, se no estágio das primeiras relações objetais

(...) a criança está na maior parte do tempo não-integrada, e nunca totalmente integrada; a coesão dos variados elementos sensório-motores se deve ao fato de que a mãe sustenta a criança, às vezes fisicamente, e todo o tempo figurativamente. Periodicamente o gesto da criança dá expressão a um impulso espontâneo. A fonte do gesto é o verdadeiro *self*, e o gesto indica a existência de um potencial verdadeiro *self* (Winnicott, 1960b, p.145).

Vê-se que Winnicott concebe a existência do verdadeiro *self* antes mesmo da integração do *self* ter-se estabilizado. Isso poderia constituir um problema em seu argumento, mas provavelmente o que ele quer ressaltar com esta afirmação é apenas a presença do caráter potencial do verdadeiro *self* desde o início. Aliás, o verdadeiro *self*, como acertadamente define Bollas (1996), não é uma entidade (com uma significação inconsciente), ele é a própria experiência, da qual depende para sua expressão, pois existe unicamente através dela. O verdadeiro *self* não é, portanto, algo inerte e palpável.

No fim de sua vida, Winnicott desenvolve a idéia de um verdadeiro *self* não comunicado e incomunicável, considerando-o, em parte, inacessível<sup>71</sup>. Na verdade, segundo Phillips, Winnicott desenvolveu uma teoria negativa do *self*, o verdadeiro apenas sendo inferido através de tudo o que o falso, este sim

<sup>71</sup> “Sugiro que na saúde há um núcleo da personalidade que corresponde ao verdadeiro *self* da personalidade clivada; eu sugiro que este núcleo nunca se comunica com o mundo do objeto percebido e que o indivíduo sabe que ele nunca deve ser comunicado ou influenciado pela realidade externa. (...) Ainda que as pessoas sadias se comuniquem e gostem de se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, o de que *cada indivíduo é um ser isolado, permanentemente não comunicante, permanentemente desconhecido, na verdade, não encontrado*” (Winnicott, 1963c, p.187). Na clínica, o analista deve permitir que o analisando comunique que não está comunicando e deve também saber distinguir essa manifestação de outra, esta sim patológica, associada à falha na própria capacidade de comunicação.

observável, não é.

Ele era um pragmático com uma teoria essencialista que postulava a existência de um Verdadeiro *Self* enraizado no corpo, fazendo parte dele, por assim dizer, mas um corpo sem conotação erótica. O impulso não era para o prazer, mas para o desenvolvimento, e as fundações da teoria psicanalítica precedente – o Inconsciente e os Instintos – foram incorporados por este projeto. A vida do bebê começava não exclusivamente no conflito, mas na mutualidade; de fato, o conflito em excesso distorcia o desenvolvimento natural. Nos primeiros estágios do desenvolvimento havia, por assim dizer, um socialismo rudimentar, uma forma de vida, sugere Winnicott, baseada no intercâmbio colaborativo (ou talvez mais exatamente, para usar o termo de Wordsworth, ‘dominação mútua’) (Phillips, 1988, p.97).

Assim, tentou-se mostrar que, segundo Winnicott, o ser humano não vem ao mundo dominado por pulsões parciais e auto-erotismo, como em Freud, nem pela posição esquizo-paranóide, como em Klein, e sim pela necessidade de construir uma unidade integrada, o *self*, para dar conta das experiências pessoais resultantes dos momentos excitados e do encontro com a realidade externa. Para Winnicott, inversamente a Freud, a experiência não começa com a sexualidade. A criança começa a vida com a tarefa de habitar seu próprio corpo que, por sua vez, não era constituído por uma batalha entre instintos opostos, mas por uma tendência à integração sustentada pelo meio ambiente.

### 3.2 A agressividade e criatividade primárias

Enquanto os analistas se esforçam na descrição da psicologia do indivíduo e dos processos dinâmicos de desenvolvimento e organização defensiva, e para incluir impulso e pulsão em termos do indivíduo, aqui, nesse ponto onde a criatividade passa a existir, ou não (ou, alternativamente, se perde), o teórico tem de levar em conta o meio ambiente, e nenhuma afirmação que se refira ao indivíduo como ser isolado pode tocar o problema central da fonte da criatividade (Winnicott).

Tendo sempre como fio condutor a pergunta inicial, ou seja, qual seria o lugar da pulsão em Winnicott, cabe agora abordar seu posicionamento a respeito da agressividade e criatividade primárias, ambas ligadas ao conceito de verdadeiro *self*. Dessa forma, é fundamental apresentar sua crítica à teoria da agressividade que, na época, era intrinsecamente associada ao conceito de pulsão de morte<sup>72</sup>. Winnicott por diversas vezes afirmou não ver valor algum na

---

<sup>72</sup> As críticas de Winnicott à pulsão de morte serão mais uma vez retomadas no último item deste capítulo.

parte da teoria freudiana sobre a pulsão de morte<sup>73</sup>, chegando a afirmar que as pulsões de vida e de morte eram o único erro grave de Freud. Mas é importante lembrar que os protestos de Winnicott não eram dirigidos a Freud, e sim ao uso abusivo daqueles conceitos por parte dos membros do grupo kleiniano da Sociedade Britânica de Psicanálise.

É uma pena que Melanie Klein tenha feito tanto esforço para adotar os instintos de vida e de morte, os quais talvez sejam o único tropeço de Freud. Não preciso lembrá-lo de que ele tinha muitas dúvidas em relação a eles quando introduziu o conceito pela primeira vez; e também que o termo instinto de morte sofre mais abusos do que qualquer outro termo em nossa Sociedade e é usado no lugar da palavra agressão ou impulso destrutivo ou ódio de uma forma que teria horrorizado Freud, tenho certeza (Winnicott, 1952d, p.42).

A interpretação kleiniana da pulsão de morte foi, aliás, um dos desencadeadores das Controvérsias dos anos 1940. Melanie Klein considerava a pulsão de morte como uma manifestação concreta, direta e inata, sinônima de agressão. Para ela, portanto, inveja, ódio e sadismo, manifestações da pulsão de morte, estavam presentes já no bebê recém-nascido. Em Winnicott, inversamente, é o ambiente que influencia a forma de lidar com a agressão inata que, como será visto mais abaixo, não possui para o bebê um aspecto destrutivo no início. De seu ponto de vista, o termo pulsão de morte era empregado anarquicamente como sinônimo de várias outras noções, como destrutividade, raiva e ódio, sem que houvesse uma verdadeira discussão a respeito. Em realidade, parecia-lhe que o conceito, além de não acrescentar nada, confundia mais do que esclarecia. Em uma carta a Hans Thorner ele deixa explícita a sua insatisfação com os rumos do uso do conceito na Sociedade.

Gostaria de dizer, no entanto, que é muito confuso na Sociedade quando vários termos são usados como se fossem totalmente aceitos. Tenho certeza de que você sabe exatamente o que quer dizer quando diz: 'partes perigosas...derivativos do instinto de morte...devem ser expelidos' etc.etc. Eu mesmo não sei o que você quer dizer e pelo menos metade da Sociedade terá a impressão de que você está simplesmente dizendo 'instinto de morte' ao invés de usar as palavras 'agressão' e 'ódio'. Você poderá sentir que isso é muito pouco importante, como de fato é no contexto do seu artigo, mas seria de grande valor na Sociedade se pudéssemos encontrar uma linguagem comum. Em algum outro momento, quando não tiver nada para fazer, você consideraria reescrever aquela frase sem usar as palavras 'instinto de morte', apenas em meu benefício? (Winnicott, 1966a, p.154).

Para Winnicott, o conceito de pulsão de morte teria sido a saída encontrada por Freud na ausência de uma melhor explicação para as forças operantes no início da vida, mais especificamente, seria resultado do

<sup>73</sup> Cf. Winnicott, 1956b, p.109.

desconhecimento de algo que Winnicott denominou impulso de amor primitivo. Vale conferir as próprias palavras de Winnicott a esse respeito:

[D]o meu ponto de vista é um conceito que Freud introduziu porque não tinha noção alguma sobre o impulso de amor primitivo. Em uma discussão, trazer a palavra instinto de morte não seria de utilidade alguma a não ser que você retornasse diretamente a Freud e falasse sobre a tendência dos tecidos orgânicos a voltar para o estado inorgânico, o que, no que concerne à psicologia, não significa nada além da afirmação do óbvio. E provavelmente nem é verdade, mesmo em sua forma mais simples e crua (Winnicott, 1952d, p.40).

Persuadido de que o conceito de pulsão de morte era inútil e que representava apenas um jeito canhestro de abordar a questão da agressividade, Winnicott propôs rediscutir as bases dessa teoria em outros termos, privilegiando o papel do meio ambiente ao invés do da hereditariedade.

Segundo meu ponto de vista, tanto Freud quanto Klein (...) refugiaram-se na hereditariedade. O conceito do instinto de morte poderia ser descrito como uma reafirmação do princípio do pecado original. Já tentei desenvolver o tema de que tanto Freud quanto Klein evitaram, assim procedendo, *a implicação plena da dependência* e, portanto, do fator ambiental (Winnicott, 1971a, p.102, grifos meus).

Para ele, os problemas do mundo não eram causados pela agressividade humana, mas pela repressão dessa agressividade no indivíduo. Para seguir essa pista, ele vai se interessar pelo significado positivo da agressividade, enquanto sinônimo de motilidade, de força vital. Para tanto, ele se volta para a observação dos movimentos das crianças prematuras, em busca de uma indicação do que acontece da ordem da vivacidade no estado fetal<sup>74</sup>. O conceito de agressividade em Winnicott representa, portanto, uma das raízes da energia viva (*living energy*). Nesta energia há também amor, no sentido mais corporal, levando posteriormente para a sexualidade, genitalidade e relação objetal, mas, ele sublinha, muito do que fundamenta o motor da vida consistiria em atividade construtiva que tem como pano de fundo a agressividade. “Em minha opinião, o impulso agressivo inerente é extremamente poderoso e faz parte do instinto que pede por relacionamentos. Ele é, portanto, uma parte essencial do impulso de amor primitivo” (Winnicott, 1952d, p.40).

Assim, Winnicott apresenta uma teoria da agressividade primitiva, ligada à raiz da motilidade e não uma teoria da agressividade intencional, que, por sua vez, seria reativa. Em sua proposição, as pulsões agressivas associam-se ao

<sup>74</sup> “Pessoalmente estou muito interessado pelo estudo dos movimentos nas crianças prematuras que podem dar uma indicação do que acontece no estado fetal que ateste vida e vivacidade. Por exemplo, ocorreu com frequência em uma análise que eu interpretasse uma cobra não como um símbolo fálico, mas como um símbolo do *self* inteiro da criança como representado no corpo e em movimentos do corpo que são característicos na época em torno da data de nascimento” (Winnicott, 1957, p.111).

movimento, a algo que chamou de “força vital” e não à raiva ou ao ódio, emoções mais elaboradas que aparecem em um período posterior, associado à integração da personalidade. É importante ressaltar, contudo, que essa força vital se assemelha mais a um movimento do que a um estímulo. Desse modo, a agressividade, que é inicialmente sinônima de atividade e motilidade, adquire um caráter destrutivo “por acaso”. No artigo *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950-5), ele trabalha detidamente essas raízes, propondo uma agressividade não tributária da idéia de pulsão de morte, como em Freud e Klein, e tampouco relacionada a uma reação à frustração. Essa agressividade estaria mais ligada ao movimento de expansão e expressão do *self*. Daí se podem depreender duas formas de agressividade: uma que vem simplesmente da expansão individual, do prolongamento do gesto espontâneo e que culmina em uma inserção no mundo e na existência, e outra que seria reativa, constituindo-se em um mecanismo de defesa contra um gesto exterior que se impôs e inibiu a expansão espontânea do bebê.

Para Winnicott, portanto, o desenvolvimento saudável é aquele no qual os impulsos do feto (ou bebê) o levam a descobrir espontaneamente os objetos do mundo externo, sendo o ambiente uma oposição sentida nesse movimento, o que colabora no sentimento verdadeiro do ser. A partir dessa oposição, inicia-se o processo de reconhecimento de algo externo, um não-eu, que define o eu. Em um padrão teórico de saúde, como se vê no gráfico<sup>75</sup> abaixo, o indivíduo isolado, sustentado por seu ambiente (1), ao movimentar-se, descobre e redescobre o ambiente sucessivas vezes (2). Assim, abre-se a possibilidade de o contato ambiental ser aceito (3).



A relação com o ambiente é aceita porque reconhecida como uma experiência espontânea do indivíduo (embora o ambiente esteja lá, sendo “suficientemente bom” e dando a sustentação necessária para que isso aconteça) e não como uma imposição. Winnicott usa como analogia a imagem de uma bolha na qual a pressão externa está adaptada à pressão interna, permitindo que a bolha continue existindo (no caso de um bebê humano seria

<sup>75</sup> Adaptado do artigo *Psicose e cuidados maternos*. Cf. Winnicott, 1952b, p.309.

mais correto dizer sendo, *being*). Se a pressão externa for maior ou menor do que a interna, a existência da bolha fica ameaçada e ela será compelida a modificar-se como reação à mudança ambiental e não em função de um impulso próprio. Em um padrão patológico extremo, há o isolamento primário do indivíduo (1), seguido de uma intrusão provocadora de uma resposta reativa (2), e uma volta ao isolamento como forma de garantia da existência individual (3).



Esse último estágio pode assumir diversos graus, chegando até a uma falha na capacidade de transformar-se num indivíduo. “O indivíduo desenvolve-se, então, mais como uma extensão da casca do que como uma extensão do núcleo, ou seja, como uma extensão do ambiente invasor” (Winnicott, 1950-5, p.297). Dessa forma, nos casos patológicos, a intrusão do ambiente gera uma reação que esgota a “força vital” e impede a instauração do *self*. Ao invés de experiências individuais, o que ocorre são reações à intrusão<sup>76</sup>. No lugar do verdadeiro *self*, instala-se um falso para proteger o núcleo do verdadeiro, que permanece isolado em decorrência da experiência reativa.

À medida que o bebê cresce, dependendo do tipo de ambiente em que ele se encontra, a agressividade primária pode ou integrar-se como um sinal de saúde, ou manifestar-se destrutivamente, como nas tendências anti-sociais<sup>77</sup>. A integração da agressividade se dá paulatinamente, enquanto a criança se desenvolve, sendo a motilidade subordinada a outras funções corporais e acompanhada da fantasia que, por sua vez, também se complexifica. Assim, fantasias de destruição mágica, formuladas como “eu te chuto e te coloco lá longe”, ou “eu fecho meus olhos e o mundo é aniquilado”, são usadas pela criança na separação entre o que é do *self* e do ambiente, eu e não-eu, exercício que leva, ao mesmo tempo, à descoberta da interioridade e dos objetos como externos. Davis (1985) sublinha que Winnicott descreveu esses primeiros esboços de sentimento de existência individual (“Eu sou”) como momentos de extrema exposição para o indivíduo, que muitas vezes necessitará de um *holding*

<sup>76</sup> É curioso notar que, para Winnicott, as respostas à intrusão do ambiente, as reações, não são consideradas experiências. Ver citação da nota 54, mais acima, na qual Winnicott define a experiência como uma conquista do ego nem sempre alcançada.

<sup>77</sup> É importante lembrar, no entanto, que, para Winnicott, a tendência anti-social é um sinal de esperança, mesmo que, do ponto de vista da sociedade seja algo evidentemente bastante desconfortável.

físico, de um suporte egóico, para experimentar a integração como parte dele mesmo. Isso porque com o “Eu sou” vem o “Você é” (e a possibilidade de retaliação real, já que o objeto agora está fora da área de controle onipotente)<sup>78</sup>. Segundo Winnicott, em relação ao conjunto total ambiente-indivíduo, a integração produz um paranóico em potencial (Winnicott, 1952b, p.313). Winnicott evoca aqui, a figura de Humpty Dumpty, um personagem infantil em forma de ovo, com uma gravata separando o rosto do restante do corpo. Para Winnicott, a imagem de Humpty Dumpty em cima do muro representa a fragilidade do indivíduo que acabou de emergir da fusão com o ambiente e alcançou a integração, estando, dessa forma, sujeito a uma desintegração frente à precariedade e vulnerabilidade do momento. Com a questão da agressividade primária, portanto, Winnicott insiste no fato de a externalidade ser criada a partir do impulso de expansão espontâneo do indivíduo.

Na teoria ortodoxa encontra-se sempre o pressuposto de que a agressão é reativa ao encontro com o princípio da realidade, enquanto que aqui é a pulsão destrutiva que cria a qualidade da externalidade. Isto é central à estrutura de meus argumentos (Winnicott, 1968b, p.176).

Essa diferença entre as duas concepções, a da teoria ortodoxa e a de Winnicott, fica clara no artigo *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações* (1968b), no qual ele afirma ser a agressividade do gesto impulsivo e espontâneo do recém-nascido que o leva a necessitar, primeiramente, de um objeto externo. Este gesto, ao voltar-se para o exterior, encontra oposição. A resistência confere realidade a essa experiência que, por sua vez, facilmente se funde às experiências eróticas. “Estou sugerindo que *é esta impulsividade e a agressividade que dela deriva que levam o bebê a necessitar de um objeto externo*, e não apenas de um objeto que o satisfaça” (Winnicott, 1950-5, p.304). Em *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950-5), Winnicott afirma que, embora o gesto impulsivo e espontâneo, chamado de impulso do amor instintivo, tenha um aspecto destrutivo, não há na criança a intenção de destruir, visto que esses impulsos pertencem a uma etapa anterior à ambivalência, ou seja, anterior à possibilidade de se preocupar e sentir piedade pelo objeto (p.296). Assim, Winnicott (1954-5) descreve a criança como impiedosa (*ruthless*)<sup>79</sup> em seu amor instintivo, porque não percebe as conseqüências de sua agressividade.

<sup>78</sup> “Se eu sou, então eu juntei isto e aquilo e reivindiquei isso como sendo eu, e repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, por assim dizer, insultei o mundo, e devo esperar ser atacado”. (Winnicott, 1968c, p.57). Cf. também Winnicott, 1988, p.124.

<sup>79</sup> Essa questão será retomada no próximo item desse capítulo.

O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar (Winnicott, 1950-5, p.289).

A agressividade tem como conseqüência, caso o ambiente faça seu papel de oposição e não de retaliação, a destruição do objeto subjetivo e, dessa forma, a possibilidade de percebê-lo no mundo externo como algo dotado de vida própria que, afinal, pode ser usado. O bebê é impiedoso do ponto de vista do observador, pois como o impulso primitivo é anterior à piedade, a criança só se sente cruel numa perspectiva retroativa, quando atinge a integração e olha para trás. Se o bebê é compelido a ocultar sua “crueldade” em razão de um ambiente que não tolera a agressão, pode ocorrer uma dissociação.

O amor implacável ou impiedoso está relacionado à criatividade primária, à sensação individual de realidade da experiência e do objeto. Como afirma Costa (2004), a agressividade primária faz parte de uma ação criativa que “só se satisfaz ao encontrar um objeto resistente à pulsão agressiva, ou seja, um objeto que se deixe usar sem perder todas as suas propriedades originais” (p.121). A criatividade surge então do encontro do gesto espontâneo e expansivo com a resistência do ambiente. Maleabilidade e oposição, aliados numa tensão ótima, são, portanto, as características necessárias, segundo Winnicott, para conferir a sensação individual de realidade de uma experiência<sup>80</sup>. Para Winnicott, afirmar que existe uma criatividade primária implica em aceitar que o ser humano não só projeta o que foi anteriormente introjetado ou excreta o que foi introduzido. Ou seja, a criatividade (e também a agressividade) não pode ser apenas compreendida enquanto processo dinâmico ou como organização defensiva da psicologia individual tomada de forma isolada.

O *self* verdadeiro da criatividade primária de Winnicott é um *self* desatento para os perigos, é um *self* que, por mais longe que esteja em seu movimento de conquista de independência será sempre dependente do outro para o exercício de sua criatividade. O *self* verdadeiro é um *self* ecológico<sup>81</sup> (Souza, 2007, p.336-7).

A criatividade primária depende do amparo e da resposta do objeto e,

<sup>80</sup> Segundo Abram (2000, p.2), “a criatividade primária ou primitiva unida a um *self* implacável” constituiria a versão winnicottiana da pulsão de vida.

<sup>81</sup> *Self* ecológico é um conceito introduzido pelo psicólogo Neisser para definir um *self* pré-reflexivo que se constitui na sua abertura e experiência no mundo. “As condições externas físicas e sua exploração perceptiva ativa provêm o que Neisser chama de *self* ecológico e o que Eleanor Gibson chama ‘o nível mais básico do *self* que coleta informações sobre o mundo e interage com ele’ (Gibson, 1993, p.41)” (Pickering, 1999, p.71). Tal diferença corresponde à descrição feita por Merleau Ponty (1999) de um *self*, cuja sensibilidade tácita não reflexiva constitui nossa presença primária no mundo.



nesse sentido, ela é uma criatividade potencial que se refere à idéia de autenticidade. A contribuição pessoal de Winnicott à noção de criatividade é mostrar que ela deve ser reconhecida, não tanto pela originalidade da produção final, mas pela sensação individual de realidade da experiência. Para Winnicott (1971a, p.98), a criatividade deve ser desvinculada da atividade artística, pois ela não exige talento especial, trata-se de uma proposição universal relacionada ao estar vivo e à saúde. A criatividade, em suma, é a descoberta de um modo de existir como si mesmo. Dessa forma, embora o impulso criativo seja necessário na produção de uma obra de arte, é também algo que se faz presente quando, qualquer pessoa, em qualquer momento da vida, “se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical” (p.100). A esse respeito, Pontalis considera ser um pouco abusiva a afirmação bem humorada de Winnicott de que podemos ser tão criativos cozinhando ovos quanto Schumann compondo uma sonata. Mesmo assim, o autor não nega que há algo de interessante nessa idéia.

Temo que Winnicott esteja aí um pouco enganado por conta de seu amor pela criança (e pela mãe). Dito isto – e ainda assim eu recuso o conceito, mas reconheço a coisa –, falando de criatividade, Winnicott nos lembra que o mundo de nossas percepções é letra morta se não for animado por um olhar. Nesse sentido, nós criamos o mundo... mas ele já está lá (Pontalis, 1999, pp.197-198).

Segundo Winnicott (1971a) “é através da apercepção<sup>82</sup> criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida” (p.95). A possibilidade de a criança criar um contato com seus próprios estados internos de forma criativa se dá a partir do olhar do outro, isto é, a criança só pode olhar e criar o mundo se antes tiver tido a experiência de ser vista<sup>83</sup>. Desse modo, Winnicott sublinha a importância das primeiras comunicações que se dão através do espelho do rosto da mãe, no qual a criança pode ver refletida ou ela mesma ou a mãe. Se um bebê não consegue ver-se refletido no olhar da mãe, se precocemente percebe a imagem dela ao invés da sua, a constituição do objeto subjetivo fica comprometida, sua capacidade criativa se atrofia e ele buscará outro meio para que o ambiente reflita alguma coisa que lhe seria própria. Compreende-se que algo da ordem do falso *self*, através da imposição de uma imagem conforme o desejo da mãe, pode começar a atrofiar a possibilidade de expressão do verdadeiro *self*. Nesse caso, a apercepção é

---

<sup>82</sup> Apercepção é a apreensão reflexiva que a mente tem de seus próprios estados internos. Cf. Blackburn, 1997.

<sup>83</sup> Cf. Winnicott, 1967d.

substituída pela percepção, perdendo-se a possibilidade de troca significativa com o mundo e de “um processo de duas direções, no qual o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas” (Winnicott, 1967d, p.155).

No artigo *A criatividade e suas origens*, de 1971, após lembrar a idéia de que homens e mulheres possuem predisposição à bissexualidade, ele afirma que a criatividade constitui um dos denominadores comuns de homens e mulheres, mas que apresenta especificidades ligadas ao feminino e ao masculino. Neste artigo, Winnicott incluiu um trabalho apresentado cinco anos antes na Sociedade Britânica, no qual introduz dois novos termos, o elemento feminino e o elemento masculino, para abordar duas formas de relação objetal, uma delas baseada na necessidade de ser, constituindo-se uma experiência não pulsional, e outra baseada no fazer, implicando a experiência pulsional e uma separação clara entre sujeito e objeto. Winnicott tem essa intuição a partir de um caso clínico, que já se tornou célebre, no qual assinala a um paciente do sexo masculino o contato com o elemento feminino de sua personalidade: “Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é um homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça. Estou dizendo a ela: você está falando sobre inveja do pênis” (Winnicott, 1971a, p.105). Juntamente com o paciente, percebe que, provavelmente, muito cedo em sua vida, a mãe o tomou por uma menina e que, agora, tal como ela, o analista participava da mesma loucura, a partir de seu lugar na transferência.

A teorização de Winnicott a respeito dos elementos feminino e masculino é bastante obscura e inconclusiva. Existiria no *self* de qualquer sujeito, independentemente do sexo, elementos femininos e masculinos em doses variáveis. No caso clínico específico trazido como ilustração, ele estava lidando com uma dissociação quase completa dos dois elementos no *self*, ou seja, com o que poderia ser denominado *elemento feminino puro*. Os elementos feminino e masculino puros podem ser diferenciados em bases bastante claras.

Desejo dizer que o elemento que estou chamando de ‘masculino’ transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa idéia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, e, subseqüentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de que *o bebê torna-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito*. Não consigo ver impulso instintivo nisso (Winnicott, 1971a, p.113).

Como foi visto, esses dois elementos não são, em si mesmos, de caráter

pulsional, trata-se de duas formas de relação objetal: a relação com objetos subjetivos e a relação com os objetos objetivamente percebidos. O elemento feminino puro, portanto, relaciona-se com o seio como um objeto subjetivo, isto é, um objeto que ainda não foi colocado fora da área de onipotência e reconhecido como *não-eu*, ele faz parte da relação fusional mãe-bebê. O elemento feminino puro é associado à experiência de identificação primária, na qual o bebê é o objeto e vice-versa. Já o elemento masculino puro diz respeito ao movimento ativo do bebê para estabelecer um eu e um não-eu diferenciados, fazendo parte do processo de separação. Para que haja um sentimento de *self*, esses elementos, oriundos de uma determinada fase do desenvolvimento, têm que ser integrados.

Segundo Winnicott, o viver criativo está ligado à junção desses dois elementos, o *ser* do elemento puro feminino com o *fazer* do masculino, nessa seqüência. Ele sugere uma sucessão temporal ideal no desenvolvimento que, partindo da área subjetiva de controle onipotente, prepararia o caminho para o sujeito objetivo, com um *self* integrado em uma unidade e uma sensação de realidade a ele associada. Seguindo sua máxima, “[a]pós ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo” (Winnicott, 1971a, p.120), em primeiro lugar há o elemento feminino, do lado da experiência de ser e exigindo muito pouca estrutura mental, em seguida, o elemento masculino, mais complexo, do lado do fazer e da dimensão pulsional, apresentando mecanismos mentais elaborados, e, por fim, mais adiante, pode-se pensar que esse desenvolvimento conduzirá à constituição do desejo. Toda essa evolução, no entanto, encontra suas bases na experiência fundamental de *ser*, ancorada em uma existência ainda não individualizada.

Em resumo, o elemento masculino *faz* e o elemento feminino (em homens e mulheres) *é* e, desse modo, é ele que fornece alicerce para o *fazer*, isto é, para o desenvolvimento das experiências pulsionais referentes ao elemento masculino puro da personalidade. Por isso, Winnicott afirma que este último está ligado à idéia de frustração, enquanto o elemento feminino puro está ligado à idéia de mutilação, dando a entender que os distúrbios que podem eventualmente ocorrer na época em que mãe e bebê são uma unidade dual levam às ansiedades impensáveis e às experiências de falta de realidade justamente pela ruptura da experiência de continuidade do ser.

Agressividade e criatividade primárias são, assim, conceitos muito próximos, pois ambos estão ancorados na idéia de uma continuidade entre interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, entre psiquismo e corpo. Ambos os

conceitos estão ligados à idéia do ser como uma emergência da vitalidade dos tecidos vivos e fonte dos primeiros gestos espontâneos, gestos que dependem da qualidade do acolhimento do ambiente para adquirir um contorno existencial e, assim, proporcionar as bases do verdadeiro *self*. Tal parece ser o objetivo de Winnicott com este conceito, o de, mais uma vez, fundamentar, na clínica, a importância capital da experiência de ser e do sentimento de existência para o processo gradual de emergência do *self*.

### 3.3 Os estados tranqüilos e excitados

Pode haver uma grande discrepância entre aquilo de que gostamos quando estamos excitados e aquilo de que gostamos nesse ínterim (Winnicott).

Winnicott parte da idéia de que uma força vital unificada se divide, nos primórdios da vida psíquica, em dois componentes: o agressivo, nascido da oposição, e o erótico, nascido da complementaridade. A saúde deve ser vista em termos de fusão dos impulsos eróticos e destrutivos, o que depende dos cuidados ambientais. Enquanto os componentes eróticos buscam sua satisfação complementar em um objeto não necessariamente experimentado como outro, o componente agressivo convida à oposição. O excesso de oposição<sup>84</sup>, no entanto, é experienciado como intrusão, obrigando o bebê a reagir e retrair-se.

Não há dúvida de que o potencial de força vital de um feto é mais ou menos o mesmo, tal qual o potencial erótico do bebê. A complicação reside em que a quantidade do potencial agressivo do bebê depende da quantidade de oposição que ele terá encontrado (Winnicott, 1950-5, p.303).

Winnicott não clarifica sua afirmação a respeito de não haver dúvidas de que o potencial erótico é mais ou menos o mesmo para todos os indivíduos, mas é interessante notar que ele estipula duas raízes para a vida instintiva, mas não dois instintos. Mais tarde em seus escritos (1963a), a noção da fusão dos componentes agressivos e eróticos é substituída pela idéia de que, do ponto de vista do bebê, existem duas mães: a mãe-ambiente, aquela dos estados tranqüilos, do cuidado, do *holding* e do *handling*, que recebe afeição (*ego-relatedness*); e a mãe-objeto, a dos estados excitados, que está ali para

---

<sup>84</sup> É claro que, inversamente, a total ausência de oposição pode ser tão ou mais impeditiva do que a oposição extrema para o estabelecimento de um *self* capaz de agir no mundo de forma transformadora e criativa.

satisfazer as pulsões parciais mais urgentes (*id-relationships*). O bebê inicialmente não relaciona a experiência das duas mães em sua fantasia, ou seja, ele não experimenta um estado de ambivalência porque não sente que seus impulsos agressivos e eróticos são dirigidos a um mesmo objeto.

Os estados tranqüilos e os estados excitados são, portanto, formas usadas por Winnicott para descrever o estágio anterior à Preocupação ou Concernimento, que é como ele relê e renomeia a posição depressiva de Klein. Estão intimamente ligados à idéia de agressividade primária que acabou de ser examinada e também ao elemento masculino puro, que pode ser considerado como já fazendo parte do processo de separação. Com o estágio do *Concern*, Winnicott pretendia dar conta de um fenômeno normal do desenvolvimento saudável que, a seu ver, ganhara um aspecto negativo e patologizante, através do termo ‘depressão’ usado pelos kleinianos. Este estágio, anterior ao Édipo, que emerge no curso do processo de desenvolvimento emocional, refere-se a um modo positivo do indivíduo sentir-se responsável, “especialmente em relação a relacionamentos nos quais os impulsos instintuais entraram em cena” (Winnicott, 1963a, p.73).

Ao apresentar a idéia de que o bebê é impiedoso (*ruthless*) em seu amor instintivo, sem perceber as conseqüências de sua agressividade, Winnicott sublinha sua não consciência nesse estágio de que é o mesmo quando tranqüilo e quando excitado, implicando em uma igual não-consciência a respeito do ambiente que o sustenta. Ou seja, o bebê “não sabe, a princípio, que a mãe por ele construída durante os seus momentos de quietude é ao mesmo tempo a força por trás do seio que ele está decidido a destruir” (Winnicott, 1945, p.226). A cada um dos estados, tranqüilo e excitado, Winnicott relaciona um uso específico do objeto. No auge da tensão instintual, no estado excitado, portanto, a criança faz um uso da mãe muito diferente de quando está no estado tranqüilo, no qual a mãe faz parte do ambiente total (Winnicott, 1963a, p.75). Isto é, a mãe deve ser capaz de propiciar um ambiente estável e confiável e de sustentá-lo no tempo, de modo que o bebê possa reconhecer as técnicas de maternagem como parte da mãe tanto quanto o seu rosto, suas emoções ou seus adereços. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, a mãe é também objeto de ataques durante os momentos de tensão instintiva, como os de fome ou sono, por exemplo. Para que o bebê seja capaz de fundir as duas mães, muitas conquistas devem se produzir, como, por exemplo, o estabelecimento de um *self* bem integrado em uma imagem narcísica do corpo. Só assim haverá “um elo entre os elementos destrutivos nas relações instintivas (*drive-relationships*) com os objetos e os

outros aspectos positivos do relacionar-se” (Winnicott, 1963a, p.82).

Pensemos então em termos de um determinado dia, com a mãe sustentando a situação. Num certo momento, no início desse dia, o bebê tem uma experiência instintiva. Para simplificar as coisas eu o imagino mamando, pois esta é realmente a base de toda a questão. Deflagra-se um ataque canibalístico impiedoso, que em parte pode ser observado no comportamento físico do bebê e em parte pertence à elaboração imaginativa que o bebê faz da função física. Ele junta um mais um, e começa a perceber que a resposta é um, e não dois. A mãe da relação de dependência (anaclítica) é também o objeto do amor instintivo (impulsionado biologicamente) (Winnicott, 1954-5, p.362).

O bebê, então, se dá conta de que a mãe tranqüila estava lá durante a experiência excitada e que sobreviveu. E isto se repete dia após dia. Evidentemente, quando a criança atingir o estágio do *Concern*, a fusão será fonte de ambivalência já que ela realizará que a mãe que recebe as pulsões vorazes de seu id é o mesmo objeto total, portador e receptor de características tanto positivas quanto negativas. O *Concern* é, portanto, um estágio muito sofisticado de integração no qual o ambiente provedor continua a desempenhar papel essencial, mas “a criança está começando a ter aquela estabilidade interna pertencente ao desenvolvimento da independência” (Winnicott, 1963a, p.76). Quando esta capacidade é alcançada, o indivíduo está apto a viver a experiência triangular do complexo de Édipo. Até atingir esse momento, portanto, toda a linguagem metapsicológica em termos de conflito não tem sentido para Winnicott e o que vigora é uma idéia de complementaridade.

As circunstâncias favoráveis neste estágio são que a mãe continue viva e disponível: a mãe-objeto deve sobreviver aos episódios instintivos e a mãe-ambiente deve permanecer ela própria, ser empática, estar lá para receber o gesto espontâneo do bebê, e estar satisfeita com isso. Ao sobreviver ao ataques, a mãe-ambiente permite que o bebê se torne mais confiante para experimentar os impulsos do id, ela, “em outras palavras, libera a vida instintual do bebê” (Winnicott, 1963a, p.77). Tudo depende da capacidade de sobrevivência e de não-retaliação do objeto, ou seja, de sua maleabilidade. Se a mãe-objeto subjetiva não sobrevive aos ataques do bebê, sobretudo se ela se vingou ou retalia, a destrutividade se torna realmente parte integrante da criança, podendo haver uma quebra das bases de confiança e uma retração brutal (*falso self*). É nesse sentido que Winnicott afirma:

[O]s bebês que tenham sido bem cuidados (...) têm probabilidade de serem mais agressivos *clanicamente* do que aqueles com quem isso não aconteceu, e para quem a agressão é algo que não pode ser abrangido ou algo que só pode ser mantido sob a forma de uma tendência a ser um objeto de ataque (Winnicott, 1968b, p.175).

A todo esse processo de sustentação no tempo, composto de inúmeras repetições, Winnicott dá o nome de círculo benigno<sup>85</sup>. Este círculo é composto por quatro movimentos, sendo o primeiro o da experiência instintiva, o segundo o do vislumbre das conseqüências e a aceitação da responsabilidade que é chamada de culpa, um terceiro momento de elaboração interna, através da triagem dos resultados da experiência, e, por fim, o verdadeiro gesto reparador<sup>86</sup> (Winnicott, 1958a, p.24). Segundo Winnicott, a experiência instintiva acarreta duas ansiedades: uma ansiedade em relação à mãe, que não é mais a mesma de antes, o que equivaleria a dizer que há um buraco, onde antes havia um corpo cheio de riquezas, e outra referente ao próprio interior do bebê, que se sente diferente, com a coexistência dentro de si de elementos bons e maus, relacionados à qualidade da experiência instintiva (conforme ela tenha ocorrido de modo gratificante ou durante uma experiência de raiva, por exemplo). O bebê sai desta experiência tendo coisas boas e coisas ruins para dar e a mãe deve aceitar ambas, sendo importante, ao mesmo tempo, que ela saiba distinguir as boas e as más. Com o fortalecimento do círculo benigno ele pode, então, dar conta do buraco criado imaginariamente no momento instintivo original e, com o tempo, incorporar esta experiência de sustentação ao eu, tornando a mãe real menos necessária. A culpa, que se refere ao dano que a criança imagina ter causado à pessoa amada nos momentos do relacionamento excitado, só aparece se houver falha na oportunidade de reparação. Ou seja, para Winnicott, as manifestações dos instintos podem ser toleradas apenas se a idéia de reparação for atingida.

Na operação do círculo benigno, a compaixão torna-se tolerável para o bebê através do reconhecimento recém-despertado de que, havendo tempo, algo *pode* ser feito a respeito do buraco e das várias conseqüências dos impulsos do id sobre o corpo da mãe (Winnicott, 1954-5, p.366).

Quando o círculo benigno não pode ocorrer ou quando é interrompido, o instinto (ou capacidade de amar) é inibido e, no lugar da responsabilidade, reaparece a dissociação entre o bebê excitado e o bebê tranqüilo. O sentimento de tranqüilidade resultante da elaboração não fica mais ao alcance e, por fim, na ausência do gesto reparador, a capacidade para brincar (e trabalhar)

---

<sup>85</sup> Em seu Diário Clínico, Ferenczi também ressalta a importância de se pensar em termos de círculos benignos e não apenas de círculos viciosos: "O meu próprio otimismo é um êxito psicanalítico. Eu tinha outrora por traço de caráter manifesto um pessimismo pronunciado, tanto no que se refere aos conhecimentos e aos progressos, quanto a propósito das possibilidades de adaptação à natureza. Só enxergava por toda a parte *circulus vitiosus*. Hoje, aventurei-me por vezes a pensar num *circulus benignus*" (Ferenczi, 1932, p.196).

<sup>86</sup> Cf. também Winnicott, 1954-5 e 1988.

construtivamente é perdida. Aqui instinto e capacidade de amar são sinônimos e é justamente esta capacidade e o viver criativo, que dela depende, que preocupam Winnicott. Esta idéia deixa claro, mais uma vez, como no centro das reflexões de Winnicott se encontra a preocupação com a construção de um círculo benigno, que é, em realidade, um percurso integrativo.

Em um artigo de 1940, *Discussion of war aims*, ao discorrer sobre a idéia de liberdade diante da ascensão do fascismo na Europa, Winnicott já fazia questão de definir o *self* em termos de estados tranquilos e excitados. Neste artigo, ele sublinha a contradição da freqüente posição do homem a respeito da liberdade; ao mesmo tempo em que valoriza uma idéia de liberdade ligada à livre expressão instintual, também a teme, preferindo muitas vezes o ‘conforto’ da submissão ao controle.

[P]ode haver uma grande discrepância entre aquilo de que gostamos quando estamos excitados e aquilo de que gostamos nesse ínterim. A interferência no exercício e na fruição da liberdade se dá de duas formas principais. Primeiramente, a fruição da liberdade somente se aplica aos períodos entre excitações corporais. Há muito pouca gratificação corporal e nenhuma que seja intensa, a ser extraída da liberdade; ao passo que as idéias de crueldade ou escravidão são notoriamente associadas à excitação corporal e às experiências sensuais (Winnicott, 1940, p.214).

Comentando este texto, Phillips faz uma interessante observação. Ele afirma que a excitação tende a ser tratada pelos teóricos da relação de objeto como uma defesa contra algo supostamente mais precioso, sendo ao uso da excitação, mais do que ao fenômeno em si, que esses autores se dedicaram. E ele prossegue dizendo que “[a] implicação das observações de Winnicott neste artigo é que *liberdade é liberdade da excitação corporal*” (Phillips, 1988, p. 71, grifos meus). A idéia de que liberdade é liberdade da excitação corporal conduz à questão do brincar. Trata-se aqui de uma diferença fundamental em relação ao pensamento freudiano. Em Freud a liberdade se refere à liberdade instintual, enquanto em Winnicott o excesso de liberdade instintual pode provocar sacrifício da espontaneidade pessoal<sup>87</sup>. Para Winnicott “[o]s instintos constituem a principal ameaça tanto à brincadeira quanto ao ego” (Winnicott, 1971c, p.77).

Segundo Winnicott (1971c, p.59), a psicoterapia, de crianças e adultos, trata de duas pessoas que brincam juntas. Em sua concepção inovadora sobre o brincar, Winnicott o desvincula da experiência sensual masturbatória. Para ele, o elemento masturbatório está ausente no momento em que a criança brinca. Ele

<sup>87</sup> Faço essa afirmação com a ressalva de que, em minha opinião, quando cada um fala de liberdade instintual e pulsional, estão tratando de dimensões diferentes.



propõe que se pense menos no conteúdo e mais na atividade em si. “(..) quando uma criança está brincando, se a excitação física do envolvimento instintual se torna evidente, então o brincar se interrompe ou, pelo menos, se estraga” (Winnicott, 1971c, p.60). Ao mesmo tempo, o que parece contraditório, ele afirma que brincar é fazer, ou seja, está ligado ao elemento masculino examinado mais acima e às experiências pulsionais. O estado excitado e as idéias pertencentes a este estado formam, mais para frente, a base da brincadeira e dos sonhos. A questão, ele assinala, é que brincar seguramente é excitante, mas *não porque os instintos estejam primariamente envolvidos*. A importância do brincar está na “precariedade do inter-jogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle dos objetos reais” (Winnicott, 1971c, p.71). Ou seja, o novo em sua concepção é pensar o brincar como uma experiência criativa que acontece em um espaço potencial intermediário na continuidade espaço-tempo. Posteriormente, a criança será capaz de brincar só<sup>88</sup>, na presença de alguém, guardando a confiança<sup>89</sup> e segurança do objeto em sua lembrança.

No estado de confiança que se desenvolve quando a mãe pode desempenhar bem dessa difícil tarefa (não se for incapaz de fazê-la), o bebê começa a fruir de experiências baseadas num ‘casamento’ da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real. A confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, *experimenta* onipotência. (...) O *playground* ‘é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une mãe e bebê’ (Winnicott, 1971c, p.70-71).

A relevância dada à distinção entre estados tranquilos e excitados reflete uma preocupação comum aos analistas pertencentes ao Grupo dos Independentes. Em 1937, Balint já havia chamado atenção para o fato de que no mundo psicanalítico, especialmente no grupo londrino, que veio posteriormente se reunir em torno de Melanie Klein, as fases ruidosas eram hipervalorizadas. De seu ponto de vista, tratava-se na verdade de respostas a um estado de frustração, mas que eram antecipadas como a mais primitiva relação do indivíduo com o mundo. Assim:

O que se apresentava como ruidoso, vigoroso ou veemente, foi valorizado como importante, o que acontecia na quietude, como não importante. Essa descrição incompleta deu origem a uma teoria unilateral; tudo nela é correto, exceto as

<sup>88</sup> A capacidade de estar só baseia-se no paradoxo de estar só na presença do outro.

<sup>89</sup> Figueiredo faz uma interessante hipótese sobre a confiança em Winnicott, mostrando que “se em alguns trechos Winnicott faz menção (...) a uma ‘crença na confiabilidade dos objetos’ em outros momentos ‘refere-se a um senso de confiança [sense of trust]’. Este último seria mais apropriado ao nível muito primitivo da experiência e constituiria um plano pré-representacional, não envolvendo crenças de nenhuma espécie. Talvez fosse mais correto dizer que o sense of trust constitui-se em uma matriz simbólica para a representação de objetos e relações confiáveis, não sendo ele mesmo da ordem representacional” (Figueiredo, 2008, no prelo).

proporções (Balint, 1937, p.102).

Winnicott parece compartilhar esta mesma opinião ao enfatizar a relação de dependência absoluta (sem reconhecimento da dependência) no início da vida e o papel saudável dos momentos de regressão e não-integração como possibilidade de relaxamento ao longo da vida adulta. A questão é que muito do vocabulário psicanalítico estava voltado para essas manifestações mais urgentes do *self*, como afirma Phillips.

A psicanálise, é claro, tem uma série de termos – instintos, necessidades, anseios, demandas, desejos, elementos, componentes, impulsos – os quais se referem todos às partes imperiosas do *self*. E são as partes imperiosas do *self* aquelas concebidas como essenciais (Phillips, 1988, p.123).

Winnicott faz parte desses autores que, além de pensarem o início da vida como um momento no qual a quietude é admissível e fundamental<sup>90</sup> (o que vale lembrar, nada tem a ver com passividade), conceberam a idéia de que há no ser humano a possibilidade de estados e áreas nas quais algo essencial dessa experiência pode ser reencontrado. Para Winnicott, os estados de relaxamento e a capacidade de estar só são oriundos das experiências de não-integração e segurança iniciais. A capacidade de estar só pode ser considerada ou um fenômeno muito precoce, relacionado com a experiência de estar só na presença da mãe, ou um fenômeno sofisticado, atingido após o estabelecimento de uma *three-body relationship*. Dessa forma, ele usa o termo *ego-relatedness* para se referir a uma relação entre duas pessoas, “uma das quais, de qualquer forma, está só; talvez ambas estejam sós, ainda que a presença de cada uma seja importante para a outra” (Winnicott, 1958b, p.31). Vale lembrar que a capacidade de estar só não é equivalente à noção de retraimento. O retraimento é uma tentativa do *self* de se proteger contra a intrusão, recolhendo-se na segurança de seus objetos subjetivos. Embora momentos de retraimento sejam importantes, ao sair deste estado, o indivíduo encontra a realidade imutável, podendo estar sujeito a novas ameaças de ataque. A capacidade de estar só, por sua vez, implica a possibilidade de, ao ter internalizado a sustentação e confiança inicial fornecida pelo ambiente durante a fase de dependência absoluta, o indivíduo realmente ser capaz de suportar a alteridade sem sentir que sua integridade está constantemente ameaçada.

<sup>90</sup> “Na linguagem destas considerações, a constituição inicial do ego é, portanto, silenciosa. A primeira organização do ego deriva da experiência de ameaças de aniquilação que não chegam a se cumprir, e das quais, repetidamente, o bebê se *recupera*. A partir dessas experiências, a confiança na recuperação começa a transformar-se em algo que leva ao ego e à capacidade de o ego de suportar frustrações” (Winnicott, 1956a, p.404).

Os momentos de integração estão associados aos momentos excitados do bebê, pois a integração está ligada ao sentimento de realidade e não ao sentimento de fusão e indiferenciação, embora seus fundamentos dependam capitalmente deste tipo de relação inicial, baseada na confiabilidade da dependência absoluta. Para o indivíduo, no entanto, não é ideal estar todo o tempo integrado. A capacidade adulta de suportar, relaxar e fruir esses momentos de não-integração<sup>91</sup> é um sinal de maturação afetiva, através do qual a função de suporte egóico materno é dada por certa. Assim, Winnicott fornece outro ponto de vista sobre as dissociações e os estados não integrados. “O negativo não é nem o caos, nem a inconstância, nem a angústia irritativa se aceitamos o ritmo em vai-e-vem do tempo pulsional” (Cyssau, 2006, p.48).

Outro analista do Grupo dos Independentes, Masud Khan (1977), também sublinha a necessidade de conceber o ser humano como uma entidade existencial mais do que como um ser em estado de conflito, enfatizando o que ele chama de um “domínio íntimo, personalizado e não conflitual da experiência de si”, uma “função sadia do eu a serviço do indivíduo”.

É bastante difícil definir disposições positivas não conflituais. A linguagem tem uma relação muito antiga e muito complexa com os estados conflituais, quer seja em relação à realidade exterior ou em relação à realidade psíquica interior. Ela adquiriu com o tempo os meios de definir esses estados conflituais que são o medo e o temor, a esperança e o desespero, a exaltação e a depressão (Khan, 1977, p.52).

Ele introduz uma expressão - *lying fallow* - que está em plena consonância com Winnicott. O termo se aplica tanto ao trabalho do analista que, atento, espera o momento certo de interpretar a fim de que sua intervenção seja de fato frutífera para o processo analítico do paciente<sup>92</sup>, quanto à compreensão dos momentos silenciosos associados à saúde do indivíduo. A tradução mais próxima seria *alqueivar*, o que significa “lavrando (a terra) e deixá-la em descanso (pousio), para que possa adquirir maior capacidade de produção” (Houaiss, 2001, p.167). Khan define este estado:

Não é um estado de inércia, de vazio displicente ou de tranquilidade ociosa do espírito, também não é um esquecimento deliberado da finalidade ou das exigências da ação. Estar em alqueive é um estado transitório de experiência, um modo de ser aproximado a uma quietude desperta e a uma consciência receptiva e leve (Khan, 1977, p.52).

<sup>91</sup> Cf. página 66, mais acima

<sup>92</sup> A idéia de ‘momento certo’ equivale à possibilidade de o paciente ter a ilusão de que criou a interpretação, que chegou a ela sozinho, mesmo que o analista tenha todo o tempo fornecido o necessário para isso. Segundo Winnicott, o objeto deve ser criado e não percebido.

Essa disposição de estar em alqueive, continua Khan, é ao mesmo tempo nutrição do eu e um estado de preparação. Ela fornece o substrato energético da maior parte de nossos esforços de criação e autoriza, pela não-integração de sua animação psíquica adiada (que é o outro lado do trabalho organizado), a experiência interior latente que distingue a verdadeira criatividade psíquica da obsessão da produtividade.

O estado de alqueive é então:

1. uma disposição transitiva e transitória;
2. não conflitual e não instintiva, essa disposição constitui um estado intelectual excluindo a crítica;
3. uma capacidade do Eu;
4. uma disposição desperta e alerta: não-integrada, receptiva e lábil;
5. um estado amplamente não verbal e cuja expressão toma emprestadas sobretudo as vias da imagem ou da sinestesia.

Eu iria ainda mais longe e diria que essa experiência de estar em alqueive só se exprime no silêncio (Khan, 1977, pp.54-5).

Tal capacidade pode ser relacionada ao elemento feminino puro e à área de ilusão, situada entre o interno e o externo e dependente da existência de um objeto externo, que não apenas se coloca como obstáculo aos impulsos do indivíduo, mas também se torna parte integrante e fundamental de sua experiência criativa. Essa área seria uma área potencial, uma área de experiência, intermediária entre o controle onipotente e o controle por manipulação. É a partir dessa área intermediária, nem interna nem externa, que será organizada, pouco a pouco, a experiência cultural.

A terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (Winnicott, 1971b, p.15).

Toda a idéia a respeito desses momentos de não-integração leva a considerar que, em Winnicott, “é preciso poder pensar conjuntamente um movimento regrediente de construção da vida psíquica nas suas fontes somáticas, e um tempo evolutivo do desenvolvimento” (Cyssau, 2006, p.47). Retomando o ponto que me interessa mais diretamente, embora Winnicott qualifique de pulsional basicamente apenas o estado excitado, o tranqüilo sendo algo da ordem do *holding* e da não pulsionalidade, somos convidados a pensar, seguindo Cyssau (2006), que o ritmo que se instala entre os dois estados, tranqüilo e excitado, pode ser justamente o lugar do pulsional para Winnicott.

Nesse sentido, ele faria coincidir, como sublinha a autora, o pulsional com seu ritmo, tratando-se sempre de um equilíbrio, uma qualidade a se ajustar mais do que uma descarga a se satisfazer. Este seria um trunfo econômico de Winnicott. Assim, pode-se dizer, o pulsional em Winnicott é mais da ordem do pulso do que da ordem do impulso, refere-se mais às idéias de movimento e ritmo do que às de estímulo.

### 3.4 A Natureza Humana segundo Winnicott

Um ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana (Winnicott).

*Natureza humana* é um livro póstumo e inacabado. Segundo Clare Winnicott, foi concebido por seu marido com o fim de proporcionar um material organizado de estudo e reflexão para seus alunos, tendo uma primeira versão iniciada e terminada em 1954 e muitas revisões e modificações até a sua morte, em 1971. *Natureza humana* representa, portanto, uma espécie de balanço de todos seus escritos, posto que cobre quase duas décadas do período de produção mais autoral de Winnicott, assumindo quase um valor testamentário. Afinal, foi o único de seus trabalhos pensado para ser uma obra, seus outros livros sendo coletâneas de artigos avulsos, dirigidos a diferentes platéias. Há quem reconheça nesse livro uma função reflexiva axial<sup>93</sup>, simétrica à da metapsicologia de Freud, ou mesmo o desenho implícito de uma terceira tópica<sup>94</sup>. E, no entanto, “natureza humana” é uma expressão pouco evidente, tanto no meio psicanalítico, quanto nas ciências humanas em geral, sendo até considerada contraditória, devido à longa insistência, em grande parte por influência do pensamento estrutural, na oposição entre natureza e cultura. Mesmo assim, a expressão passou para o domínio das crenças comuns, sendo convocada em vários argumentos sem provocar grandes discussões. Enquanto conceito filosófico, contudo, possui inúmeras implicações, como se pode perceber a partir da definição do *Dicionário Oxford de Filosofia*.

Tópico fundamental da ética, objeto de vários tratamentos diferentes, sendo sua disparidade responsável pela existência de concepções da vida humana tão diferentes como a dos gregos clássicos e a do cristianismo. Uma das preocupações da filosofia do Iluminismo era descobrir uma mesma natureza

<sup>93</sup> Cf. Assoun, 2006, p.63.

<sup>94</sup> Cf. Gribinski, 2006, p.32.

humana sob as diferenças superficiais, devidas à cultura e à sociedade. O núcleo comum haveria de conter, em grau suficiente, uma simpatia natural pelos outros, a benevolência, a percepção do egoísmo e a capacidade de aprovar instituições justas, de modo a constituir um fundamento para uma ética puramente secular. Essa esperança foi desfeita pela concepção hegeliana dos seres humanos como algo que possui uma natureza moldada apenas pelas suas circunstâncias históricas e sociais. Contudo, essa esperança reaparece depois em um nível superior com a consideração de que temos naturezas que nos permitem fazer certos acordos políticos e sociais sob os quais evoluímos, e que nos impedem de fazer outros (Blackburn, 1997, p.263).

Cabe lembrar que não é a ambição aqui entrar em um debate de cunho filosófico sobre o estatuto do conceito de “natureza humana”. Tampouco interessa submeter a teoria das pulsões em Winnicott ao julgamento de um hipotético tribunal ortodoxo freudiano. Não se trata de provar se Winnicott é ou não um autor anti-metapsicológico ou anti-pulsional, embora certamente não seja exagero considerá-lo como a-metapsicológico, na medida em que seu olhar o leva a desenvolvimentos diferentes dos de Freud, e pelo fato de ele próprio nunca ter escolhido a metapsicologia como linguagem de predileção, optando por uma construção pessoal mais próxima da linguagem comum dos pacientes e do vivido experiencial, como já foi mencionado.

Segundo o próprio Winnicott, o livro *Natureza humana* pressupõe da parte do leitor um conhecimento já consagrado de psicologia dinâmica e certo amadurecimento tanto nas experiências da vida, como nas da profissão. O autor inicia sua exposição a partir do exame do que já é de conhecimento geral - a criança de 4 anos - para depois avançar para trás, para os momentos iniciais e desconhecidos do desenvolvimento do indivíduo e, então, novamente rumar para frente, em direção à adolescência e vida adulta, tendo sempre como ponto de partida a saúde, em seu próprio significado positivo, e não o sintoma ou a patologia. Winnicott convida a olhar a saúde através de outro ângulo. Tornou-se hábito pensar a saúde em psicanálise com referência às neuroses, ou seja, definindo-a como o estado do indivíduo que não está submetido a defesas excessivamente rígidas ou a inibições exageradas dos impulsos instintuais. Em contrapartida, para Winnicott, cujas referências são o desenvolvimento emocional primitivo e o distúrbio mais arcaico das psicoses, a saúde deve ser pensada a partir dos primórdios da estruturação da personalidade como possuindo uma qualidade própria. Winnicott chega mesmo a lembrar que há uma saúde sintomática, construída defensivamente, e que “a ausência de doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida”, no sentido do viver criativo (Winnicott, 1967c, p.139). Para ele, ser apenas saudável não é tão interessante assim, a menos que seja adicionada a dimensão do brincar e da criatividade à

definição clássica de saúde. Dizia ele, “quando apenas são, somos decididamente pobres” (Winnicott, 1945, p.225).

Neste livro, o autor deixa claro, o que aparece também com frequência em outros de seus escritos, a recusa de opostos clássicos como *nature* e *nurture*, interno e externo, corpo e psiquismo, para apresentar uma idéia de natureza humana que acolhe tais termos, habitualmente considerados conflitantes, sob o signo da complementaridade<sup>95</sup>. Tal posicionamento fica explícito, por exemplo, através de sua concepção do surgimento do *self* que se dá a partir de um contexto de contato interativo e nunca apenas através do viés intrapsíquico. Assim, Winnicott apresenta um pensamento desenvolvimentista, postulando o *self* como uma emergência da interrelação inicial com o meio ambiente, o que significa dizer que, ao mesmo tempo em que ele é produzido pelo entorno, tem a capacidade de modificá-lo através de sua ação. Como foi visto, de início, o indivíduo, não ainda consciente de sua separação do meio, relaciona-se de forma impiedosa e, ao longo dos processos de amadurecimento, ele se envolverá gradualmente numa relação de responsabilidade para com o ambiente.

Optando por uma abordagem desenvolvimentista para o estudo da natureza humana como a mais capaz de focalizar os diversos pontos de vista, espero deixar claro [como] inicialmente, a partir de uma fusão primária do indivíduo com o ambiente, surge uma emergência, o indivíduo procurando fazer valer os seus direitos, tornando-se capaz de existir num mundo não desejado; ocorre então o fortalecimento do *self* como uma entidade, uma continuidade do ser onde, e de onde, o *self* pode [emergir] como uma unidade, como algo ligado ao corpo e dependente de cuidados físicos [emerge]; então o advento da consciência [*awareness*] (e consciência implica a existência de uma mente) da dependência, e a consciência quanto à confiabilidade da mãe e de seu amor, que chega à criança sob a forma de cuidados físicos e adaptação à necessidade; ocorre então a aceitação pessoal das funções e dos instintos e seus clímaxes, do gradual reconhecimento da mãe como um outro ser humano, e junto a isso a mudança da impiedade (*ruthlessness*), em direção à preocupação (*concern*); e então há o reconhecimento do terceiro, e do amor complicado pelo ódio, e do conflito emocional; e esse todo é enriquecido pela elaboração imaginativa de cada função, e pelo crescimento da psique juntamente com o do corpo; e também a especialização da capacidade intelectual, que depende da capacidade dos atributos cerebrais; e de novo, em paralelo a isso tudo, o desenvolvimento gradual da independência em relação aos fatores ambientais, levando no devido tempo à socialização (Winnicott, 1988, p.8).

A longa citação acima, na qual Winnicott descreve o ser humano como o resultado de etapas consecutivas e interdependentes de maturação, uma maturação que por sua vez é profundamente enraizada no contato inicial com o

<sup>95</sup> “Às vezes, refere-se a isto como o equilíbrio entre natureza e cultura. Ao pensar sobre esse problema específico, a maioria das pessoas tende a tomar partido, mas não há necessidade de ser a favor de um ou de outro” (Winnicott, 1968c, p.62).

ambiente, exemplifica esse pensamento, classificado mais acima como desenvolvimentista. Vale lembrar que, no caso de Winnicott, desenvolvimento não é sinônimo de cumprimento automático de um programa seqüencial de etapas com um fim previsível. A possibilidade de vida subjetiva nasce dos processos naturais; o *self* emerge como o produto da jornada do ser vivo em sua interação com o mundo, mas essa jornada não é automática e programada. Seu pensamento do desenvolvimento inclui a idéia de emergências e valoriza a aquisição de potencialidades que requerem e dependem da qualidade facilitadora do ambiente.

Winnicott se pergunta onde fica a base da natureza humana em termos do desenvolvimento individual e qual o estado fundamental a que todo ser humano, não importa a idade ou experiência pessoal, teria que retornar se desejasse começar tudo de novo. Para responder a esta questão, ele vai contestar a idéia freudiana, contida na segunda teoria pulsional, de que o indivíduo emerge do (e inevitavelmente retorna ao) estado inorgânico. Não que ele discorde totalmente da formulação em si, mas porque para ele o que realmente importa é examinar a questão a partir do ponto de vista do indivíduo e da experiência individual. Nesse sentido, o indivíduo não pode emergir do inorgânico, mas sim da solidão. Uma solidão que se dá sob um fundo de dependência absoluta e da qual o novo ser humano não possui qualquer consciência.

Gostaria de justapor duas formulações diferentes, reconhecendo o paradoxo; um observador pode perceber que cada ser humano individual emerge como matéria orgânica da matéria inorgânica, e no devido tempo retorna ao estado inorgânico. (Mesmo isto não é de todo correto, já que o indivíduo desenvolve-se a partir de um ovo que tem sua pré-história em todos os ovos ancestrais, fertilizados desde que a matéria orgânica emergiu do inorgânico, há muitos milhões de anos atrás); ao mesmo tempo, do ponto de vista do indivíduo e da experiência individual (que constitui a Psicologia), a emergência não foi de um estado inorgânico, mas da solidão (Winnicott, 1988, pp. 132-133).

Para Winnicott, não há jamais a possibilidade de uma reprodução exata desta solidão fundamental, embora um sentimento de solidão acompanhe o ser humano por toda a vida. O estado anterior ao de solidão é um estado de não-estar-vivo. A experiência do primeiro despertar proporcionaria a fantasia de um estado sereno de não-estar-vivo que poderia ser novamente alcançado. O desejo de estar morto seria, em realidade, um desejo de ainda-não-estar-vivo, e muito do que é atribuído à idéia de morte estaria na verdade relacionado a esse estado anterior à vida, no qual o indivíduo se encontra, de fato, só, e ainda muito distante da possibilidade de se dar conta da dependência. Isso não teria nada a ver com a obra de uma pulsão de morte. “A vida de um indivíduo é um intervalo



entre dois estados de não-estar-vivo. O primeiro desses estados, a partir do qual emerge o estar-vivo, dá colorido às idéias que as pessoas têm sobre o segundo” (Winnicott, 1988, p.132). O bebê não possuiria capacidade alguma de se preocupar com a morte, mas poderia se preocupar com esta solidão da pré-dependência, já que ela sim foi de fato experimentada.

O reconhecimento desta experiência humana inerente de solidão pré-dependente é de enorme importância. O desenvolvimento posterior da teoria de Freud sobre os Instintos de Vida e de Morte introduz a morte perceptível, a distinção perceptível entre estados orgânicos e inorgânicos, e até a idéia de destrutividade, mas ao mesmo tempo omite qualquer referência à dependência original, dupla, porque nem percebida ainda, e à crescente sensação e percepção da dependência. Ao final, sua teoria se torna uma falsa teoria da morte como um fim para a vida, e uma teoria igualmente falsa da agressividade, porque deixa de lado duas fontes essencialmente importantes da agressão: aquela inerente ao impulso de amor primitivo (no estágio anterior à compaixão, independente das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir. O desenvolvimento da teoria psicanalítica para abarcar estes (e provavelmente outros) fenômenos precoces talvez tenha tornado redundante a teoria freudiana dos Instintos de Vida e de Morte, e as dúvidas do próprio Freud quanto à validade da sua teoria tornaram-se, a meu ver, mais importantes que a teoria em si mesma. É sempre possível, contudo, que eu tenha compreendido mal o verdadeiro propósito de Freud (Winnicott, 1988, p.133-34).

Ele afirma aqui, mais uma vez, a recusa do conceito de pulsão de morte, insistindo que em seu lugar deve-se conceber um círculo benigno. “Se é possível encontrar a seqüência – solidão, dupla dependência, impulso instintivo anterior à compaixão (*ruth*), e então preocupação (*concern*) e culpa, não parece necessária a introdução de um ‘Instinto de Morte’” (Winnicott, 1988, p.134). Nesse livro, ao mesmo tempo em que reafirma essa recusa, ele faz uma surpreendente afirmação, celebrada por Green<sup>96</sup>, a respeito de seu reconhecimento da importância das pulsões. “A pista para uma primeira infância saudável (feitas as devidas reservas sobre importantes resíduos infantis) é o INSTINTO. Por essa razão, é necessário um estudo cuidadoso sobre o instinto e seu desenvolvimento” (Winnicott, 1988, p.39). Mas, como já foi dito, por mais que seja tentador, não é prudente apoiar-se em uma frase isolada para sintetizar o pensamento de Winnicott sobre esta questão, pois mesmo que ele reconheça a importância dos instintos, ele não os situa na origem do desenvolvimento psíquico. Muito ao contrário, o que é o tempo todo enfatizado são os processos

<sup>96</sup> Green considera “falso e injusto dizer que Winnicott não se interessava pela pulsão. Não somente ele se interessava, como ele escreve em seu livro *Natureza humana* (1988) que a pulsão é A CHAVE (em maiúscula) da saúde da pequena infância. A única coisa é que dizer que ela é a chave da pequena infância não significa dizer que ela se encontra nas origens do desenvolvimento psíquico” (Green, 2005b, p.152). Vale lembrar que na tradução francesa do livro *Natureza Humana*, há uma inversão: ao invés da palavra instinto aparecer em letra maiúscula, como na versão original em inglês, é a palavra pista, traduzida por chave, que figura em letras capitais.

de amadurecimento que pressupõem as idéias de um desenvolvimento emocional no sentido de uma jornada do estado não integrado ao integrado, da dependência absoluta à independência, juntamente com a importância da realidade externa e do psiquismo corporificado (*embodied*). A explicação que segue a afirmação mencionada mais acima leva, portanto, a uma direção diferente da abordagem clássica do desenvolvimento pulsional, como se pode perceber através da citação abaixo.

Instinto é o termo dado aos poderosos impulsos biológicos que vêm e vão na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação. As excitações do instinto levam a criança, como qualquer outro animal, a preparar-se para a satisfação máxima do instinto quando ele finalmente atinge um clímax de exigência. Se a satisfação é encontrada no momento culminante da exigência, então há uma recompensa do prazer e também um alívio temporário do instinto. A satisfação incompleta ou mal sincronizada resulta em alívio incompleto, desconforto e ausência de um descanso muito necessário entre as ondas de exigência.

Nesta afirmação, não há muita diferença entre os tipos de demanda instintual, tampouco há muita diferença entre seres humanos e animais. Não é necessário, aqui, entrar em uma discussão quanto à classificação dos instintos, nem mesmo decidir se há um instinto, ou se há dois ou talvez se existem aos montes. Tudo isto é irrelevante.

No bebê e na criança há uma ELABORAÇÃO IMAGINATIVA de todas as funções corporais (desde que haja um cérebro funcionando) e isso é tão mais verdadeiro sobre crianças do que sobre o mais interessante dos animais, que nunca é seguro transpor uma discussão da psicologia animal para a humana (Winnicott, 1988, pp. 39-40).

Nessa visada, não se faz necessária uma clara distinção entre os outros animais e o ser humano, entre natureza e cultura. O que torna o ser humano tão diferente do animal, do ponto de vista da instintualidade, é o fato de que no homem todas as funções corpóreas e os instintos passam pela via da elaboração imaginativa. O vitalismo de Winnicott se refere à idéia de que o ser humano emerge a partir dos processos naturais de desenvolvimento e amadurecimento. Tais processos são o desabrochar decorrente da complexificação e do desdobramento crescentes das relações entre o indivíduo e seu meio. Há aí uma importante guinada: não é a satisfação pulsional que dita a regra, mas a criança que muda em interação com o ambiente.

Em *Natureza humana*, após fazer objeções a respeito da progressão da dominância instintiva de acordo com as funções e fantasias envolvidas, tal como Karl Abraham, “esse explorador diligente das chamadas organizações ‘pré-genitais’”<sup>97</sup>, Winnicott opta por um ângulo diferente. Para ele, a tentativa de classificar os instintos pré-genitais é insatisfatória porque toma como modelo a criança que já anda e não o próprio bebê. Ele continua, dizendo que não há

<sup>97</sup> Como Ferenczi caracteriza Abraham, Cf. Ferenczi, 1924, p.259.

certeza de que haja uma seqüência, segundo a qual a fantasia da atividade oral é primeiramente erótica (isto é, sem sadismo ou pré-ambivalente) e apenas em um segundo momento sádica, destrutiva e, por assim dizer, ambivalente. “É melhor dizer que é a criança quem muda, começando impiedosa e depois se tornando preocupada. *A ambivalência tem mais a ver com as mudanças do Ego na criança do que com o desenvolvimento do Id (ou do instinto)*” (Winnicott, 1988, p. 42, grifos meus). Mais uma vez, portanto, o que é ressaltado são as potencialidades que se desenvolvem em certas condições ambientais, com o risco de que possam não ocorrer. Nesse sentido, David-Ménard (2006) considera que a expressão “natureza humana”, tal como empregada por Winnicott, aproxima-se do que Hannah Arendt denominou de “a condição humana” e que a autora propõe traduzir por “condição do humano”. “A insistência sobre as condições é de tal forma decisiva e sutil, para o psicanalista, que o caráter teleológico da potencialidade é como que esquecido” (David-Ménard, 2006, p.161-2). Em Winnicott, como foi visto, a idéia de desenvolvimento não é teleológica. Há uma ênfase na mobilidade perlaborativa do *self* que, por sua vez, depende das potencialidades e condições de desenvolvimento presentes no ambiente e nas conseqüências do seu atendimento ou não. Winnicott não reduz a história e a cultura à natureza, e tampouco enxerga uma ruptura entre elas.

O oxímoro ‘natureza humana’ designa a natureza na cultura, mas também uma natureza que de saída é cultural, o vai-e-vem de uma progrediência/regrediência ao mesmo tempo traumática (as angústias de desintegração) e feliz (retorno a – ou, melhor, construção de um estado não integrado de passividade aceita) (Richard, 2006, p. 132).

Assim, o vitalismo winnicottiano tem como pano de fundo uma concepção de natureza distante das concepções mecanicista e determinista.

Ao se voltar para o que chamou de ‘natureza humana’, portanto, Winnicott pode operar um importante rearranjo na arquitetura conceitual do edifício psicanalítico. Vale a pena notar que sua perspectiva naturalista se diferencia bastante do naturalismo freudiano, centrado na descrição de um aparelho psíquico governado por forças instintivas e mecanismos psíquicos em choque com as exigências da cultura. Mais do que um quadro de oposição e conflito entre natureza e cultura, Winnicott descreve um acoplamento estrutural entre um pólo e outro, que se expressa nos processos naturais de maturação do indivíduo biológico em direção à construção do ser social, a partir da díade mãe-bebê. A mãe expressa tanto os aspectos naturais universalmente presentes na constituição de um indivíduo humano como também aquilo que na natureza humana difere do universo natural darwiniano, ou seja, tudo aquilo que se refere à simbolização e à significação da experiência (Bezerra, 2007, p.41).

A partir desse tipo de consideração, muitos comentadores enfatizaram

outra forte inspiração em seu trabalho, além de Freud: Darwin<sup>98</sup>. Em 1945, em uma palestra para alunos do ensino médio, Winnicott descreveu o impacto que a leitura de Darwin lhe causou nas seguintes palavras:

Não pude deixá-la de lado enquanto lia. Na época eu não sabia por que era tão importante para mim, mas agora vejo que a coisa essencial era que mostrava ser possível examinar cientificamente os seres vivos com o corolário de que as lacunas no conhecimento e na compreensão não necessitavam me assustar. Para mim, esta idéia significou uma grande diminuição de tensão e, conseqüentemente, uma liberação da energia para o trabalho e para os jogos (Winnicott *apud* Davis, 1982, p.25).

Segundo Phillips (1988), assim como Freud descreveu as histórias recalçadas de seus analisandos, Darwin reconstruiu as histórias invisíveis das espécies. Winnicott, por sua vez, não queria preencher as lacunas entre as histórias, encontrar os elos perdidos, mas procurar meios de examinar os espaços entre eles, os espaços transicionais.

Em *A Origem das Espécies*, Darwin havia notado o que ele chamava de 'gradações transicionais' ou 'intermediárias' no desenvolvimento das espécies, e o papel do ambiente nesse processo. Ele havia percebido o valor, para a sobrevivência, da variação e da diversidade individual, mas também a necessidade do organismo de ceder às exigências do seu ambiente. Os organismos tinham que se ajustar e se adaptar, mas também individualizar-se prolificamente a fim de aumentar suas chances de sobrevivência. Inovação e adaptação eram mutuamente necessárias, na medida em que aqueles que finalmente fossem incapazes de se adaptar ao seu ambiente não sobreviveriam (Phillips, 1988, p. 4).

Ainda segundo Phillips (1988), Winnicott reverte a equação darwiniana, sugerindo que o desenvolvimento humano era freqüentemente, ao contrário de necessidade imperativa de adaptação, uma luta implacável contra a conformidade com o meio ambiente. Com a idéia de que a mãe deve adaptar-se e favorecer o desenvolvimento da criança através de sua resposta de sustentação, ele introduz a possibilidade de reciprocidade e mutualidade no desenvolvimento primitivo do ser humano, revisando parte da contribuição de Darwin.

---

<sup>98</sup> Cabe lembrar que Darwin também é uma importante influência para Freud. Cf. Phillips, 2000 e Ritvo, 1990.

## 4

### Em direção à ultrapassagem da oposição pulsão/objeto

A psicanálise situa-se entre letras e ciências, entre a linguagem analógica e a linguagem digital, entre o corpo sensorial e o código conceitual. Cada psicanalista, segundo seu temperamento, segundo os momentos da história da psicanálise, acentua uma ou outra tendência. Sou daqueles – como Freud e Winnicott se tal comparação não parece imodesta – que se esforçaram para ficar no entre-dois, no coração dessa tensão epistemológica entre o sensível e o inteligível, entre a clínica e a metapsicologia, entre o pensamento por imagem e o pensamento abstrato, entre os representantes de coisas e os representantes de palavras. Muito descritivo, um conceito não é operatório o suficiente. Mas despojado de tudo o que seria figurativo, ele alimentaria somente uma máquina de pensar (Anzieu).

#### 4.1

##### Intrapsíquico e intersubjetivo

A revisão da teoria das pulsões é, para Green (2002a), o aspecto que melhor caracteriza a mudança do cenário psicanalítico depois de Freud. A partir do crescente desenvolvimento da teoria das relações de objeto, da psicologia do *self* e da corrente interpersonalista americana, a teoria das pulsões foi sistematicamente censurada por negligenciar, ou mesmo omitir, o papel do objeto externo, ou seja, o papel do outro<sup>99</sup>, na constituição do psiquismo. O principal teor dessa crítica concerne ao caráter solipsista da teoria da pulsão de Freud que, com sua metapsicologia, teria concebido o aparelho psíquico em termos de uma maquinaria endógena praticamente automática e autônoma. Se, por um lado, pode-se argumentar que essa análise é um tanto caricatural, não havendo nada mais distante do pensamento de Freud do que a idéia de um funcionamento psíquico fixo e estereotipado, por outro, uma caricatura apenas exagera o que está lá para ser visto e não seria de todo incorreto afirmar que o poder transformador, criativo e dinâmico do inconsciente é abordado praticamente sem que a função do objeto externo seja considerada.

Do ponto de vista de Freud, no entanto, a novidade a ser enfatizada era justamente a força determinante do pulsional em contraposição tanto às excitações externas como à atividade voluntária da consciência; em suma, ele

---

<sup>99</sup> Green (2002a) lembra que, embora a introdução do outro (pequeno e grande) na psicanálise deva ser creditada a Lacan, o que está em questão aqui é o outro enquanto semelhante, capaz de identificar-se empaticamente e, dessa forma, vir ao encontro do desamparo do sujeito. Do ponto de vista aqui adotado, o outro enquanto alteridade, radicalmente diferente, seria uma conquista posterior do desenvolvimento, a partir da primeira identificação com o outro semelhante, ou seja, após a construção do Eu ter adquirido certa estabilidade.

“queria marcar o papel do estrutural contra o conjuntural, aquele da regularidade contra o acidental” (Green, 2002a, p.46). Tratava-se de reconhecer a autonomia da vida pulsional, sua ancoragem no biológico e sua irredutibilidade à experiência adquirida, enfatizando o que no ser humano insistia em se manifestar contra a sua vontade consciente, ou seja, o que nele era mais forte do que ele<sup>100</sup>. Por conta dessa ênfase, contudo, a prática de Freud acabou sendo criticada por caracterizar-se como um teatro íntimo de instâncias antropomórficas intrapsíquicas em conflito, assim, como afirma Baranes (1993), “[o] objeto é contingente, (...) já que Freud tem a preocupação de conceitualizar o intrapsíquico, a mônada, qualquer que seja a ênfase dada a posteriori pelos psicanalistas à famosa nota de 1911, referente aos cuidados maternos” (p.172).

A principal via encontrada por Freud para falar do objeto foi a fantasística, oscilando entre a subestimação do objeto na perversão e sua superestimação nos estados amorosos. Mesmo quando considerou a questão através do luto e da melancolia, ela permaneceu subordinada a uma problemática narcísica, que abordava o objeto pela sua ausência. Temendo uma regressão da teoria psicanalítica a uma concepção excessivamente apoiada na conjuntura e na realidade externa, reduzindo o papel do inconsciente e aumentando a prevalência do consciente, Freud não se ocupou da temática do objeto. Coube a seus sucessores desenvolver um estudo mais aprofundado sobre sua função na constituição do psiquismo e no processo analítico.

[P]arece que Freud sempre teve alguma reticência a enfatizar demais o objeto, como se temesse encontrar-se preso em uma alternativa, um pouco diferente daquela da perversão e do amor e que seria a superestimação ou a subestimação do objeto interno (e reciprocamente do objeto externo). É, aliás, no que se dividirão Melanie Klein e Anna Freud (...). Freud sempre cuidará para nunca se afastar de uma base teórica que ele tinha por certa: a primazia das pulsões (Green, 1990a, p.16).

Nesse sentido, ao conceber um ego rudimentar dirigido por pulsões e capaz de formar relações de objeto primitivas na fantasia, Melanie Klein foi uma verdadeira precursora. Em Klein o objeto é, desde sua origem, intimamente ligado à pulsão, não se limitando a ser simplesmente aquilo através do qual a satisfação pode ser obtida. Na medida em que fantasia e pulsão estão intrinsecamente ligadas, esta última não precisa primeiro encontrar o objeto para depois fantasiá-lo. Isto é, a proposição de uma atividade fantasística primária em

---

<sup>100</sup> “Na teoria, a pulsão e a instância que a conota, o isso, representam na idéia de Freud o mais impessoal, o menos suscetível de uma vontade individual, tanto por sua ancoragem no corpo quanto por sua ligação com o solo específico (a espécie)” (Green, 1975, p.190).

Melanie Klein, como afirma Widlöcher (2000), implica imediatamente a existência do “objeto como predicado do desejo” (p.10). Apesar de ser uma das pioneiras da perspectiva das relações de objeto, sua abordagem é, ainda, essencialmente intrapsíquica, e, em certo sentido, em um grau mais forte do que a de Freud, pois Klein concentrou-se essencialmente nas representações das pulsões e de seus objetos nos sistemas intrapsíquicos da fantasia.

Para um autor da relação de objeto, como Fairbairn, por exemplo, não bastava dizer, como fez Klein, que o objeto está embutido no impulso desde o início. Para este autor, o objeto é o que a energia libidinal busca, ou seja, a libido não busca o prazer, mas o objeto, a relação com o outro<sup>101</sup>. Para Fairbairn, no modelo pulsional clássico, o bebê humano nasce fundamentalmente não relacionado a outros e sua maior tarefa consiste em diminuir a tensão interna. Nesta perspectiva, portanto, o relacionamento com outros é secundário e resulta de sua utilidade em reduzir as tensões e fornecer prazer. Fairbairn sugere que o bebê é, de imediato, voltado para o outro e sua busca de relação faz parte de suas competências adaptativas de sobrevivência biológica.

Em uma posição intermediária, também adotada como fio condutor nesta tese, outros autores do Grupo dos Independentes, como Balint e Winnicott, substituem a importância dada por Klein às pulsões por uma teoria das relações objetivas primárias, enfatizando particularmente os fatores externos e o ambiente, sem, contudo, eliminar por completo o pulsional. Sua revisão, muito menos radical do que a de Fairbairn, implica uma restrição do alcance da teoria pulsional e a priorização de uma dimensão não pulsional da experiência na constituição do psiquismo.

A psicanálise pós-freudiana, em ampla medida, preocupou-se em mapear o domínio pré-edípico, afirmando que sua contribuição não estava em desacordo com a teoria freudiana clássica das neuroses, mas que apenas vinha complementar o estudo das experiências precoces e das patologias mais graves, não-neuróticas, antes rotuladas de inalisáveis. Voltar-se para o pré-edípico,

---

<sup>101</sup> Balint (1956) trata a mudança cardinal proposta por Fairbairn como um erro de paralaxe do observador. Segundo Balint, Fairbairn só fez a afirmação de que a libido está em busca de objeto e não de prazer porque incorreu em um erro comum no meio psicanalítico, o de distanciar-se do significado original de uma palavra que dá nome a um conceito. Freud usou a palavra latina *libido* por não ter encontrado no alemão alguma que denotasse “o fator de intensidade de todos os esforços sexuais”. Mas, segundo Balint, *lust* (desejo sexual em alemão) poderia ter sido usado no inglês mantendo o sentido original que Freud queria quando escolheu a palavra *libido*. “Tivessem os tradutores usado ‘*lust*’ ao invés de ‘*libido*’ Fairbairn nunca poderia ter dito, ‘*lust* não está em busca de prazer’, já que teria sido obviamente auto-contraditório. Para descrever suas importantes experiências clínicas ele teria sido forçado a inventar um novo termo para o que hoje chama libido, ou teria tido que formular diferentemente suas conclusões teóricas” (p.283).

entretanto, implica uma mudança de foco do pai para a mãe<sup>102</sup>, ou seja, implica a “subordinação de questões triangulares de conflito sexual para diádicas de separação e individuação” (Rudnytsky, 1991, p.xi). Com a crescente insistência na dimensão relacional, a referência à pulsão foi ou suprimida, ou mantida enquanto um motor, sem muita especificidade, do processo, o que teve como consequência a restrição do papel da sexualidade. Nesse cenário de discussão, pulsão e objeto tornam-se dois pólos opostos, culminando em uma tendência a se pensar a constituição psíquica a partir de um sentido ou de outro de forma excludente. Mesmo sendo difícil designar qual corrente assume de forma radical um posicionamento unilateral deste tipo, à guisa de esquematização, pode-se dizer que ocorreu uma divisão na qual, do lado do intrapsíquico, encontra-se a teoria pulsional enquanto uma *one-body psychology* e, do lado do intersubjetivo, a perspectiva inaugurada pela relação de objeto, apoiando-se em especial na idéia de uma *two-bodies psychology*<sup>103</sup>. Cabe lembrar que um mesmo fenômeno pode ser lido a partir das duas grades, intrapsíquica e intersubjetiva, mas, como assinala Green, ambas as soluções são insatisfatórias. Seria mais interessante considerar que as leituras intrapsíquica e intersubjetiva são indissociáveis, só se prestando à decomposição por motivos didáticos, na medida em que facilitem uma melhor compreensão do que pertence aos planos do si-mesmo e do outro. Priorizar uma perspectiva em detrimento da outra acarreta importantes reflexos não apenas para os modelos teóricos em si, mas, sobretudo, para o processo analítico, modificando a concepção de transferência, do papel do analista e do trabalho interpretativo.

O fato é que restringir o debate a uma oposição na qual, de um lado, tem-se a teoria da pulsão, e, de outro, a relação de objeto, é extremamente simplista e esquemático e a discussão recai, freqüentemente, na antinomia ingênua desejo/necessidade. Antes de se considerar uma mera distinção entre interno (intrapsíquico) e externo (intersubjetivo), opondo pulsão e objeto, é importante lembrar que o objeto deve ser pensado em um lugar duplo, pertencendo ao espaço interno consciente e inconsciente, mas também ao espaço externo enquanto outro sujeito. “Pois o externo, para a estruturação psíquica, não é

<sup>102</sup> “Na psicanálise britânica depois da guerra não houve tanto um retorno a Freud, como aconteceu na França com o trabalho de Lacan, quanto um retorno à mãe” (Philips, 1988, p.10).

<sup>103</sup> Trata-se de uma expressão de Rickman (1957) para quem *one-body psychology* descreve o que ocorre dentro de uma pessoa tomada isoladamente, ou seja, o que ele chama de psicologia introspectiva, dos reflexos, dos problemas neurológicos mais simples, da memória, da aprendizagem etc. Seria um tráfego de mão única em oposição à *two-bodies psychology* (mão dupla). A Psicanálise seria uma *two e three-bodies psychology*, ela “estuda a relação existente quando duas pessoas estão em uma região mais ou menos próxima e estão vinculadas uma a outra pela realização de objetivos, tarefas ou necessidades simultâneas” (Rickman, 1957, p.219).



apenas a realidade, mas, (...) simbolizando-a e significando-a, o que se designa por objeto em psicanálise, que, em realidade, remete ao outro sujeito” (Green, 2002a, p.39).

Mesmo em Freud a teoria do objeto não é unívoca; a definição enquanto o componente mais variável da pulsão difere muito do objeto único que será mais tarde teorizado na melancolia. Nesta última, como se sabe, ele é insubstituível, sendo o Eu obrigado a sacrificar uma parte de si mesmo para suprir sua falta. Como já foi dito, mesmo não tendo desenvolvido essa temática, no final de sua vida, ao substituir as pulsões sexuais pelas pulsões de vida ou de amor, Freud interessou-se cada vez mais pelas relações entre o Eu e o objeto, levando a pensar que uma teoria da relação de objeto poderia ser o caminho natural rumo a uma possível terceira tópica<sup>104</sup>. Fairbairn é um dos que não exclui tal hipótese.

Nunca estive na intenção de Freud (...) dar a impressão de que todos os problemas da psicopatologia podiam ser resolvidos em termos da psicologia do impulso; e nas últimas fases do seu pensamento – a partir de uma altura que se pode convenientemente datar da publicação de ‘O Eu e o Id’ – a sua atenção dirigiu-se predominantemente para o crescimento e as vicissitudes do Eu (Fairbairn, s/d, p.83-4).

A idéia de uma terceira tópica capaz de reunir os pontos de vista da pulsão e da relação de objeto está em pauta há algum tempo no meio psicanalítico<sup>105</sup>. Green foi o primeiro a levantar a questão, em 1974, no artigo *L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique*, sugerindo a necessidade de se pensar o espaço analítico em termos de *self* e de objeto. Em um recente congresso<sup>106</sup>, organizado com o intuito de discutir as possíveis articulações entre a teoria da relação de objeto e a teoria pulsional, ficou claro que o apelo a uma terceira tópica é uma tentativa de resposta ao pluralismo teórico atual, visando evitar um ecletismo incoerente. Toda a discussão diz respeito à possibilidade de fundamentar uma teoria das organizações não neuróticas, que leve em conta uma dimensão intersubjetiva, sem abrir mão de uma perspectiva metapsicológica, ou seja, sem perder de vista o que seria a marca registrada da psicanálise. Trata-se em especial de uma preocupação de parte da psicanálise francesa, que tem em Green e, mais recentemente, em Roussillon, seus

<sup>104</sup> “Ao substituir, a partir de 1920, as pulsões sexuais pelas pulsões de vida ou de amor (Freud 1938), considerando que a função sexual e seu indício, a libido, são os melhores meios de conhecê-las, é o próprio Freud que abre a via da teoria da relação de objeto, pois falar de amor necessariamente implica referir-se ao objeto” (Green, 1990b, p.215).

<sup>105</sup> Cf. Green (1975, 1983, 1990), Dejours (1986), Racamier (1992), Reid (1996), Bercherie (2000), Cahn (2002), In: Brusset, 2005.

<sup>106</sup> “Relations d’objet et modèle de la pulsion”, 66º Congresso de psicanalistas de língua francesa, realizado em Lisboa, maio de 2006.

principais representantes<sup>107</sup>. A nova tópica seria uma tópica do entre, com o objetivo de aproximar a metapsicologia de uma teoria da clínica capaz de dar conta dos casos que se apresentam na contemporaneidade, nos quais as fronteiras do Eu são tão mal-traçadas que obrigam a repensar as idéias de mundo interno e externo de forma diferente da neurose. Nesse sentido, o processo analítico não estaria circunscrito nem do lado do paciente, nem do lado do analista, mas na reunião desses dois discursos no espaço potencial entre os dois, contido pelo *setting*. Dessa forma, o foco passa a ser a produção que se torna possível através do encontro de duas subjetividades, como o conceito de terceiro analítico, desenvolvido por Ogden (1994), esclarece. Para este analista americano, a noção de terceiro analítico implica a idéia de um outro sujeito no campo da análise, que não é nem o analista nem o analisando, mas um funcionamento psíquico introduzido pela situação analítica, uma intersubjetividade entre os dois<sup>108</sup>. Na clínica, cada vez mais, descobre-se a importância dos vínculos produzidos pela relação, para além de seu aspecto intersubjetivo. “Nessas últimas orientações, trata-se menos de vínculo intersubjetivo que de elementos inconscientes, isto é, *do interpésíquico construído pela atividade psíquica de um e de outro*” (Brusset, 2005, p.48, grifos meus).

Quando a teoria das relações de objeto começou a se desenvolver, fomos inicialmente inclinados a descrever as ações mútuas (em termos de processos internos) do Eu e do objeto. Não demos muita atenção ao fato de que, na expressão ‘relação de objeto’, era a palavra *relação* a mais importante. Isto é, que nosso interesse deveria ter se dirigido ao que está entre os termos que essas ações unem ou entre os efeitos das diversas ações. Dito de outra forma, *o estudo das relações é mais o dos vínculos que o dos termos unidos por esses vínculos* (Green, 1974, p.101, grifos meus).

É inegável que a psicanálise hoje é composta por um conjunto de modelos com uma pluralidade de tópicos. Segundo André (2006<sup>109</sup>), em Melanie Klein e Lacan já existem outras tópicos pelo simples fato de cada um dos autores propor outra concepção do inconsciente, no primeiro caso, a partir da agressividade originária e, no segundo, da idéia do inconsciente estruturado como linguagem. O mesmo não pode ser dito a respeito de Winnicott devido ao aspecto poroso de

<sup>107</sup> Outros autores contemporâneos, como Ogden e Bollas, contribuem de forma criativa e consistente para se pensar o progresso da psicanálise incluindo as problemáticas objetais, mas não se pode dizer que manter a metapsicologia constitui uma preocupação maior para eles, como é o caso dos autores franceses citados.

<sup>108</sup> Cabe lembrar, contudo, que este conceito não implica uma simetria da experiência para analisando e analista. “O terceiro analítico, embora criado conjuntamente pelo (o que está se tornando) analista e analisando, não é experimentado identicamente por ambos, já que cada um permanece um sujeito separado em tensão dialética com o outro” (Ogden, 1994, p.5).

<sup>109</sup> Comunicação oral no 66º Congresso de psicanalistas de língua francesa, realizado em Lisboa, maio de 2006.

sua construção teórica, que não adquire o caráter formal dos outros dois. Mas esta característica, que permite um uso mais livre da teoria, e a não adoção de uma doutrina em bloco, é justamente um dos motivos que fazem com que suas contribuições, assim como as de Bion<sup>110</sup>, sejam as mais convocadas para se pensarem, hoje, as possibilidades de articulação entre as diversas tópicas.

Embora já se possa dizer que existe, bem delineado, um modelo contemporâneo da prática psicanalítica, a formalização explícita de uma terceira tópica que pudesse fundamentá-lo ainda encontra resistências, evidenciando a dificuldade de se encontrar uma alternativa pertinente ao modelo pulsional clássico a despeito das constantes críticas que lhe são feitas. Uma das dificuldades em relação ao abandono deste modelo está no fato de a posição epistemológica da psicanálise freudiana, sua dita especificidade, fundamentar-se justamente sobre essa idéia, em ruptura com a psicologia da consciência, a fenomenologia, a teoria do desenvolvimento etc. Para muitos analistas, restringir demasiadamente a teoria pulsional, portanto, seria como jogar fora o bebê com a água do banho, ou seja, teme-se que, junto com a pulsão, a perspectiva dinâmica da sexualidade, a possibilidade de se pensar um aspecto indomável no ser humano, e toda a complexidade da vida psíquica, posta em evidência por Freud, sejam também descartadas.

Levando-se em conta as críticas à teoria pulsional bem como o fato de toda a clínica contemporânea indicar o papel do objeto, em seu duplo estatuto de interno e externo, como fundamental para a constituição e funcionamento do aparelho psíquico, a solução indicada por este novo modelo contemporâneo é pensar uma co-construção da pulsão e do objeto. Nesse sentido, deve-se considerar a possibilidade de pulsão e objeto, mãe e bebê, ou ainda analista e analisando, funcionarem como uma dupla, onde o que importa é a dinâmica, o vai e vem que reúne os dois<sup>111</sup>, em uma perspectiva que acolhe tanto os dados da experiência com as organizações não neuróticas, como os das pesquisas atuais da psicologia do desenvolvimento a respeito da importância dos vínculos e das competências primárias do bebê. A partir desta perspectiva, pulsão e intersubjetividade não são paradigmas opostos se à intersubjetividade for adicionada uma concepção psicanalítica do sujeito, ou seja, uma dimensão

---

<sup>110</sup> “Nesses trabalhos, o ‘vertex’ metapsicológico encontra-se definido – totalmente ou parcialmente – pela releitura, pessoal, do pensamento pós-kleiniano, especialmente de Bion, como também do de Winnicott” (Urribarri, 2006, p.658). Cabe lembrar que nesta tese optei por trabalhar unicamente com Winnicott.

<sup>111</sup> “Eu tentarei manter os dois pólos da balança que vai da pulsão ao objeto e *vice versa*, porque o importante não são as situações extremas, mas o vai-e-vem, o percurso, a oscilação, a dinâmica, em suma, que os reúne” (Green, 2002a, pp.40-41).

inconsciente e sexual.

Eu utilizo o termo 'intersubjetivo' para pensar a questão do encontro de um sujeito, animado de pulsões e de uma vida psíquica inconsciente, com um objeto, que é também um outro sujeito, igualmente animado por uma vida pulsional da qual uma parte é inconsciente. Tal definição me parece essencial por sublinhar o lugar do objeto, e da 'resposta' do objeto aos movimentos pulsionais do sujeito na evolução psíquica destes. Eu me situo assim na perspectiva que Green designa como aquela do 'sistema pulsão/objeto', e em uma corrente de pensamento que, sob diferentes denominações, coloca a questão da apropriação subjetiva no centro do processo psíquico (Roussillon, 2004, p.736).

Segundo Roussillon, a tradição psicanalítica concentrou-se demasiado no aspecto econômico da teoria pulsional, ou seja, no imperativo da descarga de excitação, atrelado à idéia de traumatismo por excesso pulsional. Nessa perspectiva, se o objeto está presente, a pulsão pode se descarregar, se ele está ausente, o sujeito deve desenvolver mecanismos paliativos, como os auto-erotismos, até que a satisfação possa ser obtida. Mas, ao insistir na função do objeto para a construção subjetiva, ao insistir na resposta do objeto aos movimentos libidinais do sujeito, introduz-se uma nova dimensão da vida pulsional que contém implicitamente a idéia de que esta é também portadora de uma 'mensagem' dirigida ao objeto, de uma mensagem à espera de uma resposta.

Não se pode mais pensar a pulsão e sua evolução psíquica sem levar também em conta a maneira pela qual é recebida, acolhida ou rejeitada pelo objeto que ela visa. Não se pode mais pensar a pulsão como simples imperativo de descarga sem também levar em consideração a mensagem subjetiva que ela porta e transmite (Roussillon, 2004, p.738).

A idéia de que a pulsão carrega e transmite uma mensagem é uma discussão importante que já havia sido desenvolvida antes por outro grande autor francês, Jean Laplanche. Laplanche também não considera pulsão e intersubjetividade como paradigmas opostos, mas sua elaboração a respeito do 'valor mensageiro' da pulsão difere, como será visto a seguir, da idéia exposta na citação acima. Tomando como contraponto as contribuições de Ferenczi sobre a sedução e o trauma, Laplanche reformula por completo a teoria pulsional e introduz a idéia de que um objeto-fonte, enxertado no sujeito como resultado do encontro de toda e qualquer criança com as mensagens enigmáticas do mundo adulto, desempenha a função outrora atribuída à fonte pulsional.

## 4.2

### Pulsão e intersubjetividade: a solução de Laplanche

Assim como Ferenczi, Laplanche propõe uma releitura da teoria da sedução freudiana. Ambos os autores são intensamente interessados pelas implicações da sexualidade adulta para a sexualidade infantil, o que, como foi visto, não é uma preocupação primária em Winnicott. Laplanche, no entanto, amplia a proposta ferencziana ao considerar a sedução como o confronto de toda e qualquer criança com o mundo adulto, situando-a na base da estruturação do psiquismo. O que se apresenta, portanto, como patológico em Ferenczi, em Laplanche é estruturante e inevitável, pois o que está em jogo é a própria constituição do inconsciente. Por esse motivo, a expressão ferencziana “confusão de línguas entre os adultos e a criança” lhe parece inadequada, porque a questão não se limita à aquisição de uma ou várias linguagens ou ao confronto de duas linguagens com lógicas diferentes. Para Laplanche<sup>112</sup> este tipo de formulação dá impressão de que o universo do adulto se reduz a um mundo objetivo, o qual poderia ser descoberto através da aprendizagem, quando, em realidade, trata-se de um universo repleto de mensagens (lingüísticas ou simplesmente languageiras, ou seja, pré ou paralingüísticas) às quais a criança forçosamente deverá encontrar sentido e resposta.

É, portanto, justamente aqui que é preciso ir mais longe que Ferenczi, mas também por outro caminho que não o do lacanismo. Pois Ferenczi não dá o passo de levar em consideração que o que chama de ‘linguagem da paixão’ (a linguagem do adulto) só é traumatizante na medida em que veicula um sentido dele mesmo ignorado, ou seja, em que manifesta a presença do inconsciente dos pais. Mas, contra Lacan, afirmamos que essa manifestação do inconsciente é irreduzível às simples potencialidades polissêmicas de uma linguagem em geral. O problema continua sendo, a nosso ver, o do inconsciente individual (Laplanche, 1992, p.134).

Além disso, Laplanche também não está de acordo com a classificação ferencziana que aloca a ternura inteiramente do lado da criança e a paixão do lado do adulto. Em primeiro lugar porque, de seu ponto de vista, a ternura pode ser encontrada em ambos e, em segundo lugar, porque mesmo que considere, com Ferenczi, a paixão, ou o sexual, prioritariamente do lado do adulto, para ele “o que é interessante é o sexual inconsciente e não o sexual abertamente agido”

---

<sup>112</sup> Não estou totalmente de acordo com a leitura que Laplanche faz de Ferenczi. Como deixei claro no capítulo um, em Ferenczi a ação sexual violenta é menos importante do que as conseqüências para o sujeito em questão da resposta inadequada, ou da ausência de resposta, do objeto.

(1997, p.59). Ferenczi teria se interessado especialmente pelo aspecto perverso e traumático de uma conduta sexual concreta do adulto, tal como fizera Freud nos primórdios da psicanálise. Mas, segundo Laplanche, a teoria da sedução, parcialmente abandonada em 1897, poderia ter sido mantida e aprofundada se Freud não tivesse confundido a universalidade da situação de sedução com a sedução perversa.

É importante levar em conta a perspectiva de Laplanche no quadro da discussão deste capítulo, pois, com sua proposta de ampliação da noção original de sedução, ele reformula a teoria da pulsão e lhe confere uma dimensão intersubjetiva. Laplanche critica o aspecto endógeno e biológico da pulsão; acima de tudo, ele contesta a idéia de que a sexualidade emerge biologicamente da auto-conservação. Ou seja, afastando-se da teoria do apoio<sup>113</sup>, noção que, aliás, ele próprio foi responsável por sublinhar e desenvolver, Laplanche quer mostrar que a sexualidade não pode ser concebida como uma simples diferenciação da auto-conservação, uma emergência natural e espontânea, por assim dizer, do vital. A sexualidade humana deve ser mais do que uma progressiva complexificação ou psiquização das funções vitais. Como diz Laplanche (1992, p.153-154), tem-se aí uma espécie de cebola que não se descasca sozinha; é a sedução que vai descascar, sobre a autoconservação, uma película superficial, uma lâmina, que pode ser chamada sexual. É a sedução que descasca a cebola da autoconservação, e não a autoconservação que, por um movimento endógeno, se clivaria. O que significa dizer que “a clivagem de um plano propriamente sexual no biológico infantil só pode conceber-se a partir da ação do outro” (Laplanche, 1997, p.7).

É porque os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens inconscientes para ele e incontroláveis para a criança, que eles produzem, sobre os lugares ditos erógenos, o movimento de clivagem e de deriva que levam eventualmente à atividade auto-erótica. Mas o veículo necessário do auto-erotismo, o que o estimula e o faz existir, é a intrusão e o recalçamento dos significantes enigmáticos trazidos pelo adulto (Laplanche, 1984, p.20).

Através da sedução generalizada, portanto, Laplanche apresenta uma concepção da pulsão sem qualquer conexão biológica, afastando-se da teoria freudiana que, de seu ponto de vista, operava uma espécie de síntese entre o

---

<sup>113</sup> Nesta teoria, o surgimento da pulsão sexual é explicado por seu apoio sobre a função de auto-conservação, o que significa dizer que as pulsões sexuais nascem em um mesmo lugar, sobre a mesma fonte, numa mesma atividade, que as funções vitais e apenas secundariamente se tornam independentes dessas fontes orgânicas. O mamar é o exemplo por excelência a partir do qual nasceria a sexualidade oral infantil e que depois se autonomizaria, separando-se do campo da autoconservação, ou seja, da atividade alimentar.

fiscalismo e o biologismo. Em Freud, como se sabe, o biológico aparece em vários níveis, como origem, como modelo, e como esperança, no sentido das perspectivas futuras de tratamento. Ao denunciar o que chama de “o desvio biologizante de Freud”, Laplanche não contesta o biológico no ser humano, o que evidentemente seria absurdo, mas sim a idéia de que o vital é o que há de mais profundo no psiquismo. O autor mostra como essa idéia está presente em Freud, através da famosa imagem do inconsciente à semelhança do parque de Yellowstone, como uma reserva natural cercada e mantida em estado original, virgem. Mesmo na segunda tópica pode-se encontrar uma questão análoga em relação ao Id, ou seja, trata-se de um primordial originário ou “torna-se o id, pelo próprio processo de constituição do aparelho psíquico e, em particular, pelos recalcamientos, esse estrangeiro que passa a ser em nós?” (Laplanche, 1992, p.32). Para Laplanche, é importante frisar que o desconhecido que existe no mais profundo do ser humano e que “nos age” (o inconsciente, a pulsão) não estava lá necessariamente no início. Ele propõe uma teoria na qual, na origem da pulsão, encontram-se a sedução e o recalcamientos originários, processos a partir dos quais a sexualidade psíquica é implantada na estrutura psicológica da criança.

Enquanto que a teoria clássica da pulsão propõe uma antecedência, uma precessão e apenas uma – a dos estímulos endógenos somáticos – pensamos que é indispensável conceber uma dupla precessão: por um lado o pré-requisito de um organismo voltado à homeostase e à autoconservação; por outro lado, a de um mundo cultural adulto, no qual a criança é mergulhada completa e imediatamente (Laplanche, 1988, p.78).

Laplanche insiste em um ponto pouco trabalhado por Winnicott, e também por Freud<sup>114</sup>, o fato de que na relação mãe/bebê é preciso levar em conta o inconsciente da mãe, lembrando que ela é também um ser pulsional e em um grau ainda mais forte, já que sua vida pulsional atingiu a maturidade. Nesse sentido, o psiquismo dos pais será sempre obrigatoriamente mais rico do que o da criança, mas esta riqueza do adulto é também sua clivagem em relação ao seu próprio inconsciente<sup>115</sup>. Devido à assimetria fundamental entre o psiquismo

<sup>114</sup> Mesmo na famosa nota de 1911, Freud menciona os cuidados maternos e não a mãe.

<sup>115</sup> Embora Winnicott não tenha explorado plenamente a influência da riqueza do universo materno para o bebê, nunca é demais ressaltar que o autor não considera a relação mãe/bebê como simétrica, ou simbiótica. O importante é que haja um outro próximo o suficiente para poder se identificar empaticamente ao bebê e lhe oferecer ajuda no desamparo, mas Winnicott introduz a idéia de uma capacidade de identificação extremamente variável, porque dependente da experiência de cada um.

infantil e o adulto, este inevitavelmente propõe à criança significantes<sup>116</sup> verbais e não verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes que transbordam a capacidade de compreensão e de controle da criança. Laplanche denominou estes significantes de enigmáticos, pois a comunicação da sexualidade do adulto à criança veicula, de forma concomitante, intenções conscientes (“devo te bater por razões educativas”) e desejos que são inconscientes para o próprio adulto (“quero te torturar sadicamente”). As mensagens enigmáticas são, portanto, desconhecidas pelo emissor e indecifráveis pelo receptor e seu aspecto traumático deve ser entendido não só através da incompreensão da criança, mas também pela incapacidade de os adultos explicarem o enigma para si mesmos.

Estes significantes não são enigmáticos somente pelo simples fato de que a criança não possui o código e que teria que adquiri-lo. (...) Trata-se do fato de que o mundo adulto é inteiramente infiltrado de significados inconscientes e sexuais, dos quais o *próprio adulto* não conhece o código. E por outro lado se trata do fato de que a criança não possui as respostas fisiológicas ou emocionais correspondentes às mensagens sexualizadas que lhe são propostas; em resumo, que seus meios de constituir um código substitutivo ou provisório são fundamentalmente inadequados (Laplanche, 1988, pp.78-79).

Sedução, portanto, significa que no plano sexual, há uma assimetria radical entre os dois protagonistas: o adulto confronta a criança com sua própria sexualidade inconsciente, face à qual ela ocupa uma posição passiva fundamental. A gênese da pulsão está ligada a essa cena de sedução, pode-se dizer que ela emerge como resultado de um processo de recalçamento no qual as mensagens do adulto serão parcialmente traduzidas e se tornarão em parte inconscientes pelo inexorável fracasso da tradução. É por esta via que Laplanche compreende as teorias sexuais infantis, ou seja, como uma necessidade de trabalho interno de toda criança face às mensagens enigmáticas do mundo adulto, e não como fantasias primárias inatas. Parte deste trabalho é integrada ao ego e contribui para a sua construção, mas uma parte permanece inevitavelmente intraduzível e se torna fonte constante de estimulação, exigindo um trabalho adicional e contínuo de tradução. Esta fonte de estimulação interna e constante, que tem sua origem nos restos intraduzíveis das mensagens dos adultos, é o efeito pulsão, indissociável do inconsciente.

Ao longo do desenvolvimento, cada nova situação dotada com seus próprios enigmas ressoa com os resíduos intraduzíveis deixados para trás por tentativas

<sup>116</sup> O importante aqui é o poder significante, o fato de que um significante, verbal ou não verbal, pode significar *para* sem se saber *o quê* ele significa.



anteriores de dar sentido às mensagens adultas. Esses resíduos são incrustados no inconsciente da criança – são seu verdadeiro núcleo – e constituem os objetos-fonte das pulsões (Scarfone, 2005, p.36).

Neste sentido, pode-se dizer que a primeira tradução equivale ao recalque originário. As mensagens enigmáticas clivam do psiquismo um inconsciente primordial, um Id, que constitui os primeiros objetos-fonte, como uma segunda natureza que ‘nos age’. A exigência de trabalho é exercida pelo Id, verdadeiro “conjunto de corpos estranhos internos” sobre o organismo do Ego. A tentativa de simbolizar os significantes enigmáticos, tornados atacantes internos, origina, como já foi dito, as teorias sexuais infantis. Essa simbolização é sempre parcialmente fracassada, levando ao recalque de um resto impossível de ser traduzido.

A pulsão não é, pois, nem um ser mítico, nem uma força biológica, nem um conceito-limite. Ela é o impacto sobre o indivíduo e sobre o Ego da estimulação constante, exercida do interior, pelas representações-coisa recalçadas, que podemos designar como objetos-fontes da pulsão. Quanto à relação da pulsão com o corpo e as zonas erógenas, longe de ser concebida a partir do corpo, ela é ação dos objetos-fontes recalçados sobre o corpo; isto através do Ego que é antes Ego-corpo, e no qual, bem naturalmente, as zonas erógenas se tornam os lugares de precipitação e de organização de fantasias (Laplanche, 1988, p.80).

Laplanche marca uma passividade na recepção dos significantes enigmáticos e uma atividade no trabalho de tradução. A passividade do sujeito em relação à pulsão não implica obrigatoriamente uma concepção biológica. Laplanche não ignora o fato de o bebê ser um indivíduo biopsíquico, que está aberto ao mundo, apresentando comportamentos comunicativos e competências específicas. Para o autor, a questão sobre o momento em que o bebê se abre ao mundo é um falso problema, sendo mais interessante pensar quando se fecha um primeiro si mesmo, “ou um ego, qualquer que seja, aliás, a periferia, a circunferência desse ego” (1992, p.100). É importante também não centrar toda especificidade do humano em seu desamparo, afinal, “[o] ser humano não é o único a ter necessidade da ajuda adulta para subsistir; não se deve ver nisto o alfa e ômega de toda a explicação da hominização” (1992, p.103). Além disso, devem ser diferenciados dois tipos de prematuração, uma no domínio adaptativo, ligada à sobrevivência, no qual a comunicação se dá no sentido criança-pais, e outra no domínio sexual, no confronto com a sexualidade adulta, no qual a comunicação se dá no sentido inverso, pais-criança.

Para Laplanche, em relação à segunda teoria pulsional, o fato de Freud ter recusado todas as propostas de seus discípulos que iam no sentido de uma

assimilação ou substituição da idéia de pulsão de morte por uma pulsão de agressão, sugere que a pulsão de morte não era uma novidade, mas uma reafirmação do aspecto menos domado da sexualidade, funcionando segundo o princípio da energia livre e do processo primário. A pulsão de morte e a pulsão de vida seriam em realidade dois aspectos da pulsão sexual, isto é, os dois princípios da vida fantasística do homem são o princípio de ligação, que regula as pulsões sexuais de vida, e o princípio de desligamento, que rege as pulsões sexuais de morte<sup>117</sup>. Todavia, como insiste Laplanche, não se pode tomar necessariamente partido a favor da ligação, nem afirmar que ela estaria sempre do lado da vida psíquica, pois o excesso da ligação é também o extremo da imobilização. Em Laplanche, portanto, o dualismo pulsional é conciliado por um monismo energético. O mesmo objeto-fonte é simultaneamente fonte de ambos os aspectos, mortíferos e sintetizantes, da pulsão, de acordo com o caráter parcial ou total que assume. A pulsão de morte é o ataque interno desses objetos-fontes, ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o Ego. Mas a constituição de tais atacantes internos é resultado de um processo de introjeção primário que teve sua origem na situação de sedução.

Através da seqüência formada - implantação das mensagens enigmáticas, trabalho de tradução incompleto e diferenciação das agências psíquicas -, tem-se uma síntese subjetiva que pode dar impressão de um universo no qual o ego ocupa o lugar central. Contudo, em Laplanche, o centro gravitacional do sistema não está dentro da criança, e sim no adulto externo, através de suas mensagens. Entre um modelo centrado no ego (ptolemaico), e outro centrado fora do ego (copernicano), Laplanche escolhe o segundo, pois para ele a psicanálise nunca pode perder de vista a primazia do Inconsciente na existência humana. Há sempre uma alteridade incontrolável, funcionando como um estranho interno e perturbando a tentativa de eleger o ego como fonte fundamental dos eventos psíquicos (Scarfone, 2005b).

A necessidade do conceito de pulsão em psicanálise foi e continua a ser contestada. Estes ataques, desde Politzer, provêm de duas inspirações que na verdade freqüentemente se combinam:

- uma inspiração *epistemológica*: (na linha que reúne o empirismo humano à filosofia 'analítica' moderna) que refuta como metafísica, 'mecanicista', etc. toda invocação a forças abstratas postuladas por trás dos fenômenos (cf. Daniel Widlöcher);
- uma inspiração *personalista*, que pretende restituir aos fenômenos psicológicos

<sup>117</sup> "Esses dois princípios correspondem, apenas de modo grosseiro, à diferença tópica entre o EU e o Isso. No Eu, existe algo de muito ligado, mas também algo de menos ligado; da mesma maneira, nas camadas mais profundas do Isso encontra-se mais algo de desligado, mas, ao aproximar-se da superfície, moções estão mais ligadas" (Laplanche, 2002, p.205).

sua formulação na ‘primeira pessoa’ (desde a ‘psicologia concreta’ de Politzer até a ‘*action language*’ de Roy Schafer).

Esta dupla crítica nos parece contradizer a experiência psicanalítica que mostra precisamente que é bem no que concerne à ação do Id-inconsciente que formulações em termos de ‘forças que nos empurram’ ou de ‘terceira pessoa’ são as mais apropriadas (Laplanche, 1988, p.99).

É certo que Laplanche propõe uma teoria da pulsão que traz uma dimensão intersubjetiva, mas, antes de tudo, é como objeto de um outro que o sujeito se constitui. Mais do que uma idéia de interatividade, o que está em questão é a criança enquanto objeto das mensagens fantasmáticas dos objetos primários e como objeto de satisfação dos desejos parentais. Há aí uma grande diferença em relação a Winnicott, que, se pode dizer, preferia descrições na primeira pessoa. Contudo, um autor como Scarfone (2005b) defende uma proximidade entre os dois ao afirmar que para Winnicott também não há centramento no ego desde o início, visto que na experiência da relação de objeto (opondo-se aqui ao uso do objeto) ainda não existe diferenciação sujeito/objeto ou experiência/objeto. Mesmo que um observador externo faça esta diferenciação, se o objeto ainda não foi encontrado, então o sujeito não está presente como uma agência distinta para saber que está se relacionando. Até haver esta separação, não há espaço mental (portanto, tampouco podem estar presentes mecanismos como introjeção e projeção). Assim, Winnicott também apresentaria um modelo copernicano, na medida em que a experiência emocional toma lugar antes de haver um Eu.

Até isso ser atingido, um vocabulário orientado pelo tempo parece preferível para a relação de objeto, já que não pergunta onde a experiência está acontecendo – questão que não pode ser perguntada sem o sentimento de separação – apenas considera que está *going on*, ou se cessou (Scarfone, 2005b, p.41).

Mesmo acreditando ser possível encontrar aproximações entre o pensamento de Laplanche e o de Winnicott, como a importância de se descobrir a objetividade do objeto para se adquirir um sentido de subjetividade, é preciso perceber que há uma diferença fundamental; enquanto Winnicott concebe o advir do sentimento de realidade de si e do psíquico no vital, Laplanche fala do advir do sexual biopsíquico no ser humano biopsíquico. Assim, mesmo que os dois autores tenham o mérito de despojar a pulsão de seu estatuto mitológico e concebê-la como produto da intersubjetividade, para Laplanche, “o sujeito se constitui a partir do trauma da sexualidade do Outro, e é busca de resposta ao enigma que para ele ali se forma” (Souza, 2007, p.317), enquanto que para Winnicott “a primeira qualidade da experiência psíquica não se confunde com os

processos defensivos desencadeados pela emergência abrupta do outro. O que emerge lenta e progressivamente é um processo experiencial que se autodiferencia e se complexifica no espiralar-se do redobramento do sentimento de onipotência criativa do *self* verdadeiro ainda não integrado por sobre a experiência inicial de continuidade do ser” (Souza, 2007, p.332). Além disso, em Laplanche, temos que entender a atividade de tradução como reativa, isto é, como uma defesa. Segundo Souza (2007), esta é um ponto de corte importante que diferencia “os que acreditam que o trauma é constitutivo do psiquismo e que a criatividade subjetiva se encontra na escolha da defesa contra o trauma (Lacan e Laplanche, principalmente, mas também Klein e Bion), e os que acreditam em uma criatividade primária não-traumática e não-defensiva (Winnicott)” (p.325). Neste sentido, como afirma Green (1997), Laplanche, como Lacan, constrói uma teoria dos vínculos humanos que marca claramente uma ruptura com o resto dos seres vivos. A teoria da sedução generalizada traduz uma visão semântica e psicológica do psiquismo inconsciente, desenraizado de suas origens propriamente corporais.

Em Winnicott, à primeira vista, a pulsão pode ser pensada como uma tendência biológica no sentido do desenvolvimento, mas, em realidade, trata-se de uma dimensão que só ganha importância em um momento posterior, a partir da apropriação do sujeito, o que, por sua vez, depende das respostas do ambiente. Há, portanto, um aspecto exógeno importante, mas também uma tônica muito forte na atividade primária da criança e na sua possibilidade de responder ao adulto. Além disso, nem tudo é defesa em Winnicott. Em Winnicott, sobretudo no que concerne ao início da vida, não há necessariamente trauma, enquanto, em Laplanche, o encontro com o mundo sexual adulto é, desde sempre, traumático.

Traumatismo e sedução são para mim complementares, mesmo sinônimos. O primeiro termo ‘objetiva’, em um aparelho psíquico, o que o segundo ‘inter-subjetiva’. Mas um e outro devem ser desdramatizados, ou, pelo menos, concebidos além da anedota, ou mesmo do manifesto. São situações de base, sobre as quais se enxertam eventos mais pontuais (Laplanche, 1984, p.28).

Além disso, em Laplanche, a sexualidade está na base de tudo, ela é sinônimo de pulsão. Já em Winnicott, a sexualidade é posterior e constitui apenas mais um elemento da vida. Laplanche apresenta uma solução bastante interessante para se pensar conjuntamente intersubjetividade e pulsão. A origem exógena significa que a pulsão se forma na dependência do outro e que essa origem se inscreve no sujeito. Como já foi dito, pulsão e intersubjetividade não

são necessariamente paradigmas opostos<sup>118</sup>.

A renovação da teoria da pulsão proposta por Laplanche, contudo, concerne mais especificamente ao campo das neuroses, dos sujeitos que, como dizia Winnicott, vão mais ou menos bem. Para Laplanche, o próprio da psicanálise é se propor por objeto o sujeito humano enquanto autoteorizante e autosimbolizante. Não obstante, não se pode esquecer que todos os avanços da psicanálise no estudo e tratamento de estruturas não neuróticas questionam esse princípio, indicando que o aspecto autosimbolizante não é de todo garantido e necessita de condições específicas para se desenvolver.

### 4.3

#### **Trauma, clivagem e simbolização: elementos para um novo modelo**

Para os teóricos da relação objetal, “a relação mãe-bebê, na qual a comunicação se dá praticamente de forma não-verbal, tornou-se o paradigma do processo analítico” (Phillips, 1988, p.138). Nesse novo modelo de *setting*, planejado para o paciente psicótico, o interesse do analista é menos dirigido à decifração e elucidação dos mecanismos inconscientes, deslocando-se, cada vez mais, para as trocas entre analisando e analista e para as condições de possibilidade da simbolização de uma experiência subjetiva que não pôde ser vivida. Nessa concepção, o *setting* não representa simbolicamente o cuidado materno, ele é o cuidado materno. Em outras palavras, como afirma Widlöcher (2000, p.12), nem metáfora, ou mesmo modelo, é a própria relação de objeto que se repete. O desenvolvimento da teoria das relações de objeto marcou, portanto, o surgimento de um novo tipo de analista, mais preocupado com a função dos objetos externos reais na vida do sujeito e, conseqüentemente, com o próprio papel de sua subjetividade na clínica. Green chama esse analista que entra em cena, sobretudo a partir de Ferenczi, de analista-terapeuta.

Como foi visto, Ferenczi levou ao extremo sua convicção na natureza dialética do encontro analítico, chegando até mesmo à idéia de uma análise mútua. Intimamente ligada a sua concepção de trauma, a análise mútua, sua derradeira inovação técnica, pretendia alcançar pontos cegos da análise,

---

<sup>118</sup> “[S]e a pulsão encontra sua origem precisamente em mensagens (mas não apenas em mensagens verbais, por certo), deve-se dizer que, de início, não há oposição de natureza entre o pulsional e o intersubjetivo, entre o pulsional e o cultural” (Laplanche, 1992, p.145).

produzidos por partes clivadas, inacessíveis, tanto do paciente como do analista. Neste sentido, para Ferenczi, essa técnica poderia inclusive servir como complemento da análise pessoal do analista, cuja importância ele foi um dos primeiros a acentuar.

E acaba-se finalmente por indagar: não será natural, e também oportuno, ser francamente um ser humano dotado de emoções, ora capaz de empatia, ora abertamente irritado? O que quer dizer: abandonar toda a ‘técnica’ e mostrar-se sem disfarces, tal como se exige do paciente. Quando se começa a agir desse modo, o paciente chegará, com toda a lógica, a exprimir sua suspeita quanto à análise imperfeita do analista e, despertando de sua timidez, ousará pouco a pouco lhe apontar tal traço paranóide ou outro levado ao exagero; finalmente, chegará à proposta de análise mútua (Ferenczi, 1932, p.132).

Sabe-se que a técnica acabou falhando, mas é possível encontrar seus ecos hoje na corrente interpersonalista americana<sup>119</sup>. De todo modo, com esse tipo de avanço proposto por Ferenczi, a psicanálise pós Freud se abriu para a possibilidade de uma técnica empática, na qual as reações emocionais dos analistas tornaram-se mais importantes do que as técnicas interpretativas tradicionais. Na medida em que o papel da relação ganha o primeiro plano, a análise dos conflitos intrapsíquicos ou das resistências provocadas pela interpretação se tornam insuficientes, isto é, não basta apenas explicar e compreender, é necessário também criar um ‘clima de compreensão’.

Sem renunciar à interpretação, passaram [os herdeiros de Ferenczi] a privilegiar a relação afetiva que, conforme os esquemas teóricos, foi chamada de ‘fusalional’, ‘holding’, ou ‘empática’, englobando este último termo (...) uma multiplicidade ambígua de significações e chegando até a constituir, segundo certos psicanalistas a condição *sine qua non* de qualquer análise (Chertok & Stengers, 1990, p.160).

Esse novo modelo de *setting* implicará, portanto, uma mudança radical da perspectiva clínica e um distanciamento das recomendações de Freud. Inicialmente Freud procurou combater a transferência como um novo sintoma derivado da doença, observando que ela deveria ser desmascarada como todos os outros fenômenos psíquicos. Pouco a pouco, contudo, à medida que a transferência se revelava como o instrumento clínico por excelência, o aprofundamento da relação paciente-analista abriu novas perspectivas. Haynal (1987), por exemplo, acredita que no texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1914, com o uso de termos como “‘Tummelplatz’ [arena, playground], e ‘Zwischenreich’ [zona ou área intermediária], Freud chega a tonalidades que

<sup>119</sup> Na corrente interpersonalista da psicanálise americana, centrada sobre a atualidade da transferência, sem referência à repetição do passado ou às fantasias sexuais infantis, as questões em torno da importância da subjetividade do analista e da análise enquanto uma co-construção narrativa ganham primeiro plano e a metapsicologia é abandonada. Cf. Durieux e Fine, 2000.

serão mais tarde as de Ferenczi, Balint e Winnicott” (p.27).

[O] instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência. Tornamos a compulsão inócua, e na verdade útil, concedendo-lhe o direito de afirmar-se num campo definido. Admitimo-la à transferência como a um *playground* no qual se espera que nos apresente tudo no tocante a instintos patogênicos, que se acha oculto na mente do paciente. Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise, alcançamos normalmente sucesso em fornecer a todos os sintomas da moléstia um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma ‘neurose de transferência’, da qual pode ser curado pelo trabalho terapêutico. A transferência cria, assim, uma *região intermediária* entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção. Trata-se de um *fragmento de experiência real*, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis, e que é de natureza provisória. A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldade, por assim dizer, após a resistência ter sido superada (Freud, 1914, pp.169-70, grifos meus).

Segundo Haynal, portanto, em 1914, no trecho acima destacado, Freud ter-se-ia aproximado de uma compreensão do papel da transferência como experiência do vivido, concepção que será atribuída posteriormente a Ferenczi e a Winnicott. Contudo, mesmo que Freud tenha revisado suas próprias posições a respeito da transferência, e que esses teóricos possam daí ter desdobrado suas conclusões, o cerne de sua orientação técnica a respeito da função do analista permaneceu basicamente o mesmo; ele o considerava como um instrumento da análise, enquanto Ferenczi o concebia como partícipe da análise. Em Freud, a transferência, enquanto ferramenta clínica, nunca subentende o envolvimento emocional e afetivo do analista, enquanto, em Ferenczi, ao contrário, o analista implica-se emocionalmente na análise, acreditando poder restituir ao paciente o ‘tato’ que lhe faltara no meio, ao longo do desenvolvimento, e reparar o trauma infantil precoce. Dizia ele (1931) que é uma vantagem para o trabalho analítico, quando se consegue ir ao encontro do paciente, graças a uma paciência, compreensão, benevolência e amabilidade quase ilimitadas.

Ferenczi lutava menos contra idéias do que contra analisandos siderados em seu sofrimento. A maneira como ele compreendeu a compulsão à repetição o conduziu a interpretar a transferência como ‘pura’ repetição, a saber, como reprodução de traumas da infância, traumas bem diferentes daqueles que Freud havia descoberto, pois para ele não se tratava de sedução, mas de violação (psíquica); ou pela confusão de línguas, de subordinação por excesso de demandas parentais, ou ainda de privação de amor, por desconhecimento das necessidades da criança, ou enfim de paralisia psíquica por sideração devida ao desespero. Em suma, *o que está em jogo aqui não é mais o destino da libido, mas simplesmente*

*a asfixia da vida psíquica* (Green, 1990a, p.33, grifos meus).

Seguindo essa mesma linha, Winnicott dirá que, o bom desfecho da análise não depende da compreensão do paciente do significado de suas defesas, mas “de sua capacidade, através da análise e na transferência, de *reexperienciar esta ansiedade intolerável* em função da qual as defesas foram organizadas” (1961, p.60). Conseqüentemente, a interpretação não se limita a ser apenas um meio para a tradução do inconsciente. Em Winnicott, ela vai assumir também um papel metafórico de sustentação, através da provisão de um ambiente facilitador, no qual as experiências iniciais podem ser regressivamente vividas. Nesse sentido, o *holding* winnicottiano pode ser considerado uma via empática da interpretação, cuja ênfase passa a ser a qualidade da experiência analítica. No artigo de 1954, *Retraimento e Regressão*, Winnicott deixa claro como, através de uma interpretação apropriada, o analista oferece uma sustentação para o paciente ao mostrar compreendê-lo profundamente.

No decorrer da sessão consegui perceber qual a interpretação adequada, e disse: ‘O fato de a dor estar situada *do lado de fora* da cabeça representa a sua *necessidade de que alguém segure a sua cabeça* como naturalmente aconteceria se você fosse uma criança que estivesse muito angustiada’. (...) Vinculei esta interpretação com aquela a respeito do meio ambiente, e ele aos poucos foi percebendo que a minha idéia sobre as mãos segurando a cabeça era correta. Contou que teve um retraimento momentâneo, no qual sentiu que eu tinha uma máquina capaz de agir como se proporcionasse um acolhimento afetuoso. Isto significou para ele que era importante que eu não segurasse realmente a sua cabeça, pois isto seria o mesmo que aplicar mecanicamente princípios técnicos. *O importante era que eu compreendesse imediatamente do que ele necessitava* (Winnicott, 1954a, p.353).

A abordagem winnicottiana da problemática do objeto, portanto, aprofundou essa perspectiva ao levar em consideração os efeitos para o fundamento do psiquismo de se ter uma mãe (ou um pai) não disponível devido a um surto psicótico ou a um episódio depressivo, por exemplo. Winnicott tentou chamar atenção para a importância do humor da mãe, para a possibilidade deste ser impingido à realidade psíquica da criança, conturbando o desenvolvimento de uma personalidade mais autêntica e verdadeira. Como afirma Roussillon (1999), o tipo de sofrimento implicado nesses casos é melhor caracterizado por uma falta *a ser* (no sentido de um processo que não chegou a acontecer) do que por uma falta *no ser*.

Esse tipo de reflexão, uma das intuições mais originais e importantes para a clínica, levou os analistas a se perguntarem até que ponto o que acontece na análise decorre da repetição do antigo e em que medida concerne ao que jamais



foi vivido (Green, 2002, p.74). Winnicott trabalhou esta questão em 1963, em um artigo sobre o medo do colapso, no qual descreve a descoberta de uma experiência da ordem do impensável, referente ao colapso do estabelecimento do *self* unitário, presente nas organizações psicóticas. Para Winnicott, a enfermidade não é em si um colapso, mas uma organização defensiva contra a agonia impensável de um colapso que teria ocorrido antes da organização de defesas. “O medo clínico do colapso é *o medo de um colapso que já foi experienciado*” (Winnicott, 1963e, p.72), mas como o ego era imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro de sua área de onipotência pessoal, essa vivência não pôde ser realmente experienciada e, por isso, continua a atormentar o sujeito.

O paciente precisa ‘lembrar’ isto, mas não é possível lembrar algo que ainda não aconteceu, e esta coisa do passado não aconteceu ainda, porque o paciente não estava lá para que ela lhe acontecesse. A única maneira de ‘lembrar’, neste caso, é o paciente experienciar esta coisa passada pela primeira vez no presente, ou seja, na transferência. Esta coisa passada e futura torna-se então uma questão do aqui e agora, e é experienciada pelo paciente pela primeira vez. É este o equivalente do lembrar, e tal desfecho constitui o equivalente do levantamento da repressão que ocorre na análise do paciente psicanalítico (análise freudiana clássica) (Winnicott, 1963e, p.74).

O que aconteceu de fato no passado foi a morte enquanto fenômeno, ou seja, uma morte psíquica, mas como incidiu sobre um ego ainda débil, ela foi vivida como aniquilamento<sup>120</sup>. Apesar de não aceitar uma pulsão de morte, Winnicott, tal como Ferenczi, estava lidando com casos nos quais existia um verdadeiro fator operando no sentido contrário à vida psíquica, asfixiando-a. Mas, como foi visto, este fator não tem uma origem filogenética e sim ontogenética, ele deriva da depressão, ou loucura do ambiente. A compulsão à repetição significada a partir dessa ótica não é primariamente um impulso autodestrutivo, mas a busca de tornar real algo que ocorreu e não pôde ser experimentado. É como se o Eu lutasse para trazer a experiência para sua área de controle onipotente não só para controlá-la, mas, antes de tudo, para que ela possa ser simbolizada. Segundo Winnicott, a dificuldade é que o paciente tem horror do vazio e, como defesa, organizará um vazio controlado, paralisando algumas funções (como a alimentação ou a aprendizagem, por exemplo), ou então, impiedosamente buscando preencher o vazio por uma voracidade compulsiva e desenfreada, à semelhança de um comportamento aditivo. Ou

<sup>120</sup> “A morte, encarada desta maneira, como algo que aconteceu ao paciente que não era suficientemente maduro para experienciar, tem o significado de aniquilamento” (Winnicott, 1963e, p.75).

seja, o sujeito pode se constituir como um objeto morto, tal qual a mãe, ou, ao contrário, como artificialmente vivaz, na busca de animar, no sentido de dar vida, a mãe depressiva. A questão é que o vazio da resposta do objeto pode ser incorporado, deixando no Eu o traço de seu silêncio e da maneira como este quebrou o ímpeto pulsional anterior.

Estamos em uma bifurcação: de um lado, vemos a proposição freudiana da *pulsão de morte*, um demoníaco oriundo do fundo da alma, traumatizante e desorganizador; do outro, vemos a ênfase na *falha ambiental precoce*, também traumatizante e desorganizadora, conforme propôs Winnicott. A noção de *traumatismo*, utilizada por Freud, no encadeamento de seu pensamento em Além do princípio de prazer, como elemento intermediário de passagem do conceito de compulsão à repetição à proposição da pulsão de morte, é também um ingrediente fundamental no pensamento de Winnicott, e neste sentido pode ser tomado como a 'última estação' na qual os dois pensamentos se encontram antes da 'bifurcação'. A partir daqui, podemos reconhecer o fator anti-vida de um lado no conceito de pulsão de morte, e de outro na descoberta de uma mãe deprimida, na verdade uma mãe, ela sim, psiquicamente morta (Gurfinkel, 2001, pp. 266-7).

Segundo Winnicott, para compreender o medo do colapso é preciso pensar "não em traumas, mas em nada acontecendo quando algo poderia proveitosamente ter acontecido" (Winnicott, 1963, p.75). No cerne desta questão está, mais uma vez, uma mudança na concepção de trauma. Opera-se uma transição do traumatismo por excesso ao traumatismo em oco, ou seja, o trauma aí seria menos da ordem de um 'a mais' que de um 'a menos', conotando o que não teve lugar pela indiferença do objeto, afetando a organização dos processos de simbolização primária.

O trauma que pode vir a atingir a criatividade do *self* verdadeiro não é trauma por causa do não atendimento das demandas libidinais que o sujeito endereça ao outro (...). É trauma por causa do não atendimento das necessidades psicossomáticas que são pré-condições para o próprio endereçamento das demandas libidinais. É falta de algo que não deveria faltar. (...) Um trauma deste tipo traumatiza, portanto, não pela percepção de sua ameaça por parte do aparelho psíquico, nem por seus efeitos *a posteriori*, mas por seu efeito imediatamente destrutivo do desenvolvimento emocional da criatividade. Traumatiza na medida em que ataca a criatividade antes mesmo que qualquer processo defensivo entre em linha de consideração (Souza, 2007, p.337).

Nesses casos, como afirma Gurfinkel (2001), não se trata da memória de um buraco, mas de um buraco de memória. O universo transferencial, como sugere Roussillon (1999b), é então dominado pelas problemáticas da negatividade<sup>121</sup>. Nesse sentido, é interessante considerar como Winnicott, em uma sintonia muito próxima da de Ferenczi e Balint, concebe o trauma como

<sup>121</sup> Uma das primeiras pré-figurações psíquicas da morte é a perda da diferença e as formas de violência silenciosa da negatividade e do desligamento. Cf. Green, 1993, "Le travail du négatif".

uma experiência subjetiva em três tempos ( $X + Y + Z$ ), na qual o caráter traumático pode vir ou não a se concretizar a partir da resposta, ou ausência de resposta, do ambiente.

O sentimento de que a mãe existe dura  $x$  minutos. Se a mãe ficar distante mais do que  $x$  minutos, então a imagem se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas essa aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em  $x + y$  minutos. Em  $x + y$  minutos, o bebê não se alterou. Em  $x + y + z$  minutos, o retorno da mãe não corrige o estado alterado do bebê. O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizaram contra a repetição da 'ansiedade impensável' ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego (Winnicott, 1971, p.135-6).

Segundo Roussillon (1999b), que destrinchou esses três tempos, se um tempo  $X$  é ultrapassado, o excesso de excitação ameaça o aparelho psíquico de transbordamento, seja pela imaturidade de seus recursos, seja pela intensidade das quantidades em jogo. O psiquismo tenta ligar ou descarregar o afluxo de energia e fracassa. No tempo seguinte, o tempo  $X + Y$ , o esgotamento das soluções internas colocam o sujeito em um estado de desamparo. Duas soluções são, então, possíveis: se o desamparo é acompanhado de traços de memória de experiências de satisfação em relação ao objeto, ele se torna estado de falta e de esperança em relação à representação de um objeto de socorro. Se o objeto sobrevive ao desamparo e à falta, isto é, se ele traz a satisfação a tempo e apazigua a tensão, essa resposta será a base de uma relação na qual o objeto será amado em sua presença e odiado em sua ausência o que, portanto, constituirá um conflito ambivalente. Segundo Roussillon, forma-se, assim, um 'contrato narcísico' que servirá de base para o processo de socialização "fundado no reconhecimento da falta do outro, depois da falta do outro no outro, ele é *generativo* da relação de objeto e de sua organização triangulada" (p.18). Mas caso o objeto não se apresente, ou se sua resposta for muito insatisfatória, ou ainda se o preço a pagar pela ajuda do objeto exceder as capacidades do sujeito, o estado de falta degenera sob o efeito da raiva impotente que ele mobiliza e o desamparo se instala. No tempo  $X + Y + Z$  o estado de desamparo e falta dura um tempo  $Z$  para além do suportável e ocorre um estado traumático primário que pode ganhar tonalidades de uma agonia impensável. Tais estados de desamparo são experiências "de tensão e de desprazer sem representação (o que não quer dizer sem percepção e sem sensação), sem saída, isto é, sem recursos internos (estes foram esgotados) nem recursos externos (estes estão enfraquecidos), estados além da falta e da esperança" (Roussillon, 1999b, p.19).

Traumas dessa ordem ameaçam a organização psíquica e forçam a clivagem. Para sobreviver, o sujeito se retira da experiência traumática primária e cinde sua subjetividade, assegurando uma sobrevivência paradoxal, ele se descentra de si mesmo e se distancia da experiência subjetiva.

A reação ao trauma precoce ambiental configura, portanto, em Winnicott, a estruturação de uma clivagem da personalidade. Se o ambiente é demasiadamente decepcionante e intrusivo, o bebê é forçado a tomar conta de si mesmo; o que provoca um prematuro desenvolvimento egóico e acarreta um falso *self*, ou um *self* cuidador<sup>122</sup>. Como uma tentativa precária de simbolização, a parte clivada pode se tornar, tal como afirma Ferenczi<sup>123</sup>, adulta e auto-maternante, e o intelecto pode se organizar como uma defesa. A noção winnicottiana de falso *self* se insere nessa mesma lógica, como uma tentativa de proteger uma parte de si da agonia impensável e da morte. Qualquer que seja a solução encontrada, nesses casos o que está em questão é sempre um empobrecimento do eu.

Nunca é demais lembrar que não se trata da mesma clivagem evocada por Freud em 1937, a cisão de um eu dividido entre duas cadeias representativas incompatíveis entre si. Nesse sentido, a clivagem aqui em questão cinde o psiquismo entre uma parte representada e outra não representável, é uma clivagem *no* eu e *não do* eu. “Contudo, trata-se de uma clivagem da subjetividade, e a parte não representada é, no entanto, ‘psíquica’ e ‘subjetiva’ e como tal ela ‘deveria’ pertencer ao eu” (Roussillon, 1999b, p.21).

O aspecto paradoxal dessa defesa extrema se deve ao fato de que o eu se cliva de uma experiência ao mesmo tempo experimentada e não constituída como experiência do eu, o que suporia ter podido ser representada. De um lado, a experiência foi ‘vívda’ e portanto deixou ‘traços mnêmicos’ de sua experimentação

<sup>122</sup> O trabalho pioneiro de G. Haag (1985), a partir da observação de crianças autistas e crianças entre 4 - 10 meses, atesta um nível de integração corporal da relação mãe-bebê nas duas metades do corpo, uma sendo assimilada às funções maternas ou parentais e a outra ao papel do bebê (como uma auto-maternagem, porém muito primitiva e corporal). Esse estudo, entre outras coisas, aponta para o fato de que mecanismos de defesa de tipo auto-maternante podem ser observados bastante precocemente.

<sup>123</sup> “O homem abandonado pelos deuses escapa totalmente à realidade e cria para si um outro mundo no qual, liberto da gravidade terrestre, pode alcançar tudo o que quiser. Se até aqui esteve privado de amor, inclusive martirizado, desprende agora um fragmento de si mesmo que, sob a forma da pessoa dispensadora de cuidados, prestimosa, cheia de solicitude e amor, na maioria das vezes maternal, sente piedade da parte restante e atormentada da pessoa, cuida dela, decide por ela, e tudo isso com extrema sabedoria e uma inteligência penetrante. (...) um anjo da guarda por assim dizer. Esse anjo vê desde fora a criança que sofre, ou que foi morta (portanto, ele se esgueirou para fora da pessoa durante o processo de ‘fragmentação’), percorre o mundo inteiro em busca de ajuda, imagina coisas para a criança que nada pode salvar... Mas, no momento de um novo traumatismo, muito mais forte, o santo protetor deve confessar sua própria impotência e seus embustes bem intencionados à criança martirizada, e nada mais resta, nessa altura, senão o suicídio, a menos que, no derradeiro momento, se produza algo de favorável na própria realidade” (Ferenczi, 1931-2, p.117). Ferenczi, como também Winnicott, parece mostrar a importância de não se considerar qualquer manifestação clínica de busca de morte como autodestrutividade.

e ao mesmo tempo, de outro lado, não foi vivida e apropriada como tal na medida em que, como diz Winnicott, ela não foi posta 'no presente do eu', o que suporia que ela foi representada (Roussillon, 1999b, p.20).

A dificuldade está no fato de que o clivado também pode retornar, já que a clivagem não faz desaparecer os traços da experiência traumática primária, e como o clivado não é de natureza representativa, ele tende a retornar em ato, assemelhando-se a uma pulsão de morte. Cabe ressaltar, mais uma vez, que a manifestação da pulsão de morte para os autores que herdaram a sensibilidade ferencziana é menos direcionada à questão de um desamparo existencial frente à certeza da morte do que às manifestações da morte na vida, ou seja, da asfixia da vida psíquica. As noções de trauma, clivagem e repetição aqui implicadas não podem ser explicadas através da fantasia, do desejo, do processo de recalçamento ou da pulsão de morte.

Se observarmos com cuidado a seqüência do texto [Além do princípio de prazer], notamos que a proposição da pulsão de morte é um *passo adiante*, a partir da constatação da compulsão à repetição. A pergunta a ser feita é: este é um passo *necessário*, uma seqüência lógica do passo anterior? Penso que não: a partir da compulsão à repetição, poder-se-ia dar *um passo em outra direção*. A contribuição de Winnicott nos indica, aqui, *uma outra direção possível na gênese da compulsão à repetição*: a falha precoce da mãe-ambiente, anterior à emergência de um Eu e de um objeto distinguíveis (Gurfinkel, 2001, p.259).

Como foi visto no capítulo dois, ao excluir a idéia de uma dominância da pulsão de morte no psiquismo, a alternativa ferencziana para se pensar os quadros graves ligados à compulsão à repetição, que levaram Freud a conceber a pulsão de morte em todo indivíduo, será a de que traumatismos precoces simulam um caráter congênito. A repetição presente nesses casos é diferente da repetição neurótica, ela é resultado de fraturas imprevisíveis e irremediáveis, causadas pela ação destrutiva do ambiente. Trata-se de impasses e fracassos no contato com os primeiros objetos. De certa forma, Ferenczi e Winnicott vão traduzir, em termos intersubjetivos, a idéia de uma crise da capacidade de ligação, exposta por Freud, em termos intrapsíquicos, em *Além do princípio de prazer*<sup>124</sup>. Isto é, para eles, como afirma Figueiredo (2003), são as operações (de mediação, ligação e separação) efetuadas no início da vida pelos 'objetos' que permitem integrar os circuitos pulsionais e levar ao efetivo desenvolvimento as funções simbólicas e da linguagem. Esse tipo de operação teria faltado nos

<sup>124</sup> Em 1920, Freud faz os últimos acréscimos a sua teoria do trauma com a idéia de uma ruptura do sistema pára-excitação por excesso quantitativo de excitação, abatendo o princípio de prazer e ameaçando o aparelho psíquico de implosão. Com o rompimento do escudo protetor contra os estímulos e a saída de cena do princípio de prazer, a compulsão à repetição se instala na busca de neutralizar a ação devastadora do excesso de energia através da ligação com representações.

pacientes que tiveram a continuidade de sua existência interrompida precocemente (trauma), como os pacientes falso *self* (Winnicott) e falha básica (Balint).

Não haveria assim nenhum aspecto em si integrativo, ou não integrativo, na pulsão. É o fracasso do ambiente no processo da integração que traz algo de mortífero para a vida, pois o que não pode ser ligado pelo psiquismo se volta contra si mesmo, se torna uma ameaça. Roussillon (2000, p.82) utiliza o exemplo freudiano dos protistas para elucidar isso. Segundo Roussillon, a metáfora biológica de *Além do princípio de prazer* possibilita a Freud pôr em cena uma representação primária do psiquismo, o que não era possível de ser feito, com clareza, a partir da metapsicologia da época. O protista é ameaçado pelo que dele próprio, seus dejetos, não pode ser integrado e metabolizado. No entanto, diz Freud, uma intervenção externa, de um objeto, permite purificar a água dos dejetos, ambiente no qual o protista ameaçava degenerar-se. Assim, segue Roussillon, a criança, num primeiro momento, não pode introjetar a integralidade dos movimentos pulsionais. E o que ela não pode integrar, ameaça o processo de integração e se volta contra si mesma. É o que da pulsão não pode ser introjetado e, assim, ligado pelo psiquismo, que se torna ameaçador. Aí a pulsão não é de morte, ela se torna de morte pelo fracasso de sua integração.

No desenvolvimento humano, a imaturidade da sexualidade infantil implica assim uma função do ambiente, uma função 'purificadora' do ambiente ou, se tomamos o problema pelo outro lado, uma função pára-estimulante do ambiente. O que o psiquismo infantil não pode integrar da excitação pulsional deve ser tratado pelo ambiente, seja *a posteriori*, caso a experiência de excesso já tenha acontecido, seja antes, por uma proteção ativa, e isso enquanto uma organização suficientemente complexa não tenha acontecido, o que seria o terceiro tempo. A pulsão não comporta perigo em si mesma, ela se torna perigosa quando ela excede as capacidades de tratamento da dupla formada pela criança e seu ambiente (Roussillon, 2000, p.83).

Nessa perspectiva, a dinâmica entre vida e morte psíquica depende sobretudo do resultado da relação com os primeiros objetos. As defesas narcísicas entram em jogo quando a função purificadora ou imunizadora (para empregar o termo usado por Ferenczi) do ambiente fracassa. Ou seja, o importante a ser frisado é que se a pulsão ameaça o eu, este, por sua vez, tentará matar a pulsão. Assim, em seu esforço para se proteger da ameaça de morte contínua da excitação pulsional, é do eu que virá, dessa vez, a ameaça de morte. O eu se torna agente de despulsionalização, criando modos de ligação não simbólica da excitação pulsional, visando sua extinção.

Nesse sentido, dizer, como Freud, que os mecanismos das pulsões de

vida e morte são a ligação e o desligamento é insuficiente. Segundo Green, essa afirmação deve ser complementada pela idéia do conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte, considerado em termos de uma função objetalizante (a ligação enquanto uma objetalização da libido), cuja consequência principal é a simbolização, e outra desobjetalizante (o desligamento, implicando um desinvestimento, uma desobjetalização). No desligamento, todos os substitutos do objeto são atacados, como o eu, por exemplo, e o próprio investimento.

Isto não apenas significa que seu papel [função objetalizante] é de criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas que ela se revela capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está mais diretamente em questão. (...) Este processo de objetalização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica, de maneira tal que, no limite, é o próprio investimento que é objetalizado (Green, 1988, pp.64-65).

Green chama atenção para o fato de o objeto ser o catalisador da ligação<sup>125</sup>. Aqui, diferentemente das teorias da relação objetal que se concentraram demais no objeto em si, o que é enfatizado é a função implicada, ou seja, a possibilidade de transformação das estruturas psíquicas em objetos tornados propriedades do sujeito. A questão é que, se a vida da criança depende dos cuidados do objeto, este deve, ao mesmo tempo, estimular e conter a atividade pulsional, oferecer-se e se recusar enquanto objeto de prazer. Se o objeto é o que torna a excitação suportável ele é, segundo Green, o revelador das pulsões.

Ele não as cria – e sem dúvida podemos dizer que é criado por elas, pelo menos em parte – mas é a condição de seu vir a existir. E é através desta existência que ele mesmo será criado ainda que já estando lá. É esta a explicação da idéia de Winnicott do encontrar-criar (Green, 1988, p.64).

Em toda essa discussão, o foco é menos o da natureza das pulsões e mais o da forma como elas são organizadas pelo Eu. O que está em jogo é a possibilidade de conceber a pulsão como experiência do próprio sujeito. Na clínica, isso será traduzido por uma priorização da idéia de continente<sup>126</sup> e não de conteúdo psíquico (Souza, 2001b). Ou seja, trata-se de formar um continente para que a busca desejante, interrompida ou mesmo impedida de existir, seja possível. Em outras palavras, trata-se de refletir sobre a ação psíquica do que

<sup>125</sup> “O objeto é o agente que opera a função objetalizante no sujeito. Esta é a expressão da pulsão sexual que, segundo Freud, é a função que permite reconhecer o Eros da pulsão de vida ou pulsão de amor por seu indício, a libido” (Green, 1984, p.246).

<sup>126</sup> Aqui estou fazendo um uso mais livre da idéia de continente, próximo do *holding* winnicottiano. Contudo, a idéia de ‘continente/conteúdo’, em Bion, e a de *holding*, em Winnicott, embora muitas vezes consideradas quase sinônimas, devem ser diferenciadas. Para tanto, conferir o excelente artigo de Ogden (2006) “Maintenir et contenir, être et réver”.

não foi ou não pôde ser historicamente representado e sobre os meios de retomar, no aqui e agora, o trabalho de simbolização entravado. Isso porque as atividades de representação e simbolização primárias são fundamentalmente intersubjetivas e, assim, subordinadas à qualidade e condição da relação. Roussillon (2005b) lembra que ao dizer a sua paciente, Margaret Little, que a mãe dela era caótica, o objetivo de Winnicott não era culpabilizar a mãe, designando-a como objeto mau, e sim permitir que a paciente não sentisse seu caos interno como o simples efeito de uma pulsão anárquica e desorganizadora, restituindo assim a perspectiva de uma dimensão objetal perdida na regressão narcísica confusional.

Como se pode ver, com a ultrapassagem da oposição pulsão/objeto, também se opera uma desconstrução da oposição entre a clínica da interpretação e a do *holding*. Em Freud, as ligações estabelecidas para constituir a atividade pulsional não implicam nenhuma interferência do objeto no processo. A simbolização em Freud é um processo inato e universal que se observa nos sonhos. Trata-se de uma característica inerente ao aparelho psíquico, a de possuir propriedades transformadoras. Em Freud, “se a interpretação psicanalítica é possível é porque ela opera sempre sobre o já interpretado” (Green, 1984, p. 242). Ou seja, a interpretação do analista sempre dissolve uma interpretação anterior<sup>127</sup>. Além disso, na clínica ortodoxa da interpretação, o objeto não possui qualidades. Basicamente, a diferença entre a análise clássica interpretativa e a análise do *holding* é que, na primeira, o eu é um aliado que se encarrega do trabalho de síntese, às vezes até excessivamente, e o trabalho é o de desmontagem, decomposição. Já na segunda, o eu não chegou a estabelecer defesas elaboradas, muitas vezes ele estabeleceu falhas na possibilidade de constituição dessas defesas. Nestes casos, a interpretação deve dar conta de algo a mais, além da decomposição, ela deve ser uma criação conjunta, baseada na imaginação e mesmo na capacidade de síntese e de ligação do analista (tal como o meio deveria ter podido funcionar). Hoje é possível conceber ambos os processos, com predomínio de um ou outro, em um mesmo paciente. “A dimensão do ‘aqui-e-agora-comigo’ se articula com o ‘lá-outrora-com-um-outro’”. Além disso, a interpretação não é apenas decifração, mas também poiesis, criação de sentido” (Urribarri, 2006, p.665). A partir de Winnicott, a tarefa do analista consiste também em dar tempo ao paciente para constituir e articular seu mundo interno no espaço potencial da situação analítica,

---

<sup>127</sup> Neste sentido, apesar de sua reformulação da teoria pulsional, a perspectiva de Laplanche permanece bastante próxima da de Freud.



cujas potencialidades são, em grande parte, criadas pelo próprio analista.

Restabelecer, na relação de si consigo mesmo, o impacto e a forma do que foi a resposta histórica do primeiro objeto-espelho, permite reencontrar o movimento inicial e lhe fornecer uma nova chance de receber, na relação presente, outro tipo de resposta à 'mensagem' dirigida ao objeto pelo movimento pulsional. (...) Winnicott nos convida a pensar que, ao lado das funções tradicionalmente reconhecidas por Freud à pulsão, deve-se talvez acrescentar uma função a mais. Eu diria, na falta de outra melhor, e sem estar completamente satisfeito com esta fórmula, que a pulsão tem também uma função mensageira (Roussillon, 2005b, p.75).

Diferentemente de Laplanche, portanto, para quem a pulsão encontra sua origem nas mensagens enigmáticas dos adultos, na perspectiva de Winnicott, a questão da fonte da pulsão (corporal ou não) não é muito problematizada, o que é valorizado é a possibilidade de apropriação subjetiva da pulsão. Fica, contudo, a questão de se a pulsão precede as interações sensoriais da criança com o ambiente ou se estas experiências é que virão posteriormente integrar a pulsão.

## 5 Conclusão

Ao longo da história da psicanálise, Freud foi freqüentemente criticado por sustentar a idéia de um psiquismo solipsista, uma espécie de mundo interior dominado pelas pulsões. Nesse modelo, era como se as transformações pulsionais pudessem ser as únicas responsáveis pelo funcionamento, ou disfuncionamento, mental. Com Melanie Klein, o papel desempenhado pelo outro foi incluído nessa dinâmica, mas Klein solucionou o problema apenas em parte, já que permaneceu quase exclusivamente centrada no mundo dos objetos internos. Diferentemente de Freud e Klein, a partir de Winnicott, há a idéia de que o psiquismo não se constrói somente de dentro, mas na interseção entre o dentro e o fora, implicando uma reformulação do papel das pulsões.

As tentativas frustradas de Ferenczi de lidar clinicamente com a compulsão à repetição já haviam aberto o caminho para um novo campo possível de trabalho clínico, além das psiconeuroses. Tanto em Ferenczi como em Winnicott, a reformulação da teoria clássica freudiana da pulsão não só alterou a forma de se pensar a clínica, como também a concepção a respeito da constituição da subjetividade. Ao abordar questões mais globais relativas à experiência humana, e não apenas ao funcionamento interno de um aparelho psíquico, ao descrever relações entre pessoas, e não entre instâncias psíquicas em conflito, a psicanálise modificou-se de forma importante. Pode-se dizer que o remanejamento da psicanálise trazido pelos autores das teorias da relação de objeto, seguindo a trilha aberta por Ferenczi, é a consequência da transformação da psicanálise para que ela se aplique aos distúrbios limites da personalidade ou a situações limites de qualquer análise, levando-a a explorar zonas do psiquismo não regidas pela representação. Se, em Freud, o modelo implícito da neurose é fundado sobre a perversão (a neurose como negativo da perversão), hoje, cada vez mais, o modelo implícito da neurose (e da perversão) é baseado na psicose, seguindo, aliás, o que já se esboça na última parte da obra de Freud. Mas, como afirma Green (1975), não se trata de dizer que toda neurose se inscreve sobre uma psicose subjacente, e sim que o interesse dos psicanalistas se volta menos para as fantasias perversas das neuroses do que pelos mecanismos de defesa psicóticos que podem estar presentes de forma subterrânea mesmo nos neuróticos. Nesse sentido, pode-se dizer que o pensamento clínico contemporâneo trabalha menos com a idéia de estrutura e mais com a idéia de

gradiente. Um paciente neurótico pode apresentar defesas arcaicas, acionando mecanismos autísticos ou psicóticos diante de certas situações que extrapolam a sua capacidade simbólica. Afinal, como dizia Winnicott, os estágios iniciais jamais são verdadeiramente superados e abandonados, e em um indivíduo de qualquer idade, podem ser encontrados todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias. Dessa forma, certas vivências são capazes de desencadear uma defesa mais arcaica mesmo supondo um início suficientemente bom. Ainda segundo Winnicott, a análise deve alcançar a loucura do paciente, ainda que o diagnóstico continue sendo o de neurose, e não o de psicose.

Com essa mudança de foco, a metapsicologia cedeu lugar a uma aproximação mais fenomenológica e psicológica do sofrimento, com ênfase na qualidade da experiência emocional, o que muitas vezes foi criticado como uma espécie de retorno à psicologia pré-psicanalítica. Contudo, pode-se dizer que há um movimento comum na psicanálise contemporânea, uma tendência, em direção a descrições na primeira pessoa, ou seja, à experiência e sua corporeidade. Dizer que a metapsicologia, em certa medida, perdeu seu alcance enquanto fundamentação da prática psicanalítica significa que o caráter inabalável do poder transformador do inconsciente, baseado no modelo do sonho, foi questionado e que o objeto externo ganhou um papel maior na teoria e na clínica. Isso não implica na perda do valor das proposições fundamentais de Freud a respeito do intrapsíquico, apenas não é mais possível pensar o intrapsíquico sem a idéia de 'uma exigência de trabalho imposta ao psiquismo' através de sua ligação com o intersubjetivo. Muitas tentativas de renovação do campo psicanalítico através da via metapsicológica foram feitas. Considerarei importante privilegiar as que tentaram ultrapassar a oposição entre a metapsicologia e a teoria da relação de objeto, entre o que Freud inaugurou e o que Ferenczi e Winnicott souberam modificar e acrescentar. A mudança de foco trazida por eles se opera na transição do meramente pulsional ou objetal para as condições do trabalho de simbolização, no qual as duas dimensões podem ser abarcadas.

Mais precisamente, em relação à pulsão, cabe lembrar que se trata de uma construção teórica que se propõe dar conta de um efeito, ou seja, de algo basal no ser humano que tem o efeito análogo a uma pulsão, de algo arredo que impulsiona para a ação. A partir de Winnicott, a noção não perdeu completamente sua força, ela é mantida, mas em um sentido fraco, sendo necessário repensar todos os elementos que estão em jogo e concebê-la como

se constituindo na história e, desse modo, resultando de uma organização conjunta, de um jogo de investimentos. A psicanálise contemporânea se propõe explorar essas dimensões em conjunto, pulsão e objeto, interno e externo, para além do modelo freudiano e das definições da primeira tópica (fonte, objeto, meta, pressão), concentrando-se mais nas idéias de tendência à ligação e ao desligamento da segunda tópica. Contudo, diferentemente de Freud, essas tendências são consideradas como intrinsecamente associadas ao resultado da articulação da pulsão com os objetos primários e, se toda ligação ou desligamento depende do objeto, de sua função simbolizante, então o lugar do conceito de pulsão nessa teoria e clínica é forçosamente um lugar mais nuançado se comparado com a teoria clássica freudiana.

Toda essa temática vem sendo discutida há muitas décadas, mas, como se sabe, o trabalho perlaborativo é lento, e apenas recentemente assiste-se a uma tomada de consciência global dessa mudança e a emergência de um modelo psicanalítico contemporâneo mais abrangente, à parte dos grandes dogmatismos pós-freudianos, como a psicologia do ego, o kleinismo e o lacanismo. Pode-se dizer que, hoje, grande parte da psicanálise caminha no sentido de um Grupo do Meio mas isso não necessariamente implica um solo comum bem definido. Defende-se o ideal de um analista poliglota<sup>128</sup>, capaz de compreender numerosas escolas de pensamento analítico. Essa perspectiva contemporânea é, portanto, bastante pluralista e ainda aguarda atingir sua maturidade. Há um importante trabalho de organização e aprofundamento dos diversos modelos disponíveis a ser feito para que o exercício da psicanálise não venha a tornar-se, mesmo que de forma criativa e útil, uma espécie de improvisação. Pois não se trata apenas de pensar que a psicanálise deve usar diferentes técnicas e diferentes pensamentos clínicos quando diante de quadros patológicos distintos, mas também de rever o posicionamento acerca das bases que sustentam a troca analítica.

---

<sup>128</sup> "Cada freudiano deve ser assim potencialmente um kohutiano, um kleiniano, um winnicottiano, um lacaniano e um bioniano, na medida em que cada uma dessas escolas reflete uma certa perspectiva analítica limitada" (Bollas, 1996, p.134).

## 6

### Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.
- ABRAHAM, K. **Teoria psicanalítica da libido** (1924). Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ALBY, J.-M. Être anglais et psychanalyste. In: CLANCIER, A. e KALMANOVITCH, J. **Le paradoxe de Winnicott**. Paris: In Press Éditions, 1999, pp. 155-159.
- ANDRÉ, J. L'amour vient d'en bas. In : CYSSAU et al (org) **La nature humaine à l'épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006, pp. 15-22.
- ANZIEU, D. Le corps de la pulsion. In: Ouvrage Collectif. **La pulsion pour quoi faire?** Paris: Débats, Documents, Recherches de l'Association Psychanalytique de France, 1984, pp. 53-68; 73-76.
- ANZIEU-PREMMEREUR, C. Que sont devenues les pulsions ? Histoire des débats américains autour de la métapsychologie. In: DURIEUX, M. (dir.) ; FINE, A. (dir.). - **Sur les controverses américaines dans la psychanalyse**. Paris: PUF, 2000, pp. 23-35
- AVELLO, J. J. Au-delà de la pulsion de mort : la théorie pulsionnelle de Sándor Ferenczi dans le Journal Clinique In: **Le Coq-Héron, Ferenczi à Madrid : pulsion de mort, identification à l'agresseur, transfert et contre-transfert**, n 149, 1998, pp. 3-12.
- \_\_\_\_\_. La métapsychologie chez Ferenczi : pulsion de mort ou passion de mort ? In: **Le Coq-Héron, Ferenczi et la psychanalyse contemporaine**, n154, 1999, pp 17-25.
- ASSOUN, P.L. Le symptôme humain : Winnicott a-métapsychologue. In: CYSSAU et al (org) **La nature humaine à l'épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006, pp. 61-78.
- BALINT, M. Critical notes on the theory of the pregenital organisations of the libido (1935). In: BALINT, M. **Primary love and psycho-analytic technique**. Londres: Karnac, 1994, pp. 49-72.
- \_\_\_\_\_. Early developmental states of the ego. Primary object-love (1937). In: BALINT, M. **Primary love and psycho-analytic technique**. Londres: Karnac, 1994, pp. 90-108.
- \_\_\_\_\_. Pleasure, object and libido (1956). In: BALINT, M. **Problems of human pleasure and behavior**. New York: Liveright, s/d, pp 281-91.
- \_\_\_\_\_. **Thrills & Regressions** (1959). Londres: Karnac, 1987.

- \_\_\_\_\_. **A falha básica** (1967). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- \_\_\_\_\_. Trauma et relation d'objet (1969). In: RICAUD, M.M. **Michael Balint, le renouveau de l'École de Budapest**. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2000, pp. 270-282.
- \_\_\_\_\_. Prefácio do doutor Balint (s/d). In: FERENCZI, S. **Obras completas, Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. IX-XII.
- BARANES, J. J. Devenir soi-même : avatars et statuts du transgénérationnel. In : KAES R. et Coll. - **Transmission de la vie psychique entre générations**. Paris: Dunod, 1993, pp. 170-190.
- BARBARAS, R. et al. (dir) La Pulsion, In: **Alter revue de phénoménologie**, numéro 9, Éditions Alter, 2001.
- BASS, A. A dialogue with Hans Loewald: the two realities. In: BASS, A. **Difference and disavowel: the trauma of Eros**. Stanford: Stanford University Press, 2000, pp. 91-145.
- BERTRAND et al. **Ferenczi: patient et psychanalyste**. Paris: L'Harmattan, 1994.
- BEZERRA Jr., B. Winnicott e Merleau-Ponty: o continuum da experiência subjetiva. In: BEZERRA Jr., B. e ORTEGA, F (orgs) **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007, pp.35-65.
- BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BOKANOWSKI, T. (dir.) **Revue Française de Psychanalyse – monographies Sándor Ferenczi**. Paris: PUF, septembre 1995.
- BOLLAS, C. **Les forces de la destinée**. Paris: Calmann-Lévy, 1996.
- BOTELLA, C. Enjeux pour une psychanalyse de demain. In : Richard, François et Urribari, Fernand (dir) **Autour de l'œuvre d'André Green**. Paris: PUF, 2005, pp. 11-31.
- BRABANT, E. et al. (ed) **Correspondance Sigmund Freud – Sándor Ferenczi (1914-1919)**. Paris: Calmann-Lévy, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Correspondance Sigmund Freud – Sándor Ferenczi (1920-1933) Les années douloureuses**. Paris: Calmann-Lévy, 2000.
- BUCHENAU, S. Trieb, Antrieb, Triebfeder dans la philosophie morale prékantienne. In : **TRIEB : tendance, instinct, pulsion Revue Germanique Internationale**. Paris: PUF, 18/2002, pp.11-24.
- BUCKLEY, P. (org) Introdução. In: **Essential papers on object relations**. Nova York: New York University Press, 1986.
- CHERTOK, L. e STENGERS, I. **O coração e a razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

- CLANCIER, A. e KALMANOVITCH, J. **Le paradoxe de Winnicott**. Paris: In Press Éditions, 1999.
- COSTA, J.F. Balint e o amor. In: COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, pp. 105 -130.
- \_\_\_\_\_. Playdoier pelos irmãos. In: KEHL, M.R. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 7 – 30.
- \_\_\_\_\_. A comédia do demônio sexual. In: COSTA, J. **O vestígio e a aura** Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 25-54.
- \_\_\_\_\_. O uso do corpo como objeto transicional. In: COSTA, J.F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 89-127.
- COUTINHO JORGE, M.A. A pulsão de morte. In: **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n 26, out 2003, pp. 23-40.
- CUPA, D. **Tendresse et cruauté**. Paris: Dunod, 2007.
- CYRULNIK, B. e MORIN, E. **Dialogue sur la nature humaine**. Paris: L`Aube, 2000.
- CYSSAU, C. Quelque chose fuse. Un tri s`effectue. In: CYSSAU et al (org) **La nature humaine à l`épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006, pp. 39-60.
- DAVID-MÉNARD Human Nature ou Human Condition? In: CYSSAU et al (org) **La nature humaine à l`épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006, pp. 159-164.
- \_\_\_\_\_. Les pulsions caractérisées par leur destins: Freud s`éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb? In : **TRIEB : tendance, instinct, pulsion Revue Germanique Internationale**. Paris: PUF, 18/2002, pp. 201-220.
- DAVIS, M. e WALLBRIDGE, D. **Limite e espaço**. Rio de Janeiro: Imago,1982.
- DAVIS, M. Destruction as an achievement in the work of Winnicott. In: **Winnicott studies**, No 7, London: Karnac Books, 1993, pp. 85-92.
- DIAS, E.O. **A teoria do amadurecimento pessoal de D.W.Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DUARTE, L. F. **A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente**, Texto relativo a palestra "Somos todos pós-românticos?", CCB / Rio de Janeiro, 24 a 27 de setembro de 2002.
- DUPARC, F. La pulsion et l`amour impitoyable. In : DUPARC, F. (dir). **Winnicott en quatre squiggles**. Paris: In Press, 2005, pp. 138-148.
- DUPONT, J. Prefácio. In : FERENCZI, S. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1985, pp. 11-27.

\_\_\_\_\_. Les notes brèves de Sándor Ferenczi. In : **Le Coq-Héron, Ferenczi à Madrid : pulsion de mort, identification à l'agresseur, transfert et contra-transfert**, n 149, 1998, pp. 69-83.

\_\_\_\_\_. Introduction : un trauma précoce du mouvement psychanalytique. In : BRABANT, E. **Correspondance Sigmund Freud – Sándor Ferenczi (1920-1933) Les années douloureuses**. Paris: Calmann-Lévy, 2000, pp. xiii-xxxviii.

DURIEUX, M-C. e FINE, A. (dir) **Sur les controverses américaines dans la psychanalyse**. Revue Française de Psychanalyse. Paris: PUF, 2000.

FAIRBAIRN, R. O recalamento e a reparaçãõ dos objectos maus (com especial referênciã às neuroses de guerra) (1943). In: FAIRBAIRN, R. **Estudos psicanalíticos da personalidade**. Lisboa: Editorial Veja, s/d, pp. 83-110.

FÉDIDA, P. **Clínica psicanalítica: estudos**. São Paulo: Escuta, 1988.

FERRARI, P. Le concept de pulsion est-il compatible avec les données de la biologie moderne? In : STENGERS, I (et al) **L'homme. La psychanalyse avait-elle raison?** Grenoble: Ed. La pensée sauvage, 1994, pp. 85-96.

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios (1913). In: **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 39-54.

\_\_\_\_\_. Dificuldades técnicas de uma análise de histeria (1919), In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 1-8.

\_\_\_\_\_. Prolongamentos da "técnica ativa" em psicanálise (1921), In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp.109-126.

\_\_\_\_\_. Perspectivas da psicanálise (1924), In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 225-240.

\_\_\_\_\_. Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade (1924), In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 255-326.

\_\_\_\_\_. Contra-indicações da técnica ativa (1926), in: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 365-376.

\_\_\_\_\_. O problema do fim da análise (1928a). In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp.15-24.



- \_\_\_\_\_. Elasticidade da técnica psicanalítica (1928b). In: FERENCZI, S. FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 25-36.
- \_\_\_\_\_. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929). In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 47-52.
- \_\_\_\_\_. Princípio de relaxamento e neocatarse (1930a). In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 53-68.
- \_\_\_\_\_. O tratamento psicanalítico do caráter, (1930b). In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 215-222.
- \_\_\_\_\_. Análises de crianças com adultos (1931), In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 69-83.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre o trauma (1931-2). In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 109-118.
- \_\_\_\_\_. Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933). In: FERENCZI, S. **Sándor Ferenczi: Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 97-106.
- \_\_\_\_\_. **Diário clínico** (1932). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FIGUEIREDO, L-C. Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais, ou a chamada pulsão de morte. In: FIGUEIREDO, L-C. **Elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2003, pp. 127-158.
- \_\_\_\_\_. **Confiança. A experiência de ‘confiar’ na clínica psicanalítica e no plano da cultura**. Revista Brasileira de Psicanálise, 2008 (no prelo).
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1892-1899). In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 309-11.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria; Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. ESB Vol VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 119-231.
- \_\_\_\_\_. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos. ESB Vol XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 217-228.
- \_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente**. Volume 1. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp.63-78.

- \_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: FREUD, S. **O caso Schreber e artigos sobre técnica. ESB Vol XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.125-133.
- \_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento (1913). In: FREUD, S. **O caso Schreber e artigos sobre técnica. ESB Vol XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.139-158.
- \_\_\_\_\_. À Guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente.** Volume 1. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp.95-132.
- \_\_\_\_\_. A História do Movimento Psicanalítico (1914b). In: FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. ESB Vol XIV.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 18-73.
- \_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar (1914c). In: FREUD, S. **O caso Schreber e artigos sobre técnica. ESB Vol XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.163-171.
- \_\_\_\_\_. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente.** Volume 1. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp.133-174.
- \_\_\_\_\_. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente.** Volume 2. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 99-122.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer (1920). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente.** Volume 2. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 123-198.
- \_\_\_\_\_. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente.** Volume 3. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007, pp. 13-92.
- \_\_\_\_\_. Dois verbetes de enciclopédia (1923b). In: FREUD, S. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. ESB Vol XVIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp 253-274.
- \_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924). In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do Inconsciente.** Volume 3. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007, pp. 103-124.
- \_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência (1912b). In: FREUD, S. **O caso Schreber e artigos sobre técnica. ESB Vol XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.111-119.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 231-270.
- \_\_\_\_\_. Construções em análise (1937b). In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 275-287.

\_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise (1938). In: FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. ESB Vol XXIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 157-221.

FULGÊNCIO, L. Notas sobre o abandono do conceito de pulsão na obra de Winnicott. In: **Winnicott e-prints** site: <http://www.cle.unicamp.br/winnicott-e-prints/texts.htm> Vol. 5, n. 1, 2006, eletronic version–ISSN 1679-432X

GODDARD, J-C. (org) **La pulsion**, Paris, Vrin, 2006.

GOLDSCHMIDT, G-A. **Quand Freud voit la mer : Freud et la langue allemande I** (1988). Paris: Buchet/Chastel, 2006.

GOLSE, B. Apego e psicanálise: impacto sobre o encontro com os bebês e com os adolescentes. In: GOLSE, B. **Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, pp. 141-165.

\_\_\_\_\_. La pulsion d'attachement, un concept stimulant dans le débat entre théorie des pulsions et théorie de la relation d'objet. In: **Perspectives Psy**, volume 43, n4, 2004, pp.261-268.

\_\_\_\_\_. **L'être-bébé.** Paris: PUF, 2006.

GOULD, S.J. Freud's evolutionary fantasy In: GOULD, S.J. **I have landed: the end of a beginning in natural history.** New York: Harmond Books, 2002, pp.147-158.

GREENBERG, J.R. e MITCHELL, S.A. **Relações objetais na teoria psicanalítica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GREEN, A. L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique (1974). In: **La folie privée.** Paris: Gallimard, 1990, pp. 73 - 119.

\_\_\_\_\_. La psychanalyse, son objet, son avenir (1975). In : **Propédeutique : La métapsychologie revisitée.** Seyssel: Champ Vallon, 1995, pp. 185-210.

\_\_\_\_\_. La royauté appartient à l'enfant. In: **L'Arc**, No 69, 1977, p. 4-12.

\_\_\_\_\_. A mãe morta. In: **Narcisismo de vida, Narcisismo de morte.** São Paulo: Escuta, 1988, pp. 247 - 282.

\_\_\_\_\_. L'objet et la fonction objectalisante (1984). In : **Propédeutique : La métapsychologie revisitée.** Seyssel : Champ Vallon, 1995, pp. 229 - 266.

\_\_\_\_\_. La représentation de chose entre pulsion et langage (1987) In : **Propédeutique : La métapsychologie revisitée.** Seyssel : Champ Vallon, 1995, pp. 109-124.

\_\_\_\_\_. La pulsion et l'objet (1988). In : **Propédeutique : La métapsychologie revisitée.** Seyssel : Champ Vallon, 1995, pp. 13-32.

- \_\_\_\_\_. De l'objet non unifiable à la fonction objectalisante (1990). In : **Propédeutique : La métapsychologie revisitée**. Seyssel : Champ Vallon, 1995, pp. 211-228.
- \_\_\_\_\_. La pulsion dans les écrits terminaux de Freud (1991-94). In : **Propédeutique : La métapsychologie revisitée**. Seyssel : Champ Vallon, 1995, pp. 33-50.
- \_\_\_\_\_. Le tournant des années folles. In: **La folie privée**. Paris: Gallimard, 1990, pp. 9-33.
- \_\_\_\_\_. **Le travail du négatif**. Paris: Éd de Minuit, 1993.
- \_\_\_\_\_. **La causalité psychique: entre nature et culture**. Paris: Odile Jacob, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Les chaînes d'éros: l'actualité du sexuel**. Paris: Odile Jacob, 1997.
- \_\_\_\_\_. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: WIDLÖCHER et al. **Pulsão de morte**. São Paulo, Escuta, 1998, pp. 57-68.
- \_\_\_\_\_. **André Green at the Squiggle Foundation**. London: Karnac Books, 2000.
- \_\_\_\_\_. La mort dans la vie. In: GUILLAUMIN et al (org.). **L'invention de la pulsion de mort**. Paris: Dunod, 2000, pp. 161-184.
- \_\_\_\_\_. **La pensée clinique**. Paris: Odile Jacob, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine**. Paris: PUF, 2002b.
- \_\_\_\_\_. Winnicott at the start of the new millennium. In: CALDWELL, L. (ed). **Sex and sexuality: winnicottian perspectives**. Londres: Karnac, 2005a, pp.11-31.
- \_\_\_\_\_. Le mouvement, la tierceité et le négatif. In: DUPARC, F. (dir). **Winnicott en quatre squiggles**. Paris: In Press, 2005b, pp. 149-164.
- \_\_\_\_\_. **Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort ?** Paris: Panama, 2007.
- GRIBINSKI, M. Dans un monde qui ne veut rien. In: CYSSAU et al (org) **La nature humaine à l'épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006, p. 23-38.
- GROSSKURTH, P. **O mundo e a obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GUNTRIP, H. My experience of analysis with Fairbairn and Winnicott (how complete does psycho-analytic therapy achieve?). In: BUCKLEY, P. (org) **Essential papers on object relations**. Nova York: New York University Press, 1986.

- GURFINKEL, D. **Do sonho ao trauma: psicossoma e adições**. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2001.
- HAAG, G. La mère et le bébé dans les deux moitiés du corps. In: **Revue Neuropsychiatrie de l'enfance**, no 33 (2-3), 1985, pp. 107-114.
- HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário comentado do alemão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAYNAL, A. **La technique en question: controverses en psychanalyse**. Paris: Payot, 1987.
- HOCK, U. Laplanche Trieb. In: La pulsion et le destin **Libres cahiers pour la psychanalyse**. Paris: In press, 2007, pp.73-84.
- HOUAISS, A e VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.
- HUGHES, J.M. **Reformulando o território analítico: o trabalho de Melanie Klein, W.R.D. Fairbairn e D.W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- KHAN, M. Être en jachère. In: **L'Arc**. No 69. Paris, 1977, pp. 52-57.
- \_\_\_\_\_. Frustrer, reconnaître et faire défaut dans la situation analytique. In: Pontalis, J.-B. (diretor) **L'idée de Guérison**. Nouvelle Revue de Psychanalyse, No 17. Paris: Gallimard, 1978, pp. 115-138.
- \_\_\_\_\_. Orgasme du moi dans l'amour bisexuel. In: KHAN, M. **Figures de la perversion**. Paris: Gallimard, 1981, pp. 229-242.
- \_\_\_\_\_. Introduction to holding and interpretation. In: Winnicott, D.W. **Holding and interpretation: fragment of an analysis**. New York: Grove Press, 1989, pp.1-18.
- KING, P. e STEINER, R. **As controvérsias Freud-Klein – 1941-45**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- KLEIN, M. A contribution to the psychogenesis of the manic-depressive states. In: BUCKLEY, P. (org) **Essential papers on object relations**. Nova York: New York University Press, 1986.
- KOHON, G. Introdução. In: KOHON, G. **A escola britânica de psicanálise: the middle group; a tradição independente**. Porto Alegre: Artes médicas, 1994, pp. 17-60.

LACAN, J. Le transfert et la pulsion (1964). In: **Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1973, pp. 139-226.

LAPLANCHE, J. La pulsion et son objet-source, son destin dans le transfert. In: Ouvrage Collectif. **La pulsion pour quoi faire?** Paris, Débats, Documents, Recherches de l'Association Psychanalytique de France, 1984, pp. 9-24, 27-28, 43-46.

\_\_\_\_\_. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

\_\_\_\_\_. **Teoria da sedução generalizada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: WIDLÖCHER et al. **Pulsão de morte**. São Paulo: Escuta, 1998, pp. 13-30.

\_\_\_\_\_. A suposta pulsão de morte, uma pulsão sexual. In: **Trieb** – nova série, vol 1, no 1 e 2, 2002, pp. 203-224.

LOPARIC, Z. O conceito de trieb na psicanálise e na filosofia. In: TORRES, J-A. **Filosofia e Psicanálise: um diálogo**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, pp. 97-157.

\_\_\_\_\_. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. In: **Psicologia USP**, no 2, v.6, 1995, pp.39-61.

\_\_\_\_\_. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. In: **Percursos**, ano IX, n. 17, 1996, pp. 41-47.

\_\_\_\_\_. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In: **Winnicott e-prints** site: <http://www.cle.unicamp.br/winnicott-e-prints/texts.htm> Vol. 5, n. 1, 2006, eletronic version—ISSN 1679-432X, ISSN 1679-4311.

LOUREIRO, I. **O carvalho e o pinheiro. Freud e o estilo romântico**. São Paulo: Escuta, 2002.

MASOTTA, O. **A dualidade psíquica: o modelo pulsional**. Campinas: Papyrus, 1986.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

OGDEN, T.H. **Subjects of analysis**. London: Karnack Books, 1994.

- \_\_\_\_\_. Maintenir et contenir, être et rêver. In : GREEN, A (dir). **Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique. Le dedans et le dehors.** Paris: PUF, 2006, pp. 860-877.
- PACHECO-FERREIRA, F. “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?” Balint e Winnicott, herdeiros da clínica ferencziana. **Dissertação de Mestrado.** PUC-Rio, 2003.
- PETOT, J.-M. **Melanie Klein II.** São Paulo: Perspectiva, 1982.
- PHILLIPS, A. **Winnicott.** Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. **La mort qui fait aimer la vie : Darwin et Freud.** Paris: Payot, 2000.
- PICKERING, J. The *self* is a semiotic process. In: Gallagher, S. e Shear, J. (ed) **Models of the self.** London: Imprint Academic, 1999, pp. 63-79.
- PINHEIRO, T. **Ferenczi: do grito à palavra.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar / Editora UFRJ, 1995.
- PLASTINO, C.A. Como pensar o conceito de pulsão hoje? In: **TRIEB** nova série, vol 1 (n 1 e 2), 2002, pp. 157-181.
- PONTALIS, J.-B. Paradoxes de l’effet Winnicott. In: CLANCIER, A. e KALMANOVITCH, J. **Le paradoxe de Winnicott.** Paris: In Press Éditions, 1999, p. 193-198.
- PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RAYNER, E. **Le groupe des “Indépendants” et la psychanalyse britannique.** Paris: PUF, 1994.
- RECHARDT, E. e IKONEN, P. Sobre a interpretação da pulsão de morte. In: WIDLÖCHER et al. **Pulsão de morte.** São Paulo: Escuta, 1998, pp. 69-84.
- REID, W. Freud, Winnicott : les pulsions de destruction ou le goût des passerelles. In : **Revue Française de Psychanalyse**, tome LXVI, 4/2002, pp. 1157-1166.
- RICHARD, F. Winnicott: métapsychologie et pensée de la complexité. In: CYSSAU et al (org) **La nature humaine à l’épreuve de Winnicott.** Paris: PUF, 2006, p. 117-134.
- RICKMAN, J. **Selected Contributions to Psycho-analysis.** Londres: The Hogarth Press, 1957.
- RITVO, L. B. Darwin’s influence on Freud: a tale of two sciences. London: Yale University Press, 1990.
- RODMAN, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W. Winnicott.** London: Karnack Books, 1999.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ROUSSILLON, R. Actualité de Winnicott. In: CLANCIER, A. e KALMANOVITCH, J. **Le paradoxe de Winnicott**. Paris: In Press Éditions, 1999, pp. 9-26.

\_\_\_\_\_. **Agonie, clivage et symbolisation**. Paris: PUF, 1999.

\_\_\_\_\_. Paradoxes et pluralité de la pulsion de mort. In: GUILLAUMIN et al (org.). **L'invention de la pulsion de mort**. Paris: Dunod, 2000, pp. 71-87.

\_\_\_\_\_. **Le plaisir et la répétition: théorie du processus psychique**. Paris: Dunod, 2001.

\_\_\_\_\_. La pulsion et l'intersubjectivité In: Richard, François (dir) **Adolescence, Esprit du Temps**, tome 22, n 4, 2004, pp 735-753.

\_\_\_\_\_. Aménagements du cadre analytique In: Richard, François et Urribari, Fernand (dir) **Autour de l'oeuvre d'André Green**. Paris: PUF, 2005a, pp 53-65.

\_\_\_\_\_. Préconditions de l'aire transitionnelle: la déconstruction du narcissisme primaire. In: DUPARC, F. (dir). **Winnicott en quatre squiggles**. Paris: In Press, 2005b, pp. 70-83.

RUDNYTSKY, P.L. **The psychoanalytic vocation: Rank, Winnicott, and the legacy of Freud**. New York: Yale University Press, 2001.

RUBINSTEIN, M. A. La pulsion en la obra de Winnicott. In: **Revista Asociación escuela argentina de psicoterapia para graduados**, Buenos Aires, n 24, 1998, pp 345-352.

SCARFONE, D. **As Pulsões**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

\_\_\_\_\_. Laplanche and Winnicott meet... and survive. In: CALDWELL, L. (ed). **Sex and sexuality: winnicottian perspectives**. Londres: Karnac, 2005b, pp. 33-54.

SCHMIDT-HELLERAU, C. **Pulsion de vie, pulsion de mort. Libido et léthé**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 2000.

SOUZA, O. Aspectos do encaminhamento da questão da cientificidade da psicanálise no movimento psicanalítico. In: PACHECO FILHO, R.A.; DEBIEUX ROSA, M.; COELHO JUNIOR, N. (orgs.). **Ciência, representação e realidade na psicanálise contemporânea**. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2000, pp. 205-33.

\_\_\_\_\_. Notas sobre algumas diferenças na valorização dos afetos nas teorias psicanalíticas. In: Bezerra, B. e Plastino, C. A. (orgs). **Corpo, Afeto, Linguagem: a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2001a, pp. 285-98.



- \_\_\_\_\_. Os continentes psíquicos e o vazio em psicanálise. In: DA POIAN, C. (org.). **Formas do vazio: desafios do sujeito contemporâneo**. São Paulo: Via lettera, 2001b, pp.131-41.
- \_\_\_\_\_. Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicott. In: BEZERRA Jr, B. e ORTEGA, F (orgs) **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007, pp.315-344.
- STRACHEY, J. Notas sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação (1966). In: FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. ESB Vol I**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, pp. 29-36.
- URRIBARRI, F. La théorie dans la psychanalyse actuelle. À la recherche d'un nouveau paradigme. In : GREEN, A (dir). **Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique. Le dedans et le dehors**. Paris: PUF, 2006, pp. 653-660.
- VERMOREL, M. La pulsion de Goethe et de Schiller à Freud. In : Vermorel, H (et al). **Freud : judéité, lumières et romantisme**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1995, pp.133-149.
- WIDLÖCHER, D. Amour primaire et sexualité infantile: un débat de toujours. In: Widlöcher, D. **Sexualité infantile et attachement**. Paris: PUF, 2000, pp. 1-56.
- \_\_\_\_\_. **Les nouvelles cartes de la psychanalyse**. Paris: Odile Jacob, 1996.
- \_\_\_\_\_. Quel usage faisons-nous du concept de pulsion? In: Ouvrage Collectif. **La pulsion pour quoi faire?** Paris: Débats, Documents, Recherches de l'Association Psychanalytique de France, 1984, pp. 29-42,47-52, 69-72.
- \_\_\_\_\_. Mais où est donc l'objet de la pulsion ? In: La pulsion et le destin **Libres cahiers pour la psychanalyse**. Paris: In press, 2007, pp. 11-20.
- WINNICOTT, D.W. Discussion of war aims (1940) In: WINNICOTT, D.W. **Home is where we start from**. New York: W.W. Norton & Company, 1990, pp.210-220.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento emocional primitivo (1945). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 218-232.
- \_\_\_\_\_. A mente e sua relação com o psicossoma (1949). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 332-346.
- \_\_\_\_\_. Growth and development in immaturity (1950) In: WINNICOTT, D.W. **The family and the individual development**. London: Routledge Classics, 2006, p.29-41.

- \_\_\_\_\_. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional (1950-5). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 288-304.
- \_\_\_\_\_. Letter 18 to James Strachey (1951). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, p.24.
- \_\_\_\_\_. Ansiedade associada à insegurança (1952a). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 163-167.
- \_\_\_\_\_. Psicose e cuidados maternos (1952b). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 305-315.
- \_\_\_\_\_. Letter 25 to Melanie Klein (1952c). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp. 33-38.
- \_\_\_\_\_. Letter 26 to Roger Money-Kyrle (1952d). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp. 38-43.
- \_\_\_\_\_. Letter 36 to Anna Freud (1954). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, p.58.
- \_\_\_\_\_. Letter 38 to Clifford M. Scott (1954b). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp. 60-63.
- \_\_\_\_\_. Retraimento e regressão (1954c). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 347-354.
- \_\_\_\_\_. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico (1954d). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 374-392.
- \_\_\_\_\_. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal (1954-5). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 355-373.
- \_\_\_\_\_. Letter 55 to Michael Fordham (1955). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp.87-88.
- \_\_\_\_\_. Formas clínicas da transferência (1955b). In: **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 393-398.
- \_\_\_\_\_. Preocupação materna primária (1956a). In: WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 399-405.

- \_\_\_\_\_. Letter 64 to Barbara Lanthos (1956b). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp.107-110.
- \_\_\_\_\_. Letter 65 to Anna Kulka (1957). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp. 110-112.
- \_\_\_\_\_. Psycho-analysis and the sense of guilt (1958a). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, pp.15-28.
- \_\_\_\_\_. The capacity to be alone (1958b). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, pp. 29-36.
- \_\_\_\_\_. Nota sobre o relacionamento mãe-feto (década de 60). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas,1994, pp. 127-8.
- \_\_\_\_\_. The theory of the parent-infant relationship (1960a). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, pp.37-55.
- \_\_\_\_\_. Ego distortion in terms of true and false *self* (1960b). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, pp.140-152.
- \_\_\_\_\_. Observações adicionais sobre a teoria do relacionamento parento-filial (1961). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas,1994, pp. 59-61.
- \_\_\_\_\_. Ego integration in child development (1962). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, p. 56-63.
- \_\_\_\_\_. The Development of the Capacity for Concern (1963a) In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: The Hogarth Press, 1976, pp. 73-82.
- \_\_\_\_\_. From dependence towards independence in the development of the individual (1963b). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, p. 83-92.
- \_\_\_\_\_. Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites (1963c). In: WINNICOTT, D.W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Londres: Hogarth Press, 1976, p. 179-192.
- \_\_\_\_\_. Duas notas sobre o uso do silêncio (1963d). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas,1994, pp.66-69.

- \_\_\_\_\_. O medo do colapso (Breakdown) (1963e). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 70-76.
- \_\_\_\_\_. A importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise (1964). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 77-81.
- \_\_\_\_\_. O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família (1965a). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 102-115.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre retraimento e regressão (1965b). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 116-118.
- \_\_\_\_\_. Letter 98 to Hans Thorner (1966a) n: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, p. 154.
- \_\_\_\_\_. Letter 102 to Donald Meltzer (1966b). In: Rodman, R. (ed) **The spontaneous gesture: selected letters of D.W Winnicott**. London: Karnac Books, 1999, pp. 157-161.
- \_\_\_\_\_. O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva (1967a). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. pp.151-156.
- \_\_\_\_\_. D.W.W sobre D.W.W (1967b) In: WINNICOTT, D.W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.433-443.
- \_\_\_\_\_. A localização da experiência cultural (1967c). In: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 133-143.
- \_\_\_\_\_. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil (1967d). In: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a Realidade**, 1975, pp. 153 - 162
- \_\_\_\_\_. O Pensar e a Formação de Símbolos (1968a). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp.167-169.
- \_\_\_\_\_. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações (1968b). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 171-177.
- \_\_\_\_\_. *Sum, I am* (1968c) In: WINNICOTT, D.W. **Home is where we start from**. New York: W.W. Norton & Company, 1990, pp.55-64.
- \_\_\_\_\_. A experiência mãe-bebê de mutualidade (1969). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.195-202.

- \_\_\_\_\_. Cure (1970a) In: WINNICOTT, D.W. **Home is where we start from**. London: Norton and Company, 1990. p. 112 - 120.
- \_\_\_\_\_. Sobre as bases para o *self* no corpo (1970b) In: WINNICOTT, D.W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 203-218.
- \_\_\_\_\_. Individuação (1970c). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 219-222.
- \_\_\_\_\_. A criatividade e suas origens (1971a). In: WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 95-120.
- \_\_\_\_\_. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1971b). In: WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 13-44.
- \_\_\_\_\_. O brincar (1971c). In: WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 59-77.
- \_\_\_\_\_. **Human Nature**. London: Free Association Books, 1988.
- \_\_\_\_\_. D.W. Winnicott: uma reflexão (1989). In: WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp.1-13.